



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – Mestrado em Letras
Campus I – Prédio B4, sala 106 – Bairro São José – Cep. 99001-970 - Passo Fundo/RS
Fone (54) 3316-8341 – Fax (54) 3316-8330 – E-mail: mestradoletras@upf.br

ADEMAR BERGHETTI

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR EM DUAS GERAÇÕES
CONSECUTIVAS**

Passo Fundo

2018

ADEMAR BERGHETTI

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR EM DUAS GERAÇÕES
CONSECUTIVAS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo/RS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Becker

Passo Fundo

2018

Dedico esta produção aos amigos, familiares e professores e a todos aqueles que de alguma forma participaram na construção e na realização deste tão desejado sonho, o de cursar e concluir o Mestrado em Letras com sucesso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me sustentar em todos os momentos, por colocar pessoas especiais em meu caminho e tornar os sonhos realidade em minha vida.

Minha gratidão ao professor Dr. Paulo Ricardo Becker, uma pessoa muito especial, meu orientador de Mestrado, pela compreensão e por ter, em diversos momentos, sido mais do que um orientador, mas um amigo, bom ouvinte e conselheiro. Obrigado por ajudar a realizar meu sonho e por tornar-se participante dele.

Aos meus pais (in memoriam), que não tiveram a oportunidade de presenciar esta minha realização de vida, mas que sempre foram grandes incentivadores na busca da formação acadêmica, enquanto presentes entre nós.

À minha esposa e à minha filha, pelo companheirismo e por me ouvirem e aconselharem, sempre resilientes nas noites e nos fins de semana em que estive ausente, em meio a tantos livros e envolto em minha escrita.

Aos amigos e irmãos de fé, que oraram por mim e incentivaram todo esse percurso.

Às escolas da rede de ensino municipal de Marau/RS, pela oportunidade de utilizá-las como campo de pesquisa; e aos professores que contribuíram para minha investigação, respondendo ao questionário.

Aos profissionais do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, em especial aos professores que contribuíram para o fortalecimento do meu pensamento crítico nas discussões durante as aulas.

À banca examinadora, cujos componentes deram contribuições imprescindíveis e enriquecedoras para a minha pesquisa.

A todos que porventura não tenham sido citados, mas que contribuíram para que este sonho se tornasse real.

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (Marisa Lajolo)

RESUMO

A pesquisa tem como foco o processo de formação do professor leitor, contrapondo um grupo de dez professores que estão iniciando suas atividades no magistério, considerando o período de até 5 anos, com outro grupo de dez professores, com 25 anos ou mais de docência. Para tanto, a investigação efetivou-se em escolas da rede de ensino municipal de Marau/RS, com professores da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar a prática de leitura na formação do professor leitor em duas gerações consecutivas, a fim de identificar as experiências vivenciadas nesse processo que delimitaram uma formação mais efetiva. Para alcançar os objetivos propostos, são apresentados fundamentos sobre a leitura e seu papel dentro da escola, destacando a sua importância para a formação do aluno à luz do pensamento defendido por vários teóricos da área, dentre eles, cita-se: Regina Zilberman (2012), Marisa Lajolo (1997), Tania Mariza Kuchenbecker Rösing (2001), Michèle Petit (2008), Max Butlen (2012), Pierre Bourdieu e Roger Chartier (2001), que compõem o referencial teórico. Nesse contexto, desenvolveu-se a pesquisa tendo por base a questão norteadora: Houve alterações significativas na formação dos professores leitores, da geração passada para a atual, e, em caso afirmativo, quais são elas? E, como hipótese para essa questão, tem-se que, por meio das informações obtidas, busca-se identificar a ocorrência de alterações significativas no contexto pesquisado e verificar se os professores que estão ingressando no magistério são mais preparados em relação àqueles que estão em final de carreira. O instrumento de investigação consistiu na aplicação de um questionário, metodologia que se mostrou ser mais adequada e prática para a obtenção das informações pretendidas. A análise da trajetória do professor leitor foi efetivada com base em algumas categorias, como a formação leitora, o papel dos mediadores de leitura, as experiências e as preferências, a leitura da literatura, o acervo pessoal, a participação em atividades culturais leitoras e a conscientização, por parte do pesquisado, de sua relação com a leitura.

Palavras-chave: Formação de leitura. Mediadores de leitura. Biblioteca escolar. Professor.

ABSTRACT

The research focuses on the process of teacher training, contrasting a group of ten teachers who are starting their teaching activities, considering the period of up to five years, with another group of ten teachers, with twenty-five years or more of teaching. For this, the investigation was carried out in schools of the municipal education network of Marau / RS, with teachers of Childhood Education to the 9th year of Elementary School. Thus, this work aims to analyze the reading practice in teacher training in two consecutive generations, in order to identify the experiences lived in this process that delimited a more effective formation. In order to achieve the proposed objectives, it will be presented fundamentals about reading and its role within the school, highlighting its importance for the student's formation in the light of the thinking defended by several theorists of the area, among them: Regina Zilberman (2001), Marisa Lajolo (1997), Tania Mariza Kuchenbecker Rösing (2001), Michèle Petit (2008), Max Butlen (2012), Pierre Bourdieu and Roger Chartier (2001), who make up the theoretical framework. In this context, the research was developed based on the guiding question: Have there been significant changes in the training of reading teachers, from generation past to present, and, if so, what are they? And, as hypothesis for this question is that through the information obtained seeks to identify the occurrence of significant changes in the context researched as hypothesis for this question is that through the information obtained seeks to identify the occurrence of significant changes in the context researched and, if the teachers who are entering the teaching profession are more prepared in relation to those who are at the end of the career. The research instrument consisted of the application of a questionnaire, which seems to be the most appropriate and practical for obtaining the information sought. The analysis of the teacher's reading trajectory was carried out based on some categories, such as the reading formation, the role of the reading mediators, the experiences and the preferences, the reading of the literature, the personal collection, the participation in cultural activities readers and the awareness of the relationship between reading and reading.

Keywords: Reading training. Reading Mediators. Schoollibrary. Teacher.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Idade dos sujeitos da pesquisa	65
Gráfico 2	Gênero dos sujeitos da pesquisa	66
Gráfico 3	Formação acadêmica dos sujeitos da pesquisa	67
Gráfico 4	Área de formação dos sujeitos da pesquisa	68
Gráfico 5	Nível escolar em que os sujeitos da pesquisa lecionam.....	68
Gráfico 6	Aquisição de livros pelos pais	74
Gráfico 7	Incentivadores de leitura	75
Gráfico 8	Existência de biblioteca.....	77
Gráfico 9	Funcionamento da biblioteca.....	79
Gráfico 10	Acervo da biblioteca	80
Gráfico 11	Empréstimo de livros	81
Gráfico 12	Espaço físico da biblioteca	82
Gráfico 13	Materiais de leitura disponibilizados pela escola	83
Gráfico 14	Formas de incentivo à leitura	84
Gráfico 15	Motivações para leitura no magistério	86
Gráfico 16	Frequência à biblioteca	89
Gráfico 17	Frequência de leitura e tempo dedicado a ela.....	93

LISTA DE ABREVIATURAS

BCD	Biblioteca Centro de Documentação
Cesurg	Centro de Ensino Superior Riograndense
ENAP	Escola Nacional de Administração Pública
Fabe	Faculdade da Associação Brasileira de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Inaf	Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional
LER	Leitura, Ensino e Recepção
MEC	Ministério da Educação
PNLL	Programa Nacional do Livro e da Leitura
RBE	Rede de Bibliotecas Escolares
Seja	Serviço de Educação de Jovens e Adultos
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR	15
1.1	ABORDAGEM HISTÓRICA DA LEITURA.....	15
1.1.1	Experiências de leitura no Brasil	17
1.2	A ESCOLA E A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	18
1.3	LEITURA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	23
2	MEDIADORES DE LEITURA	28
2.1	O PROFESSOR COMO MEDIADOR DE LEITURA.....	28
2.2	MEDIAÇÃO DE LEITURA	34
2.3	A MEDIAÇÃO DA LEITURA NA APRENDIZAGEM.....	37
2.4	A BIBLIOTECA ESCOLAR NO CONTEXTO DA LEITURA.....	42
2.4.1	A biblioteca escolar e a promoção da leitura	48
2.5	BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR DA LEITURA	51
2.5.1	O papel social do bibliotecário	52
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	55
3.1	CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE MARAU/RS	55
3.1.1	Origem e emancipação	55
3.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	58
3.3	ETAPAS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA	59
3.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS	60
3.5	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	63
4	PERFIL DAS DUAS GERAÇÕES DE LEITORES	65
4.1	IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	65
4.2	TRAJETÓRIAS DE LEITURA.....	69
4.2.1	Leituras na primeira infância	69
4.3	BIBLIOTECAS NO CONTEXTO ESCOLAR	76
4.4	INCENTIVOS À LEITURA	82
4.5	LEITURAS PRATICADAS NO MAGISTÉRIO.....	84
4.6	LEITURAS E FINALIDADE.....	87
4.6.1	Leituras na internet	90

4.6.2	Frequência de leitura e tempo dedicado	92
4.6.3	Leituras marcantes	93
4.7	MOTIVAÇÕES PARA LEITURA	95
4.8	SIGNIFICADO DA LEITURA	96
4.9	PROMOÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA	98
4.10	CONSCIENTIZAÇÕES DA PRÁTICA DE LEITURA	100
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
	REFERÊNCIAS	108
	APÊNDICE	114

INTRODUÇÃO

A leitura está presente em todos os ambientes da sociedade e por intermédio dela o indivíduo pode ampliar seu conhecimento, aperfeiçoar a escrita, o vocabulário, compreender melhor o mundo no qual está inserido, entre outros aspectos que levam à reflexão e à formação do senso crítico. Portanto, o sucesso da formação leitora depende dos estímulos recebidos e dos materiais disponíveis para essa prática.

Assim, este trabalho tem como objetivo analisar a prática de leitura na formação do professor leitor em duas gerações consecutivas, a fim de identificar as experiências vivenciadas nesse processo que delimitaram uma formação mais efetiva. Com base nessas questões, justifica-se a escolha desse tema, pois se entende a leitura como um processo contínuo e de formação crítica dos indivíduos, e não apenas em aulas específicas de leitura ou gramática ou para ser trabalhada pelo professor de forma descontextualizada da vivência do aluno e do mundo que o cerca. Para alcançar os objetivos propostos, são apresentados fundamentos sobre a leitura e seu papel dentro da escola, destacando a sua importância para a formação do aluno à luz do pensamento defendido por vários teóricos da área, dentre os quais Regina Zilberman (2012), Marisa Lajolo (1997), Tania Mariza Kuchenbecker Rösing (2001), Michèle Petit (2008), Max Butlen (2012), Pierre Bourdieu e Roger Chartier (2001), que compõem o referencial teórico.

Isso posto, delimitou-se o tema da pesquisa considerando o processo de formação do professor leitor, contrapondo um grupo de dez professores que estão iniciando suas atividades no magistério, considerando o período de até 5 anos, com outro grupo de dez professores, com 25 anos ou mais de docência da rede de ensino municipal de Marau/RS.

Nesse contexto, desenvolveu-se a pesquisa tendo por base a questão norteadora: houve alterações significativas na formação dos professores leitores, da geração passada para a atual, e, em caso afirmativo, quais são elas? E, como hipótese para essa questão, tem-se que, por meio das informações obtidas, busca-se identificar a ocorrência de alterações significativas no contexto pesquisado e verificar se os professores que estão ingressando no magistério são mais preparados em relação àqueles que estão em final de carreira.

A formação de leitores acontece mediante certas condições de acesso aos materiais de leitura e estímulos a essa prática, presentes na família ou na escola. Dessa maneira, no processo de formação de leitores, a escola assume um papel primordial, que não pode ser ignorado, pois ela abre um leque de possibilidades para transformar os seus alunos em leitores.

As escolas, assim como os professores, exerce uma força vasta no que diz respeito à formação de leitores. Porém, muitas vezes, percebe-se que essa força é desconhecida ou não é praticada por uma parcela de educadores. Além desses mediadores, ainda existe um campo amplo que precisa ser explorado: família, bibliotecas, editoras, contadores de histórias, etc.

A leitura é um dos meios que o indivíduo tem de se comunicar com o mundo, de ter contato com novas ideias, pontos de vista e experiências que talvez sua prática jamais lhe proporcionaria. Todavia, não ler traz prejuízos que vão desde o desenvolvimento pessoal e profissional até a ampliação das desigualdades sociais, pois a leitura é um processo que está atrelado à educação de indivíduos. Nesse sentido, as ações não devem acontecer isoladamente, é preciso que governo, empresários, escola e família se movam em parceria à promoção da leitura e que seja dada a ela o destaque merecido. Portanto, formar um leitor supõe formar alguém apto a compreender o que lê; capaz de aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; e preparado para estabelecer relações não só entre o texto que lê e outros textos já lidos, mas também entre suas leituras e o mundo que o cerca.

Utiliza-se a leitura em vários locais e com diversas finalidades em nossa vida: no trabalho, na escola, no lazer ou em casa. Nessa perspectiva, a formação do leitor inicia-se no âmbito familiar e continua esse processo na escola, tendo como mediador o professor, em quem se encontra a possibilidade de diversificar o conhecimento, porém, esse leitor deve ser compreendido como sendo aquele que estabelece uma relação aprofundada com a linguagem e as significações, pois os que apenas se relacionam de modo mecânico com o texto não se constituirão leitores sem um trabalho efetivo. Nesse contexto, o comprometimento com o ato de ler não pode ser delegado somente à escola, deve ser uma parceria entre escola e família.

A capacidade de ler é considerada essencial à realização profissional e individual do ser humano. Por isso, o hábito da leitura necessita ser inserido, estimulado e treinado desde a infância, envolvendo os diversos tipos de leitura, seja em sua educação nata (em casa) ou no contínuo aprender (na escola, no trabalho e por toda a vida). Desse modo, as atividades de incentivo à leitura são imprescindíveis em qualquer escola, principalmente no ensino fundamental, no qual é mais fácil de inserir tal hábito, pois as crianças têm a grande capacidade de brincar, de sonhar e de imaginar, e, brincando, assimilam e assumem as atividades como parte de seu dia a dia. No entanto, essas atividades precisam ser realizadas com a colaboração mútua entre professores, alunos e a biblioteca da escola.

Um profissional da educação sem preparo, que pouco conhece os textos em circulação, desprovido de recursos para conduzir seus alunos ao caminho da leitura, desconhecedor de

técnicas e metodologias adequadas, não se efetivará nesse processo. Como mediador do hábito de ler, deverá propiciar atividades práticas que se fundamentem nessa lógica, criando diferentes momentos de leitura alicerçados em estratégias capazes de promover distintos níveis de letramento.

Sabe-se que a mediação da leitura ocorre, sem sombra de dúvidas, na escola e pelo professor, que, por sua vez, tem a incumbência de formar-se professor leitor e, posteriormente, profissional leitor. Para tanto, caberá a ele desenvolver-se enquanto pessoa e profissional, de direitos e deveres, usufruindo da prática da leitura, a fim de contribuir com o exercício de uma cidadania crítica e justa. Ao buscar novas ações leitoras, o professor obterá oportunidades, sempre renovadas, melhorando, significativamente, estruturas textuais disponibilizadas em seu dia a dia, além de refinar seu conhecimento literário. Para isso, a escolha de bons livros, em especial os literários, favorecerá sua capacidade de criar, sensivelmente, sua individualidade cultural, comprometendo-o com demais práticas fundamentais do ato de ler. Então, deve-se provocar não somente o resgate pelo gosto da leitura, mas também, e em especial, a sua compreensão. Desse modo, o professor identificará interesses e dificuldades durante as atividades de leitura em seus alunos, proporcionando-lhes ampliar e estreitar o diálogo, e, por esse motivo, reforçará a leitura, frente às modificações modernas que se apresenta.

A fundamentação teórica deste estudo pautou-se especialmente em reflexões sobre a considerada formação leitora e as contribuições de autores significativos que evidenciam o que se tem pesquisado sobre a temática, buscando interlocuções com as informações dos pesquisados. Com o intuito de demonstrar uma proposta teórico-metodológica embasada na junção entre teoria e prática, escolheu-se apresentar a fundamentação teórica seguida da análise e síntese dos resultados da pesquisa empírica, ficando o estudo estruturado em quatro capítulos, além da introdução, das considerações finais, das referências e do apêndice.

Na introdução, apresenta-se o tema de uma forma sucinta, apontando aspectos que foram abordados durante todo o trabalho. O primeiro capítulo apresenta a formação do professor leitor, com uma abordagem histórica da leitura, experiências de leitura no Brasil, a escola e a formação do leitor e leitura como instrumento de transformação social.

No segundo capítulo, abordam-se os mediadores de leitura, enfatizando o papel do professor nesse processo, além da própria mediação de leitura, a mediação da leitura na aprendizagem, a biblioteca escolar no contexto da leitura, a biblioteca escolar e a promoção da leitura, o bibliotecário como mediador de leitura e o papel social do bibliotecário.

No terceiro capítulo, mostra-se o caminho trilhado para obter os dados da pesquisa com o suporte da metodologia, contexto do município de Marau/RS, sua origem e emancipação, procedimentos metodológicos da pesquisa, etapas e instrumentos da pesquisa, procedimentos de coletas de dados e análise e interpretação de dados.

O quarto capítulo traz o perfil das duas gerações de leitores, ou seja, a análise das informações obtidas por meio dos questionários aplicados a vinte professores da rede de ensino municipal de Marau/RS, demonstrando de que modo ocorreu o processo de formação leitora, relacionando-os ao aporte teórico definido e a outras evidências obtidas a partir dos dados coletados.

Nas considerações finais, apresentam-se as observações a que se chegou, buscando suscitar reflexões que possam servir de estímulo a novas pesquisas. Por fim, nas referências bibliográficas, são relacionados os autores pesquisados à fundamentação teórica, e, no apêndice, está inserido o roteiro de pesquisa utilizado na coleta de dados.

Esta pesquisa não pretende estabelecer de forma definitiva o perfil do leitor, porém, ela serve como um primeiro passo para uma discussão sobre a formação do professor leitor da rede de ensino municipal de Marau/RS. De modo específico, busca-se investigar os possíveis fatores que interferem nesse processo, como a atuação dos mediadores de leitura, o acesso a bibliotecas, a prática da leitura, comparando as singularidades observáveis na metodologia de formação leitora de cada geração.

1 FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR

A leitura é responsável por contribuir, de forma significativa, com a formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu cotidiano e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma. Nesse contexto é primordial que a leitura propriamente dita ocorra em ambientes favoráveis à sua aquisição, mas, acima de tudo, seja propiciada, respeitando o nível sociocultural do leitor. Para tanto, uma das ferramentas insubstituíveis, que condicionam esse aprender é o domínio da linguagem, adquirido a partir da leitura e da escrita, que, por sua vez, repercutirão em todas as áreas do conhecimento.

1.1 ABORDAGEM HISTÓRICA DA LEITURA

A história da leitura tornou-se um campo de estudos muito profícuo e, como nas várias épocas da história humana, a prática da leitura foi transformando-se de acordo com a construção social de cada uma dessas épocas. Desse modo, a relação que temos hoje com a leitura, por exemplo, está associada intimamente às construções de hábitos sociais dependentes da tecnologia, como a tela de computador e a internet.

Por conseguinte, a leitura está intimamente relacionada ao contexto sócio-histórico das sociedades. Sua dinâmica se modifica de acordo com a compressão e a finalidade da ação de ler. O leitor, então, é sempre um sujeito condicionado por concepções construídas historicamente.

Os leitores, além de sua irreduzível singularidade, agrupam-se segundo interesses, habilidades e práticas muito diversos, obrigando o mercado de bens culturais – compreenda-se aqui leitura como compreensão e interpretação de signos não apenas verbais – a segmentar-se e especializar-se. A escola, a seu turno, tem testemunhado a perda de sua autoridade enquanto instituição social, por ater-se à reprodução, em geral passiva, do saber acumulado, e sem ligação com as realidades do mundo, formando basicamente uma mão de obra dócil para o capital (RÖSING, ZILBERMAN, 2016, p. 191-192).

Em seu artigo *Leitura, necessidade; literatura, prazer*, Rosa Amélia Pereira da Silva¹ (2014, s. p.) salienta que o processo de transformação da leitura aconteceu à medida que os hábitos humanos foram se remodelando, exigindo novos recursos de leitura. Por exemplo,

¹Membro do grupo Leitura, Ensino e Recepção (LER). Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília.

primeiro, os escritos foram em tábuas de barro, de metal, em couro, em papiro, depois, em pergaminhos, até que veio o papel: daí a descoberta da forma códex no império romano, o avanço para o códice, em papel, em livro impresso com a criação da imprensa, e, hoje, há, inclusive, o livro digital. O homem primitivo lia os sinais deixados nas cavernas, os desenhos sobre as rochas que podiam reportar fatos, ser indicativos, avisos; lia mensagens deixadas em cascas de árvores, ilustradas em rochedos, etc.

A leitura em sua forma completa surgiu quando se começou a interpretar um sinal pelo seu valor sonoro isoladamente em um sistema padronizado de sinais limitados. A leitura deixava de ser uma transferência um a um para se tornar uma sequência lógica de sons que recriasse uma linguagem natural humana. Em vez de lerem imagens, lia-se, desse modo, a linguagem (FISCHER, 2006, p. 15).

Vale sublinhar que toda essa renovação no processo de obtenção da escrita e da leitura acontece contígua às práticas comerciais, às necessidades de inscrições contábeis, transações, escrituras, expedição de documentos oficiais. Aprendia-se a ler memorando e, à medida que o acadêmico assimilava, avançava para produções mais complexas: provérbios, frases, listas de nomes, textos inteiros. O prestígio da leitura e da escrita cresceu e, por consequência, estabeleceu-se o status de cultura letrada para as sociedades que assim passaram a agir. Nesse âmbito,

[...] há muitos registros na história de que as pessoas se surpreendiam quando viam outras lendo em silêncio, como se essa atitude fosse algo grandioso e difícil; por exemplo, as tropas de Alexandre, o Grande, ficaram surpresas, quando o presenciaram lendo silenciosamente. Nesse contexto social, podem-se reconhecer dois tipos de leitores: os leitores ativos e os leitores passivos. Ser leitor ativo significava ser o leitor prático, dominar o código escrito estabelecido e transformá-lo em linguagem oral. Ser leitor passivo significava ouvir alguém decifrando um código escrito (SILVA, 2014 s.p.).

A esse respeito, Silva (2014) também enfatiza que “apesar de a população romana, se comparada à população grega, ter um número bem significativo de leitores reais, o número de leitores passivos ainda era bem maior do que os ativos”. Nesse contexto de passagem de cultura oral para a cultura escrita pelo qual passava o povo romano, o poeta romano clássico Públio Virgílio Maro produziu textos marcantes. São Benedito e Santo Agostinho, na Idade Média, contribuíram significativamente, em suas práticas doutrinárias, nos monastérios, para a consolidação da leitura silenciosa.

1.1.1 Experiências de leitura no Brasil

Com a evolução dos povos e das nações, a leitura tornou-se uma necessidade cada vez mais presente na vida dos indivíduos, como forma de entender e acompanhar as transformações do mundo em que estão inseridos. Nesse âmbito, em meados de 1808, com a presença da família Real em solo brasileiro, começou um processo de modernização cultural, os jornais – até então pouco procurados – passaram a fazer parte da vida privada e estavam intensamente ligados ao cotidiano das pessoas, que procuravam se informar dos fatos políticos e culturais de sua sociedade. A expansão da imprensa periódica constituiu-se em uma das bases fundamentais para a vida intelectual da época no que se refere à comunicação de informações, à modernização de novos conceitos e, até mesmo, como fonte de educação. De acordo com Galvão e Batista (1998, p. 34),

[...] a partir do século XIX, com a implantação da imprensa régia em 1828, o Brasil iniciou sistematicamente a impressão de livros. Até então, não só na escola, mas nas diversas instâncias sociais, eram raros os objetos disponíveis para a leitura, havia poucos lugares onde se poderiam adquirir esses objetos (bibliotecas e livrarias só existiam nas cidades mais populosas) e, conseqüentemente, poucos eram os leitores.

A imprensa escrita passou a ser veiculada, também, como meio de entretenimento e o elemento que iniciou essa prática foi a divulgação diária de folhetins, como no derradeiro romance em forma de folhetim traduzido, divulgado no *Jornal do Comércio*. A partir de então, tal prática alcançou o gosto popular e essas se tornaram leituras cotidianas. Nesse sentido, os periódicos surgiram como um dos meios de desenvolvimento do público leitor, por meio do uso de uma estratégia ainda comum nas telenovelas de hoje, caracterizado por finalizar a história ali relatada em um momento de suspense, induzindo a pessoa a ver o próximo capítulo, no caso, o jornal da próxima edição. Ainda, em conformidade com Galvão e Batista (1998, p. 45),

[...] da década de 20 até meados da década de 50, inúmeros livros de leitura foram produzidos e algumas editoras especializaram-se na produção de livros didáticos. Nesse momento, várias reformas de ensino foram empreendidas por diversos Estados. Chegava ao século XX com mais de 80% da população analfabeta, o que foi considerado, nos meios intelectuais, uma “vergonha nacional”. Nas reformas, a maioria dos Estados adotou, definitivamente, o ensino seriado.

A escola constitui o espaço por excelência de aprendizagem, valorização e consolidação da leitura. Ela conta, por seu turno, com uma história especial, da qual fazem

parte as diferentes filosofias educacionais, as concepções relativas aos processos de ensino e o modo de organização do aparelho pedagógico. Nessa perspectiva, Zilberman (2012, p. 149) refere que “o universo da leitura envolve o ser humano por todos os lados, estimulando a aprendizagem, tarefa delegada à escola, por ocasião da alfabetização, nos primeiros anos da educação fundamental”. Relativamente à leitura enquanto procedimento de decodificação de textos escritos, pressupõe-se a efetivação de tomadas de posição pelo menos sobre os seguintes tópicos: método de alfabetização; tipo de livro escolhido; educação artística e ensino da literatura. Essas discussões que se acirraram nos últimos anos, acompanham a história da leitura no Brasil e, desde que se tornou nação independente, o país se depara com a necessidade de enfrentar e derrubar as altas taxas de analfabetismo da população.

Na busca pela melhoria do incentivo à leitura e escrita no país, há três perspectivas para as quais devemos voltar os nossos olhares: o governo, a escola e o próprio lar. Assim, é essencial que se saiba mais sobre os fatores envolvidos na leitura eficiente, os interesses e as preferências dos alunos leitores numa sociedade em constante mudança, os efeitos da leitura em diferentes segmentos da população, os procedimentos apropriados para o ensino da leitura e as necessidades da leitura na população.

1.2 A ESCOLA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Na contemporaneidade, a leitura é um instrumento indispensável para o convívio na coletividade, bem como para o delineamento de novos limites do saber. O êxito escolar, profissional, pessoal e social está relacionado às aptidões de leitura da pessoa, uma vez que a vida do leitor o coloca em contato com o universo, com ideias inovadoras, conhecimentos e práticas. Em concordância com Betencourt (2000, p. 29), “para que a leitura se torne uma prática constante é importante que a criança, desde cedo, conviva em ambiente sociocultural que possibilite a leitura dos diferentes textos que transitam na sociedade e, especialmente, do texto escrito, privilegiado pela cultura letrada”. Nunca se falou tanto em leitura como na modernidade e isso tem instigado a imprensa e a sociedade a exigirem educadores mais letrados, capazes de formar alunos letrados.

Kleiman (1989) e Orlandi (1988) apresentam uma visão sobre leitura como processo interativo, construído nas relações sócio-históricas e culturais. Assim, reconhece-se que a leitura é um processo histórico no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significados de um texto, em uma situação social e cultural, a partir dos propósitos que

estabelece para a leitura, seu conhecimento prévio, isto é, os conhecimentos de mundo, linguístico e textual.

A leitura consente a grupos sociais menos favorecidos ter proximidade com saberes primordiais à vida e como possibilidade de transfiguração de posição societária. No entendimento de Bordini e Aguiar (1993, p. 10), “a leitura permite aos indivíduos crescerem e atuarem, modificando o meio onde vivem através dos subsídios fornecidos pela leitura”, e a expansão do conhecimento que daí decorre outorga-lhes assimilar melhor o presente e seu papel como sujeito histórico. O acesso às mais variadas redações, informativos e literários propicia, assim, a contextura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e outros homens.

A socialização do sujeito se faz, para além dos contatos pessoais, também por meio da leitura, quando ele se defronta com produções expressivas procedentes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita. Claudia Toldo (2009, p. 50) salienta que “a leitura faz com que se desenvolva uma familiaridade com a língua escrita através da leitura de todo gênero textual, numa quantidade tal que faça o sujeito gostar de ler e de perceber a importância da leitura para sua vida pessoal e social”. Depreende-se daí que a leitura exerce papel fundamental na aquisição do saber que permite o acesso aos distintos indivíduos das produções culturais, científicas, filosóficas entre outros, isso é, uma forma de socialização do saber através de uma linguagem simples, seja ela literária ou informativa, logo, permite o desenvolvimento contínuo desses sujeitos.

Uma vez evidenciada a magnitude da leitura no processo de formação de diferentes indivíduos, torna-se oportuno entender também a leitura por um lado quase sempre desconsiderado por educadores e profissionais de educação: a leitura externa aos impressos quase sempre não é vista de forma reconhecida, contudo, sabe-se que, continuamente, dá-se a leitura das imagens, expressões corporais, gestos, sons e tantos outros fenômenos que acontecem como mecanismos de interação de uns com os outros. Por esse ângulo, Zilberman (2012, p. 148) destaca que “as pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas e que, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens”. Assim, é fundamental que as leituras que estão presentes no cotidiano dos estudantes sejam valorizadas pelos profissionais formadores de leitores.

O espaço escolar não deve ser considerado sozinho como responsável pela formação do leitor, tampouco como único lugar onde haja uma mediação de leitura excitante, visto que essa intermediação pode e deve ser concretizada em outros ambientes, como o familiar, o

eclesiástico e o empresarial, entre outros. No entanto, ainda se percebe a relevância e a responsabilidade da escola na formação de leitores, em especial daqueles que não possuem outros padrões de leitura adequados, como os alunos oriundos das classes menos beneficiadas socioeconomicamente. Noutras palavras, a escola deve, portanto, desenvolver estratégias de leitura que estabeleçam um diálogo com as ideias de seus leitores, obtendo como resultado sujeitos críticos, reflexivos, curiosos e criativos, características cruciais aos que desejam construir conhecimento. Bosi (1994, p. 21) comunga dessa ideia frisando: “o que é ler senão aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento do outro? Ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão”. Nesse sentido, a escola tem a incumbência de proporcionar ao leitor identificar-se enquanto um ser coletivo, mas, ao mesmo tempo, singular, capaz de tornar-se consciente de que seu desempenho social esteja ligado às suas buscas, inclusive o prazer e o aprendizado por intermédio da leitura e da construção de sentidos.

A formação de um leitor ocorre em qualquer espaço, por intermédio de práticas culturais e do estímulo à leitura, principalmente no que tange à sua funcionalidade, assim como no que se refere à busca pessoal de crescimento e de incentivos por parte da família. Daí entendermos que o processo de letramento se inicia no contexto familiar, tendo em vista o papel da escola e de outras instituições que devem idealizar estratégias adequadas e um planejamento eficiente no intuito da realização desse processo, que garantirá o desenvolvimento autônomo dos leitores em formação. Facilmente se pressupõe, então, que um indivíduo pode ser considerado leitor no momento em que ele estabelece vínculos daquilo que lê com conhecimentos já apreendidos em seu contexto cotidiano. Ainda, quando a leitura passa a ser um aspecto primacial na rotina de um sujeito, isso é, quando ele percebe os sentidos criados a partir do ato de ler, não apenas pelas possibilidades de significados dos códigos, mas a partir da percepção de ideias tácitas que estão imersas nas múltiplas linguagens apresentadas, inteligíveis somente por meio de uma leitura crítica.

Nessas circunstâncias, percebe-se ainda que há outras vantagens em relação ao ato de ler, pois tal prática amplifica o contato com o conjunto lexical das línguas que se aprende. Bordini e Aguiar (1993, p. 9) concordam que “através das trocas linguísticas, o indivíduo se certifica de seu conhecimento do mundo e de outros homens, assim como de si mesmo, ao mesmo tempo em que participa das transformações em todas as esferas”. Então, a linguagem verbal é, entre as configurações de expressão e comunicação, a mais utilizada pelo homem. Essas ponderações confirmam a ideia de a leitura permitir a aquisição de novos saberes, a construção de sentidos inovadores, a melhoria das relações interpessoais, pois o ato de ler proporciona conhecer melhor

os membros de um mesmo grupo de convivência. É por meio da leitura que se conhece os direitos e se aprende a lutar por eles e, além de seu aspecto de formação social, a leitura apresenta-se também como forma de conhecer novas culturas com seus valores e, dessa maneira, entender melhor as relações entre grupos, assim como suas práticas.

A formação de uma sociedade leitora não envolve apenas a constituição de instituições indispensáveis à sua constituição, tais como escolas, bibliotecas, editoras, livrarias, entre outras. É preciso, também, considerar a natureza dessas instituições, o sentido de suas orientações e de suas práticas. Nessa concepção, Bourdieu e Chartier (2001, p. 231-248) enfatizam que “o sistema escolar representa o papel que representa em nossas sociedades, isto é, quando se torna a via principal ou exclusiva do acesso à leitura, e a leitura torna-se acessível praticamente a todo o mundo”. Portanto, não ler traz prejuízos que vão desde o desenvolvimento pessoal e profissional até a ampliação das desigualdades sociais, pois a leitura é um processo que está ligado à educação de sujeitos.

Conseqüentemente, os objetivos das políticas de leitura devem estar relacionados ao contexto do processo ensino-aprendizagem, possibilitando aos envolvidos introduzir-se no universo transformador da leitura, pois ela é fonte de construção do saber, por isso, imprescindível na educação em qualquer nível. E, tendo em vista sua relevância no processo de compreensão de mundo, constitui hoje uma demanda social.

É importante evidenciar que, quando se assume como leitor, observa-se que, muitas vezes, o indivíduo assume também uma postura diante das descobertas sobre a vida e as coisas do mundo, pois a leitura pode despertar o desejo de desvendar aquilo que o inquieta e atrai de algum modo. Por essa razão, conversar sobre a relação que se tem com a leitura e a literatura torna-se fundamental no processo de troca e intercâmbio de experiências. Afinal, quando se fala informalmente com os estudantes sobre os livros de que se gosta, compartilham-se as idas à livraria e socializa-se o que se sente durante a leitura de determinado título. Dessa forma, colabora-se para que os alunos percebam que os livros e a literatura existem dentro da escola e também fora dela, e, por isso, cada leitor deve ficar atento à necessidade de ampliar as suas estratégias de busca e compreensão acerca do que lê e também expandir os seus passos em direção ao encontro com os livros, quer sejam impressos, quer sejam digitais.

O conhecimento literário e o prazer pela leitura são requisitos para a construção de um professor formador de leitores. Desse modo, o deleite do educador pela leitura e a consciência de seu papel podem envolver os alunos e fazê-los ler. Em termos metodológicos, é preciso

dar-lhes uma grande quantidade e variedade de livros, porque o patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade está fixado em diferentes tipos de livros, e isso torna indispensável as visitas frequentes à biblioteca. Não obstante, o professor que realmente é formador de leitores tem abertura às diversas interpretações que a obra literária pode suscitar e tenta sempre aprender com elas.

Para formar leitores, é preciso que o docente também o seja e que venha fomentar a leitura, para, assim, aguçar um encantamento nessa prática. Nesse processo, se faz necessário conquistar o aluno, apresentar-lhe a leitura como algo aprazível, atraente, e instigá-lo para o mundo da literatura, revelando uma atitude de desejo nas palavras de um escritor. Assim, percebe-se que

[...] a todo o momento, nas escolas, nas instituições públicas, nos projetos de responsabilidade social de grandes empresas, na mídia, nas redes sociais e até mesmo em conversas cotidianas ouvimos falas assertivas sobre a importância da leitura. De maneira geral, o prazer, o lazer e a fonte de conhecimentos são as principais justificativas para sua valorização (RÖSING; FERRARI, 2016, p. 193).

Importa salientar que é constante por parte dos educadores a discussão da formação leitora, todavia, isso se demonstra como atividade complexa para muitos professores. Assim, observa-se o esforço em fazer do aluno um grande leitor, mas a preocupação sobre a sua própria relação com o livro e a relevância no desenvolvimento do hábito de ler das crianças à sua volta está distante.

A discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê (LAJOLO, 1997, p. 108).

Nesse sentido, o educador precisa ser leitor, buscar perseverantemente a leitura em seu cotidiano, pois a performance pedagógica está associada a uma prática diversificada buscando um fazer fundamentado no ensino de leitura com qualidade e quem demanda e quem realiza a leitura presente na classe são os professores, os quais exigem o fazer, uma prática efetivamente realizada e avaliada na aprendizagem. De acordo com Betencourt (2000, p. 8), “quando reconstitui sua história de leitura, cada professor conscientiza-se da própria situação enquanto leitor, passando a limpo experiências até então esquecidas ou não valorizadas”.

Nesse processo, necessita-se criar condições para que a leitura ocorra e rever práticas pedagógicas impertinentes que não criam ambientes para ler, uma vez que os acadêmicos estão condicionados pelos organismos socioculturais, que os distanciam desse hábito e rapidamente passam a detestar a leitura, e, sob esse aspecto, a didática de leitura mata gradativamente o aluno-leitor. Por consequência, o professor não leitor é desqualificado para ensinar a leitura com exultação, uma vez que seu repertório literário é limitado.

Há uma primordialidade de movimentar todos os sujeitos da educação para que sejam criadas condições de leitura e o professor precisa sair do anonimato, da sombra, da escuridão, a fim de que possa observar e raciocinar mais sobre o mundo ao seu entorno, como indivíduo participante e não como um mero espectador. Portanto, ressalta-se que

[...] precisamos ter no horizonte a formação de leitores que busquem na letra a experiência registrada pela humanidade, que compreenda o homem como um ser de contradições, que vislumbre uma existência para além do cotidiano e do imediato, que, sem abdicar da subjetividade e de objetivos pessoais, construa projetos coletivos (RÖSING; FERRARI, 2016, p. 199).

A primazia do professor é ser leitor atuante, para, desse modo, motivar o hábito de leitura em seus educandos e realizar aulas de leituras significativas, a fim de avivar o senso crítico literário nos alunos. Destarte, buscar textos significativos e que conduzem o aluno para um vasto mundo literário, não restrito às cópias ou outros tipos de reprodução, implica buscar a leitura literária, conhecendo o autor e o que realmente reflete sobre determinado tema e quais os recursos simbólicos utilizados para disseminar sua mensagem a partir de estratégias de ensino de leitura bem formuladas.

1.3 LEITURA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A leitura se faz presente no nosso universo, desde o momento em que iniciamos a ter consciência ou a compreender o mundo que nos cerca e chega ao nosso espaço para acrescentar um poderoso e essencial instrumento libertário para sobrevivência humana, ampliando, com isso, nossa visão e nosso horizonte nas expectativas de vida. Nesse olhar, Gomes (2011, s.p.) salienta que “o hábito de ler deve ser estruturado, desde a infância, a fim de que o indivíduo aprenda cedo que ler é algo importante e prazeroso, e se tornará um adulto culto, dinâmico e perspicaz”, pois a leitura está na formação de cidadãos mais instruídos e críticos dentro de uma sociedade.

Na vida dos sujeitos, a leitura deve ser exibida de modo interessante, visando sempre o desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico da realidade que é vivida. É óbvio que não encontramos a “fórmula” exata para desenvolver e criar o interesse pela leitura, mas o que podemos e devemos fazer como motivador educacional é apresentar a leitura como uma construção de novos conhecimentos, que possibilitam a aquisição da linguagem que possa ser usada de modo prazeroso, espontâneo e com interações positivas no convívio social.

A esse respeito, Evangelista, Brandão e Machado (1999, p. 63) salientam que “ler é descobrir, é compreender o tanto que for necessário para não perder o fio, não é memorizar cada coisa”. A leitura permite ao indivíduo se comunicar, aprender e até mesmo desenvolver, trabalhar suas dificuldades, pois ler amplia o conhecimento, estimula a criatividade e desperta para um mundo de palavras com as quais se constrói o que se gosta, se quer e se sonha. Freire (2000, p. 89) comunga dessa ideia consignando que “ler é algo mais criador do que simplesmente ou ingenuamente ‘passear’ sobre as palavras”. Dessa forma, a leitura desenvolve e aumenta o repertório geral, auxilia para que o sujeito tenha senso crítico, amplia o vocabulário e facilita a escrita. Mas ainda que carregue consigo um lado bom, é preciso tomar cuidado e selecionar bem o que se lê.

Vivemos num período em que a inserção no mundo profissional demanda boa formação cultural e muita informação, visto que nada melhor para obtê-las do que ser leitor assíduo, porque quem pratica a leitura está fazendo o mesmo com a consciência, o raciocínio e a visão crítica. A leitura tem a capacidade de influenciar nossa maneira de agir, de pensar e até mesmo de falar, e, com a prática da leitura, tudo isso é expresso de maneira clara e objetiva e, certamente, as pessoas que não nutrem o hábito de ler ficam presas a gestos e a formas rudimentares de comunicação.

Cidadãos com ativa participação no mundo das palavras possuem um bom acervo léxico e, por isso mesmo, entram mais preparados no mercado de trabalho, ocupando cargos gerenciais e de diretoria. Porém, obter um bom vocabulário não é a única maneira de “vencer na vida”, pois é preciso ler e entender para poder opinar, criticar e modificar situações. Diante de tudo isso, sabe-se que o mundo da leitura pode transformar e enriquecer culturalmente e socialmente o ser humano. Dito isso, não se pode compreender e ser compreendido sem saber utilizar a comunicação de forma correta e, portanto, torna-se essencial a intimidade com a leitura. Nesse sentido, a leitura é fundamental para a transformação social, pois através do conhecimento da língua, todos têm acesso à informação e são capazes de emitir uma opinião sobre os acontecimentos.

Por meio da leitura, resgatamos nossas recordações mais especiais, que fazem parte da nossa cultura. Essa cultura que nos foi dada tem como propósito a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus atos, porém, essa cultura se dilui e se perde diariamente, e é esse saber, essa cultura que precisa ser recuperada. Desse modo, sublinha-se que a leitura não se constitui apenas em um ato solitário, nem em atividades individuais. O leitor é sempre parte de um grupo social e certamente carregará para esse grupo elementos de sua leitura, do mesmo modo que a leitura trará vivências oriundas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida. Não se pode deixar de levar em consideração, contudo, o processo de formação social desse indivíduo, suas capacidades, sua cultura política e social. Martins (2010) define de uma forma bem simples e objetiva o que é ler, mostrando que “este ato não é simplesmente um aprendizado qualquer, e sim uma conquista de autonomia, que permite a ampliação dos nossos horizontes”. Assim, o leitor passa a compreender melhor o seu espaço, rompendo os obstáculos, deixando a passividade de lado, encarando melhor a face da realidade. Ainda de acordo com Martins (2010, s.p.),

[...] saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente a sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres.

Ler também faz parte de um contexto pessoal, pois há que se valorizar esse contexto para se deixar conduzir até onde a imaginação é ser capaz de levar. Por isso, é preciso abrir-se para entender não só o mundo da leitura, mas também a sociedade em que vivemos, visto que, sem o encontro desses dois ingredientes, nosso processo de leitura nunca estará completo, pois o verdadeiro leitor nunca é passivo diante do texto; ao contrário, ele é o responsável direto dos sentidos que imprime a esse texto.

O ser humano se apropria da cultura ao longo de suas vivências e resta saber como o conhecimento externo opera essa influência na personalidade do indivíduo. Então, a informação é objeto da comunicação e, nesse particular, vislumbra-se a leitura como um importante instrumento condutor do processo de informação, crucial à transformação do sujeito, enquanto ser social. Evidentemente, não se pode afirmar que a leitura seja responsável pela formação do cidadão, especialmente porque os primeiros processos de introjeção da informação no ser ocorrem antes de sua alfabetização. Daí que esses processos outros, externos e diversos da leitura, são responsáveis pela formação do ser social.

Na prática, percebe-se que o homem é um ser dinâmico e evolutivo, a partir de sua formação inicial, e se propaga por toda a sua existência. Esse processo decorre da aquisição de conhecimento, o qual se dá por meio da informação e é a leitura que exerce esse inegável papel de desenvolver a dinâmica no homem, acrescentando-lhe o conhecimento. Não se quer dizer que a leitura seja o único instrumento de acréscimos, mas pondera-se: sem ele, o processo de agregação do conhecimento torna-se bem mais difícil e menos eficiente.

Quanto mais a pessoa lê, mais onisciente é seu patrimônio cultural e não importa a área em que se projeta a sua busca: seja pela obtenção de saberes em áreas das ciências; simplesmente pelas informações corriqueiras; pelo desenvolvimento da fala, da língua, da comunicação; enfim, que seja tão somente por ler, algum conhecimento será acrescido ao leitor em toda leitura. Ela é a grande responsável por acrescentar ao cidadão o conhecimento e as condições de que ele precisa para entender e interpretar os fatos sociais, com eles interagir de maneira racional e evoluída.

A distribuição e a disseminação de livros no Brasil ainda são precárias e a falta de hábito de ler é uma questão a ser debatida, pois a leitura é um passaporte para um novo mundo, repleto de ideias, teorias e sonhos. Os livros e a literatura são instrumentos de transformação social e por meio dos registros escritos, descobrem-se e são aprendidas culturas, compreende-se a realidade e instiga-se a criatividade. Em razão disso, vê-se que existem desafios a serem vencidos para o incentivo da leitura.

Primeiro, é relevante analisar a raiz do problema: a educação. Além de se passar por um processo de alfabetização tardio, o estímulo da leitura diária pelas instituições escolares está aquém das necessidades. Uma parcela delas trabalha com textos literários e didáticos apenas em classe, não incentivando os alunos a terem contato com essas leituras fora dela. E também, apesar de existirem mestres que realmente exercem seu papel de modo responsável, há também uma parcela que apresenta os livros de maneira que não gera identificação e interesse por parte dos estudantes, que acabam vendo as obras como algo enfadonho.

Segundo, é vital dar o exemplo e o acesso à leitura. A maioria dos pais geralmente leva seus filhos a parques e a cinemas, mas não a bibliotecas e livrarias, e uma parte deles os presenteia com roupas, brinquedos, mas não com livros. Além disso, a carência de bibliotecas públicas com acervos diversificados e os preços elevados dos livros nas livrarias fazem com que o número de consumidores reduza ainda mais.

Fica claro, portanto, que é fundamental que os setores responsáveis tomem atitudes que incitem a leitura e que o poder público garanta o acesso a produções literárias por

intermédio da estruturação de bibliotecas públicas e a variação dos acervos já efetivos. Também é significativo que os meios de comunicação auxiliem as livrarias na propagação dos livros para que as vendas ampliem e os preços reduzam. Igualmente, o educandário tem o papel de formar leitores críticos com o auxílio da família, que deve ser exemplo, de tal modo que os jovens sejam entusiasmados desde cedo.

A leitura abre uma perspectiva de o leitor assimilar o mundo em que habita e o transforma em protagonista de sua história e da sociedade à qual pertence. Por meio da leitura, aprende-se a lidar com o próprio eu interior e com o próximo, pois ela liga o ser global às diversas formas de cultura e tornar menor a distância entre povos, línguas diferentes e facilita o inter-relacionamento das pessoas nas diversas nações. De acordo com Alves (2008, s. p.),

[...] ler faz bem à alma, liberta da alienação e transforma o ser político, responsável e consciente de seu papel na formação de uma sociedade coletiva, plural, justa e fraterna. A leitura desenvolve no leitor uma consciência crítica do ambiente em que habita. Aqueles que têm o prazer de ler vivem em processo contínuo de transformação tanto quanto pessoa humana, como ser político, ser social e, agente indutor e participativo nos destinos da sociedade.

Ainda para Alves (2008), “a leitura desenvolve a capacidade de indignação do indivíduo comprometido com a sociedade”, pois o gosto pela prática leitora nutre a alma e o intelecto humano, em razão de que a leitura é um ato de sabedoria.

Nesse universo, os mediadores têm o desafio constante de motivar a leitura, pois essa motivação pode interferir com maior ou menor profundidade na formação dos leitores de uma coletividade.

2 MEDIADORES DE LEITURA

O termo mediação tem origem do latim, *mediatione*, e significa ação ou efeito de mediar ou intervir. O termo é compreendido como o processo de aproximação e encantamento do usuário com a leitura. De acordo com Bortolin (2006, p. 67), “em se tratando de leitura, pode-se considerar que o mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto”. Em outras palavras, o mediador é o facilitador desta relação que pode ser executada por distintos sujeitos, independente do gênero, da idade e da classe social, em diferentes espaços e em diferentes situações. Em vista disso, considera-se como mediador de leitura aquele que consegue realizar de forma eficiente o contato e aproximação do leitor com o livro. Podem atuar na mediação de leitura quaisquer cidadãos, porém os familiares, professores e bibliotecários fazem parte de um grupo com maior potencial para o processo de mediação de leitura.

O processo de formação do leitor é extenso e acontece pela mediação de leitores mais experientes e pela interação com distintos suportes e gêneros discursivos. O sujeito imerso numa sociedade onisciente, muito antes de ser capaz de entender o funcionamento do sistema alfabético, busca compreender o que significam os escritos presentes no mundo em que vive e pode entrar no mundo da escrita pela mão, pelo olhar e pela voz de outras pessoas. Ademais, todas as tentativas que ele faz para atribuir sentido a um texto são leituras. Mesmo os não alfabetizados são capazes de ler, embasados em ilustrações, e em outras marcas do texto, bem como em sua memória. Nessa conjuntura, o mediador desempenha um papel essencial de aproximação, a partir de diferentes estratégias, entre as vontades do leitor e os desejos colocados em cada livro.

O mediador destaca-se por sua intenção de cooperar na apropriação de significados, no processo de interação do leitor com o texto, nas experiências de aprendizagens, potencializando as aptidões dos atores sociais e despertando suas competências. Dessarte, a mediação da leitura enfoca as formas de estímulo à formação do leitor, que ocorre pela apropriação cultural, refletindo na atuação do mediador como também na compreensão do leitor em sua complexidade.

2.1 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DE LEITURA

A formação de leitores na contemporaneidade demanda bem mais do que possuir ou ter instituições escolares e bibliotecas em pleno funcionamento. É impreterível ter educadores

e bibliotecários preparados para exercer a função de mediadores da leitura. Na concepção de Bortolin (2007, s.p.), “mediador é aquele que aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o mediador é o facilitador desta relação”. E, como intermediário de leitura, o mediador encontra-se em uma situação privilegiada, pois tem nas mãos a possibilidade de conduzir o leitor a infinitas descobertas.

Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que idealizam as circunstâncias para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. A experiência de encontrar os livros certos nos momentos certos da vida - esses livros que nos atraem e que nos vão transformando em leitores gradativamente - não tem uma direção única, nem uma metodologia específica. Por isso, os mediadores de leitura não são fáceis de definir. No entanto, basta recordar como descobrimos esses livros que deixaram rastros em nossa infância e, talvez, surgirão nítidas algumas figuras que foram nossos mediadores de leitura: esses adultos íntimos que deram vida às páginas de um livro, essas vozes que liam para nós, essas mãos e essas faces que nos apresentavam os mundos possíveis e as emoções dos livros. Assim sendo,

os mediadores de leitura, conseqüentemente, não estão somente na escola, mas no lar, nas bibliotecas e nos espaços não convencionais como os parques, os hospitais e as ludotecas, entre outros. Durante a primeira infância, quando a criança não lê sozinha, a leitura é um trabalho em parceria e o adulto é quem vai dando sentido a essas páginas que para o bebê não seriam nada, sem sua presença e sua voz. Por isso, os primeiros mediadores de leitura são os pais, as mães, os avôs e os educadores da primeira infância e, paulatinamente, à medida que as crianças se aproximam da língua escrita, vão se somando outros professores, bibliotecários, livreiros e diversos adultos que acompanham a leitura das crianças (REYES, 2010, s.p.).

Mas, quem pode mediar leitura? Essa responsabilidade é dos familiares, professores, bibliotecários, escritores, editores, críticos literários, jornalistas, livreiros, tradutores, e até dos amigos que nos dispõem um livro ou apontam uma página literária na internet. Porém, os mediadores que mais se sobressaem são os familiares, professores e bibliotecários e estes carecem estar conscientes da incumbência que têm. Os familiares deveriam ser os primeiros mediadores de leitura, pois são os primeiros elos da criança com o mundo. Entretanto, os pais e demais membros da família, em geral, não têm a dimensão da influência que podem exercer sobre as crianças no sentido de incentivá-las à leitura. Então, o professor é encarregado compulsoriamente de aproximar o educando da leitura, porém, é fundamental que ele faça esta mediação, mostrando o texto como algo prazeroso e não como instrumento de avaliação e tarefa.

Tamanha responsabilidade deve ser interpretada pelos mediadores como um desafio constante, pois o papel que eles desempenham na motivação de leitura pode interferir com maior ou menor profundidade na formação dos leitores de uma coletividade. Portanto, os mediadores interessados em uma mediação eficiente devem ser empáticos para que, posicionados no lugar do outro (leitor), possam percebê-lo com maior nitidez.

Na função de mediadores de leitura, temos a oportunidade de tratar de distintos aspectos que envolvem o universo literário: compartilhar títulos, autores e ilustradores; conversar sobre estratégias e hábitos leitores; refletir acerca dos diferentes sentidos presentes nos textos. Em todas essas situações, nos apresentamos, também, como modelo de leitor para os nossos alunos e assumimos o papel de “ensinar a ler”. Nesse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa mencionam que,

formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (BRASIL, 1997, p. 54).

Se ler é, então, função essencial, o mestre necessita investir em situações que favoreçam o acesso aos livros e às experiências leitoras, sendo assim, é relevante que educador e educando tenham possibilidade de estabelecer uma relação viva e intensa com os livros. Além disso, é fundamental que ambos se reconheçam como leitores e que, especialmente, encontrem significado no ato de ler.

O professor tem a incumbência de definir o que o aluno deverá ler e, diante dessa atribuição, portanto, precisa conhecer intimamente o trabalho de autores, ilustradores e editoras, uma vez que o crescimento do mercado editorial é intenso, a fim de garantir escolhas acertadas, coesivas e apropriadas além de considerar os interesses, desejos dos alunos bem como as habilidades que eles carecem distender como leitores na etapa da vida escolar da qual fazem parte. A leitura é algo interessante e desafiador que, conquistada plenamente, dará autonomia e independência e deverá despertar e cultivar o desejo de ler.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis à prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (BRASIL, 1997, p. 58).

A leitura é um relevante instrumento para o processo de reestruturação da sociedade, mas vale elucidar o papel do educador como mediador dessa ação. Tal mediação deve ser uma prática constante, na qual o mestre realiza um trabalho voltado para a leitura. Portanto, deve-se moldar certas práticas na atuação pedagógica, tornando possível e desejável a leitura entre os profissionais da educação, uma vez que se observa a grande necessidade nessa área.

Para ensinar seus alunos a gostar de ler, um professor necessita de material de leitura apropriado para a faixa etária da sua turma e uma estratégia para apresentar esse material aos alunos de forma atrativa e expressiva, mas, antes de tudo, o professor precisa ler. As políticas de formação de leitores devem atentar para essa questão para poderem garantir sua efetividade. Tal como os cidadãos em geral, os educadores demonstram dificuldades para adquirir e conservar o hábito da leitura. Esses profissionais têm uma intermitência de leituras por várias razões, que não são insignificantes: falta de tempo, falta de oportunidade, má formação como leitor, entre outras.

Para inserir o leitor no mundo letrado, não basta apenas oportunizar-lhes as competências das ferramentas da escrita e da leitura. Além disso, o contato com os mais diversos tipos de textos não significa que o sujeito tenha conseguido adquirir a eficiência de um leitor especializado. Ao refletir sobre a leitura, nota-se que ela não passa apenas pelo livro, observa-se que o cerne da formação do leitor é composto por uma teia de instâncias que se complementam e se interpõem, servindo de ponte entre a obra e o leitor.

Tais instâncias são mediadoras, ou seja, possibilitam à obra de arte o contato real com o leitor, funcionando como elo de comunicação e interação entre a tríade autor-obra-público. Portanto, quanto maior for o contato do sujeito com os mediadores, maior terá a oportunidade de se tornar um leitor (MELLO, 2016, p. 54).

A escola continua sendo o espaço social mais atuante na mediação da leitura e na formação do leitor. Nota-se, entretanto, que favorecer o acesso à leitura por meio da banalização da literatura ou apenas refrear as leituras praticadas fora do contexto escolar, impondo apenas a de cunho literário, não significa realizar uma função útil de mediação. Daí a complexidade do trabalho do mediador.

Para que seja possível refletir sobre as funções positivas ou negativas desempenhadas pela escola, acredita-se ser válido apresentar as pesquisas realizadas pelo Instituto Pró-Livro. A quarta edição da pesquisa do Instituto Pró-Livro (2015), que tem por objetivo conhecer o comportamento leitor medindo a intensidade, a forma, as limitações, a motivação, as representações e as condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela

população brasileira, destaca que, em 2015, a população adulta e a que está fora da escola estão lendo mais do que foi observado nos anos anteriores. Em geral, embora tenha aumentado o número médio de livros lidos, uma tendência indicada pela quarta edição da pesquisa é o aumento da importância das leituras por iniciativa própria em relação aos sujeitos que estão fora do contexto escolar.

Não basta ao indivíduo possuir as competências das ferramentas da leitura e da escrita ou apenas ter contato com uma infinidade de livros para se tornar um leitor. Como menciona Ana Carolina de Azevedo Mello (2016, p. 59), “é preciso um trabalho de mediação que o ampare em suas escolhas e lhe permita ampliar suas leituras, não apenas em quantidade, mas em qualidade”. Dessa forma, além da escola, a biblioteca possui a responsabilidade para formar leitores, principalmente pela função exercida pelo profissional que nela atua: o mediador de leitura.

Mediar a aquisição e, posteriormente, o prazer pela leitura é tarefa que demanda incitamento significativo. O início da caminhada de formação dos leitores deve ser prazeroso, motivado pela contação de histórias, desde a creche ou pré-escola. O aprender a ouvir, a observação das imagens que vão sendo mostradas pelo professor no desenrolar do livro e, ao final, a importância de ouvir o que os pequeninos leitores têm a dizer, seja oralmente ou com uma ilustração sobre o que compreenderam, sentiram ou imaginaram sobre o que foi lido.

Nos anos subsequentes, quando a criança começa a adquirir a capacidade de leitura, mas ainda não é capaz de ler um livro totalmente sozinha, a oferta de pequenos textos de vários gêneros, dentre eles poesias, contos ou mesmo textos informativos, são essenciais. Quando estiverem aptos a ler e a interpretar por si mesmos o que leem, serão capazes não só de decodificar símbolos, mas de fazer uma leitura de mundo, tão valorosa em sua formação como cidadãos.

Tal visão não deve ser uma prerrogativa tão somente dos professores dos anos iniciais ou dos de Língua Portuguesa, devendo estender-se aos docentes de todas as áreas, pois somente um esforço coletivo da comunidade escolar pode impulsionar uma modificação na situação atual de ensino, já que é cada vez maior o número de sujeitos que afirmam não ter interesse ou não ter tempo para ler, qualquer que seja a natureza dos textos. A esse respeito Rösing (2001, p. 23) enfatiza que “a formação dos leitores não é tarefa exclusiva dos professores de língua portuguesa, mas é compromisso de todos educadores, que formam leitores, caracterizando, assim, uma dinâmica multidisciplinar sustentada, necessariamente, por princípios teóricos consistentes”. Nesse universo, é relevante fazer da escola um espaço

que motive os alunos à prática da leitura. A instituição deve dispor de métodos que auxiliem no objetivo de formar estudantes/leitores e críticos e contar com o envolvimento dos professores das diversas disciplinas, já que a leitura está presente em todas as áreas.

Os hábitos de televisão, navegação pela internet e outras formas de entretenimento têm ganhado a preferência das pessoas, que deixam a leitura de lado. Diante disso, cabe aos que estão na linha de frente da formação de leitores buscarem cada vez mais recursos para formar leitores conscientes e críticos. E estes, por sua vez, serão capazes de modificar esta realidade e, futuramente, também colaborar para que nossa sociedade saia da estatística negativa relacionada ao número de leitores.

O professor é antes de tudo promotor de leitura e formador de leitores. Ele deve ser um profissional comprometido com o projeto de leitura e apresentar estratégias para orientar seus alunos, tornando-se assim, um mediador do processo, abrindo espaços, lançando desafios, valorizando a caminhada dos alunos, desenvolvendo competências nas dimensões cognitivas, emocionais, sensoriais e culturais (FORTESKI; OLIVEIRA e VALÉRIO, 2011, s.p.).

Conforme as autoras mencionadas na citação anterior, o professor deve criar condições cativantes e desafiadoras para que os estudantes possam refletir e buscar alternativas para solucionar, de modo criativo, os problemas que surgem. Portanto, o prazer de ler resulta da prática de leitura, do contato que se tem com os livros e do incentivo que é oferecido aos educandos, e a sala de aula deve ser o ambiente instigador e o docente, seu cooperador, oferecendo aos alunos oportunidade de serem bons leitores. De acordo com Silva (1998, p. 31),

em termos de realidade podem-se explicar as funções da leitura da seguinte forma:
1. A leitura é essencial para qualquer área do conhecimento. 2. A leitura está relacionada ao sucesso acadêmico do indivíduo e diretamente ligada a não evasão escolar. 3. A leitura é um dos principais instrumentos para aproximar o ser humano e diminuir o preconceito. 4. Facilita a aprendizagem e diminui a massificação executada pela televisão. 5. A leitura possibilita diferentes pontos de vista e alarga as experiências das pessoas que aprendem.

Há complexidades que envolvem a leitura, desde os problemas sobre não leitores até as dificuldades dos que só decifram os códigos e não desenvolvem a compreensão. Para a real compreensão do que é lido, ou seja, para o entendimento do significado da mensagem passada, pode-se seguir os princípios sugeridos por Silva, quando o autor explica alguns identificadores considerados importantes para a língua: conhecimento das palavras, raciocínio na leitura (inclusive capacidade para interagir, fazer relações e, ainda, arriscar proposições) e capacidade de identificar a mensagem principal do texto. Silva (1998, p. 36) “ênfatiza a

importância da reflexão durante o ato de ler, considerando este um fenômeno ou uma experiência ligada ao inconsciente”. Em vista disso, ressalta-se a ideia do autor de que a reflexão através da leitura dará origem a uma tomada de posição do leitor, levando-o a refletir sobre seu ato de existir, ajudando-o na busca da verdade e fazendo-o participar da renovação cultural que é fator inerente ao desenvolvimento do ser humano.

2.2 MEDIAÇÃO DE LEITURA

Ao pensar a mediação de leitores, acredita-se que essa função caiba somente aos profissionais da educação, em especial ao professor, e às políticas governamentais de leitura. No entanto, a mediação é muito mais globalizante, pois existem muitos recursos que podem ser explorados em benefício da leitura e da formação de leitores.

Ninguém nasce leitor. Assim como aprendemos a falar, a caminhar, a escrever e a ler, também nos tornamos leitores, e o sujeito não leitor só precisa ser despertado, através do encanto e do prazer que a leitura possibilita. A esse respeito, Paulo Freire (2006, p. 8) enfatiza que “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não pela manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Paulo Freire é um defensor do direito à leitura e, segundo ele, essa atividade é uma das formas mais eficientes para a inclusão social das camadas excluídas da sociedade. Freire (2006) enfatiza também que “o gosto pela leitura se desenvolve na medida em que os conteúdos sejam de acordo com o interesse e necessidade do leitor”. Um ser humano que lê entende melhor o contexto que o cerca e, a partir dele, é capaz de formular suas hipóteses e conclusões, sejam elas positivas ou não.

Se a família é o primeiro mediador da leitura, pois são os primeiros a estabelecer o elo entre a criança e o mundo, os pais e demais elementos da família não têm a dimensão da influência que podem exercer sobre as crianças no sentido de estimulá-las à leitura. E também, infelizmente, nem sempre as condições econômicas dos cidadãos permitem a inserção do livro no orçamento familiar. Dessa maneira, Petit (2008, p. 145) enfatiza que “o mediador é a ponte, intermediário que aproxima/liga o leitor da leitura e do livro através de sua paixão pela leitura e amor aos livros”. Assim, qualquer programa que tenha o propósito de promover a leitura precisa olhar para os dois ambientes em que a criança costuma estar: a escola e a casa.

Nesse contexto, a quarta edição dos *Retratos da Leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ_LIVRO, 2015), mostra, nos resultados da pesquisa, que o hábito de leitura é uma construção que vem da infância, bastante influenciada por terceiros, especialmente por mães e pais, uma vez que os leitores, ao mesmo tempo em que tiveram mais experiências com a leitura na infância pela mediação de outras pessoas, também promoveram essa mediação, com as crianças com as quais se relacionam, em maior medida que os não leitores.

Um ponto a destacar é o de que apenas um terço dos brasileiros teve interferência de alguém na formação do seu deleite pela leitura, sendo que a mãe, ou responsável do sexo feminino, e o professor foram as influências mais mencionadas. E a pesquisa assinala que essa influência tem impacto no fato do indivíduo ser ou não leitor, uma vez que 83% dos não leitores não receberam a ingerência de ninguém, o mesmo ocorre com 55% dos leitores. Da mesma forma, enquanto 57% dos leitores viam suas mães, ou responsáveis do sexo feminino, lendo sempre ou às vezes, 64% dos não leitores nunca viam essas figuras referenciais realizando leituras (embora com diferentes proporções, o mesmo se dá em relação à figura do pai ou responsável do sexo masculino).

Esses dados nos mostram o importante papel que exerce o mediador de leitura, neste caso as instituições escolar e familiar. Além disso, mostram que a mediação de leitura pode ocorrer muito antes de a criança ser alfabetizada, nos primeiros anos de vida, com a mãe e o pai exercendo papel fundamental na formação do futuro leitor. Quanto mais cedo se der o início desse processo, maiores serão as possibilidades de a criança se tornar uma leitora.

A mediação de leitura envolve emoção, carinho, paixão e vai muito além da obrigação, da educação formal: ela deve ser descontraída, prazerosa. O maior desafio do mediador de leitura é aproximar o leitor do livro e para aguçar o interesse e motivar a criança a ler, ou seja, tem de gostar e acreditar que se pode transmitir algo. E esse processo somente se consolida na medida em que se estabelece um estreitamento de conexões nessa relação e quando mediador compartilha suas experiências de forma prazerosa. Portanto, a formação de leitores é um dos desafios que precisa ser enfrentado, porque a leitura é um meio de se formar cidadãos conscientes, protagonistas de sua história e engajados com ideais para um mundo mais sustentável.

A instituição escolar exerce uma força muito grande no que se refere à formação de leitores. Mas ainda é preciso desenvolver mecanismos apropriados para que se possa atingir o interesse pela leitura literária, especialmente por parte dos discentes. Para isso, não são necessários investimentos ou recursos financeiros altos, basta usar da prática e da criatividade. Dessa forma, a escola deve estar atenta a tais procedimentos e o professor deve ter um

conhecimento sólido do quanto os processos cognitivos, sociais, culturais e afetivos de cada leitor são acionados no ato de ler, desempenhando um papel fundamental na sua formação leitora.

Mas se a leitura da literatura traz todas essas possibilidades, pode-se perguntar o motivo pelo qual a distância entre textos e leitores ainda é tão grande. Isso ocorre porque a escola, muitas vezes, parece exercer um papel determinante na formação do não leitor da seguinte maneira: livros obrigatórios e únicos para toda a turma; conhecimento de livros e autores; exercícios de interpretação que buscam um sentido único; tarefas específicas voltadas para o conhecimento sobre os livros e não para a experiência de leitura; escolha de livros pautada em critérios pedagógicos que norteiam o exemplar certo para a idade certa, entre outros elementos de análise.

De fato, não obstante, a leitura ainda é vista a partir da dimensão do ócio, do não trabalho e da fuga. Para alterar essas imagens, e pensar de outro modo a formação do leitor, faz-se importante a figura do mediador de leitura. Cabe aqui a necessidade e o desafio dos mediadores para modificar este quadro ou forma de pensar. Este papel não depende somente do mestre, mas sim de uma consciência da sociedade juntamente com os pais, os alunos, os bibliotecários e a escola.

O papel dos mediadores surgiu na memória dos leitores pela indicação de livros solicitada por amigos, alunos, professores e conhecidos, todos com algo em comum: o amor pela leitura. A formação do leitor dá-se pelo prazer da leitura que irrompe ainda na infância, com o hábito de ouvir e contar histórias. Por que então, quando chegam à adolescência, quando poderiam escolher suas próprias leituras, os leitores rejeitam a atividade? É pelo fato dela ter deixado de ser um prazer e ter se tornado uma obrigação. Contudo, o leitor ainda está lá, só precisa ser recuperado. No ponto de vista dos especialistas da área da mediação de leitura, a prática dessa atividade busca, primordialmente, incorporar o livro como rotina na vida do leitor, consentindo-lhe amplo acesso ao material impresso, para que ele se sinta atraído não só pelo seu conteúdo, como também pelo seu formato.

A atividade de mediação de leitura consiste em um ato de ler para crianças, jovens ou adultos, de uma forma livre e prazerosa, que não exige habilidades artísticas do mediador. O importante é que esse mediador expresse um verdadeiro entusiasmo por essa atividade e compartilhe com os leitores a troca de experiências por ela ensejada. Essa ação pode ser praticada em vários locais, mas as bibliotecas públicas e escolares, frequentadas majoritariamente por pessoas cujo poder aquisitivo não permite adquirir livros com frequência, são as mais adequadas para a realização dessa atividade. Consequentemente,

seriam asseguradas oportunidades de transmissão cultural entre as gerações e ampliadas as condições de desenvolvimento social dos leitores.

A área de mediação de leitura - quando devidamente usada - torna-se, então, um espaço rico para muitos atores, mas são os familiares, os professores e os educadores aqueles que mais se destacam nesse mister. Daí, a relevância dos professores em aproximar o estudante da leitura, o que deve ocorrer de modo a mostrar o texto de forma lúdica, evitando cobranças que podem servir como instrumento negativo do incentivo à leitura. Semelhantemente, espera-se do bibliotecário uma atuação positiva nessa área, até porque - diferentemente do professor - ele não está preso a currículos e avaliações, tendo, portanto mais liberdade para dialogar com o leitor e fazer proposições sem que este se sinta pressionado a apresentar resultados. Cabe ressaltar, no entanto, que, na biblioteca escolar, as atividades desenvolvidas pelo bibliotecário não podem estabelecer confronto com as atividades curriculares. Desse modo, Mariza Russo (2009, s.p.) enfatiza que,

para garantir maior sucesso nas iniciativas de mediação de leitura, recomenda-se a busca de uma sinergia entre os "saberes" dos educadores e dos bibliotecários, tanto no que diz respeito às práticas pedagógicas quanto às questões de organização de bibliotecas e leitura técnicas de livros. Caso essa interrelação se configure, a formação de novos mediadores ocorrerá com maior sucesso, podendo ser ampliada em diferentes eventos, tais como cursos, palestras e oficinas, os quais devem ser oferecidos, regularmente, a todos os públicos interessados, com o compromisso de formar outros agentes multiplicadores da atividade.

O apoio do governo a esses empreendimentos é relevante, pois novas iniciativas, adicionadas às já existentes, poderão trazer benefícios mais amplos para a sociedade brasileira. O Programa Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), lançado pelo governo em 13 de março de 2006, sob a responsabilidade dos Ministérios da Cultura e da Educação, configura-se como um projeto com perspectivas vitoriosas face às suas características próprias e por se tratar de um programa de Estado, não estando dessa forma sujeito a descontinuidades devido a eventuais transformações na política do país. Por outro lado, é preciso que sejam investidos esforços e recursos substanciais neste e em outros projetos, pois eles serão benéficos para a população brasileira.

2.3 A MEDIAÇÃO DA LEITURA NA APRENDIZAGEM

O modo como aprendemos a ler na infância determina os usos que damos à leitura na idade adulta. Se a ênfase é dada apenas à parte mecânica, será difícil, para o aprendiz,

perceber a gama de possibilidades e significados, julgando a leitura um meio para fins restritos. Contudo, a leitura exerce um papel essencial não só na pré-escola, mas também nas demais etapas do processo escolar pela parcela de responsabilidade na formação do leitor. Então, nota-se que a ausência de leitura causa problemas graves na expressão escrita, prejudicando o ensino-aprendizagem, por exemplo, da redação. O hábito de leitura, contudo, só consegue ter êxito se associado ao prazer, ao jogo e à arte, de modo que o leitor sinta-se motivado em contato com formas de comunicação que caracterizam a arte da palavra.

O processo de ensino aprendizagem da leitura é, sem dúvida, muito instigante e desafiador, tanto para o aluno como para o professor, porque adquirir a capacidade de ler significa, sobretudo, a condição de entender um mundo que vai se revelando cada vez maior e mais surpreendente. E são nessas descobertas que alguns alunos apresentam mais dificuldades do que os outros.

Uma parcela dos alunos ainda não tem consciência da necessidade da leitura em seu processo de aprendizagem, isto é, na maioria das vezes, leem por obrigação e somente o que lhes é determinado, sem perceber a primordialidade de ler, seja para buscar informações ou conhecimentos, para enriquecer seu vocabulário ou para visualizar palavras e perceber sua ortografia. Esse desconhecimento sobre a importância e a necessidade da leitura torna-se um entrave no processo de desenvolvimento do aluno. Uma vez que ele não a vê como algo prazeroso, não se sente motivado a ler diariamente e espontaneamente, deixando para trás chances de vivenciar experiências de enriquecimento.

Nesse universo, segundo Murilo Avellar Hingel² (1999, s.p.) “a leitura pode nos conduzir por tempo, lugares e acontecimentos que não são os nossos. A leitura é necessária para a construção da cidadania, para a formação de homens livres e aptos a participar da grande obra que é a humanidade”. Diante disso, percebe-se que o domínio instrumental da leitura é necessário para garantir ao educando autonomia no contato com o texto como fonte de lazer e enriquecimento. Formar leitores faz parte do processo de emancipação de um país. Além disso, os atos da leitura e da escrita, ao permitirem que os discentes aprendam novos significados, ajuda-os a viverem com mais plenitude. Um dos primeiros passos nesse sentido é a oferta de uma educação que esteja próxima à realidade de cada aluno, que suscite sugestões e ações significativas para a sua vida.

²Ex-secretário da Educação de Minas Gerais.

É importante a construção de relações de confiança entre educador e educando, pois são aspectos que funcionam como um incentivo para que o estudante possa perceber-se como cidadão e como ser social e histórico. O professor precisa reconhecer e valorizar a diversidade cultural dos sujeitos, superar discriminações e trabalhar a autoestima discente. Dessa forma, o docente poderá reverter um dos mais fortes mecanismos de exclusão social, a marginalização pela negação do direito ao domínio da cultura de leitura, cumprindo, assim, uma tarefa essencial para a promoção da cidadania.

A leitura é a realização do objetivo da escrita e quem escreve, escreve para ser lido. Ler é um processo de descoberta, tal como a busca do saber científico, e, por vezes, requer um trabalho paciente, perseverante e desafiador. A leitura pode também ser superficial, sem grandes pretensões, e profundamente individual. Ao contrário da escrita, que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão. Por isso, a escola que não lê muito para os seus alunos, e não lhes dá a oportunidade de ler, está fadada ao insucesso e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos seus alunos.

Magda Soares³, em uma entrevista para a TV Escola, faz a seguinte citação: “Mais do que nunca, e não só os livros, mas também revistas, jornais, outdoors, contratos, contas, notas fiscais, é preciso aprender a ler, não só como meio, mas como objeto de conhecimento”. Torna-se necessário ler, não simplesmente para extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra, e sim para compreender o sentido da escrita. Ressalta-se, assim, que,

a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita (BRASIL, 1997, p. 53).

A aprendizagem da leitura constitui-se como uma tarefa permanente, que se enriquece com novas habilidades na medida em que se manejam adequadamente textos cada vez mais complexos. Por isso, a aprendizagem da leitura não se restringe ao primeiro ano de vida escolar. A esse respeito, Zilberman (1988, p. 13) salienta que “aprender a ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda a escolaridade e de toda a vida”.

³Professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nessa conjuntura, Ferreiro e Teberosky (1991, p. 26) apontam que “as crianças, antes da sua entrada para a escola, já têm construções mentais sobre a leitura e a escrita e não se limitam a receber passivamente os conhecimentos”. Em conformidade com as autoras, a criança que chega à escola já é um “bom” leitor do mundo. Desde muito nova, começa a observar, a antecipar, a interpretar e a interagir, dando significado aos seres, objetos e situações que a rodeiam. Ela utiliza estas mesmas estratégias de busca de sentido para compreender o mundo letrado. Ainda para as autoras, essa aprendizagem natural da leitura deve ser considerada pelo professor e incorporada às suas estratégias de ensino, com a finalidade de melhorar a qualidade desse processo contínuo iniciado no momento em que a criança é capaz de captar e atribuir significado às coisas do mundo. Desse modo,

o trabalho de leitura, na escola, tem por objetivo levar o aluno à análise e à compreensão das ideias dos autores e buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentido. É importante que o leitor se envolva, se emocione e adquira uma visão dos vários materiais portadores de mensagem presentes na comunidade em que se vive (ZILBERMAN, 1988, p.18).

Um bom educador enaltece a leitura e age conscientemente motivando o aluno a praticar diariamente a leitura de jornais, revistas, livros e outros, em sua casa ou em visitas à biblioteca. A leitura não poderá ser uma ação mecânica, pelo contrário, deverá ser cobrada, exigindo do estudante tudo que foi lido, incentivando-o sempre para que busque satisfação nela. E para compreendê-la no todo, o discente aprender a ler e ler abundantemente. Agindo assim, o aluno não encontrará dificuldades em outras matérias, pois todas dependem da leitura. Em vista disso, a escola deve ofertar condições para que as interações ocorram para que, dessa forma, o educando possa progredir na construção de um conhecimento significativo por meio da contextualização e da interdisciplinaridade.

A leitura relaciona-se às capacidades intelectuais que ela desenvolve na medida em que os indivíduos se envolvem em suas diversas modalidades. Quer seja recreativa ou informativa, quer profissional ou acadêmica, não se vive sem leitura, pois por meio dela, entra-se em um mundo cheio de desafios e incertezas, uma vez que, aparentemente, não se apresenta da mesma forma para todas as pessoas. Segundo Chartier (1996, p. 25), a curiosidade da criança pelo mundo da leitura se revela de forma diferente, pois é um ato invisível, rápido e silencioso, visto que a leitura é extremamente abstrata. Os adultos, responsáveis por apresentar a criança a este mundo, devem iniciar fazendo-a de forma lúdica,

como por exemplo, gesticular com a cabeça enquanto mostra com os olhos o que está lendo, falando em voz alta para chamar a atenção.

Se há um número esmagador de não leitores na contemporaneidade, pode-se perguntar quantas dessas pessoas foram motivadas no período de alfabetização. Logo, criar os atos de leitura que sirvam de estopim para o desenvolvimento da aprendizagem do educando é o desafio da escola, a essência e a vocação. Se estiver presente nas próprias salas de aula, como cantinho da biblioteca, ou segmentada por níveis/setores (biblioteca infantil, biblioteca do ensino fundamental, biblioteca da área de ciências, etc.), a leitura se acerca do aluno nas escolas com melhores níveis de domínio das linguagens.

Interpretar perfeitamente o que se lê está entre as maiores dificuldades dos estudantes. Pode-se, a partir desse dado, supor que as tradicionais maneiras de trabalhar os atos de leitura não bastam – tais como ler em voz alta, explicar textos coletivamente e de forma reflexiva. É necessário tornar a leitura real, integrante do cotidiano, socializadora. Quanto mais contígua, melhor; quanto mais simples, mais eficiente; quanto mais cedo, maiores as chances dela fazer parte da vida do aluno.

Experiências como as apresentadas por Chartier (1996) na França, em 1972, com a criação da chamada Biblioteca Centro de Documentação (BCD) – à parte da biblioteca normal da escola ou mesmo da biblioteca da sala de aula já existentes nas escolas elementares em parceria com o Ministério de Educação –, passaram a ser um recurso para sistematizar a leitura na educação básica. É relevante o fato de que mais de 5 mil escolas aderiram à experiência num espaço de 10 anos. Esta biblioteca, a BCD, recebeu, além de livros, uma proposta diferente. Discutir as formas de ler e de ensinar a ler, levando os professores a trabalhar em equipes, a individualizar a pedagogia e a associar, ao mesmo tempo, a escola à vida do bairro e os pais dos alunos à vida escolar. A ideia era inovar pedagogicamente, criar não apenas um local com livros novos e em maior quantidade, mas ateliês abertos, pesquisas em pequenos grupos, local de animações e de debates. Todavia, Malton de Oliveira⁴ (2014, s.p.) salienta que

uma parte importante do trabalho pedagógico acontece em torno dos livros na escola, que novas formas devem ser inventadas para lutar contra o fracasso escolar e criar um meio cultural propício para introduzir muito cedo, sobretudo nos bairros desfavorecidos, as crianças na cultura da escrita.

⁴Coordenador Pedagógico no Colégio Adventista de Florianópolis.

Com isso, percebe-se que o significado das palavras avulta-se, acompanhando o progresso do leitor. À medida que ele constrói o significado, as palavras passam a ser inseridas ao seu vocabulário e adquirem sentido. As escolas precisam utilizar esses conhecimentos para cativarem seus leitores para a vida toda, seja desenvolvendo projetos, seja oferecendo o acesso ao livro em si e a uma gama de recursos que não chega a ser implementada na educação atual.

Por meio de iniciativas públicas e privadas, surgem, a todo instante, propostas de implantação de políticas literárias comprometidas com a diminuição do abismo cultural que separa o nosso país do mundo. Dentre elas, pode ser citada a Lei do Livro (lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003). Nunca foi tão politicamente correto incentivar projetos sociais de leitura, seja por parte dos governos, seja por parte das grandes empresas, mas uma reforma educacional concreta deve trabalhar não só a disseminação de livros, mas também outros aspectos da formação literária educativa, como a capacitação de profissionais especializados em todas as escolas. Uma caminhada inicia com o primeiro passo e há uma boa razão para crer que ela deva começar pelo investimento de recursos em mais bibliotecas, mesmo em escolas onde elas já existam, ou na inauguração de novas unidades em instituições em que elas não estão presentes, mas, sobretudo, na formação de profissionais que deem à leitura o seu devido tratamento.

2.4 A BIBLIOTECA ESCOLAR NO CONTEXTO DA LEITURA

A biblioteca escolar nada mais é do que uma unidade de informação que deve estar atrelada ao currículo pedagógico das escolas. Para que isso ocorra, não só o bibliotecário deve estar atento para a educação dos usuários da unidade de informação, mas também os professores devem cooperar por meio do incentivo da leitura na biblioteca. A direção da escola exerce um papel de extrema relevância, pois, dependem dela os recursos humanos e financeiros para contratação de pessoal e compra de materiais para a biblioteca como, por exemplo: livros, revistas, dicionários, enciclopédias e materiais de informática como computadores e impressoras. De acordo com Vieira (2012, p. 24), “para que haja êxito das estratégias de mediação do bibliotecário dentro da biblioteca escolar ela tem que ter um acervo de qualidade para que consiga cativar novos leitores”. Além do mais, a biblioteca escolar atual tem de ser um organismo vivo, dinâmico, e o bibliotecário tem de ser proativo,

visando sempre à melhora do ambiente para que os usuários se sintam bem no momento da leitura de livros. Butlen (2012, p. 32) também comunga dessa ideia e enfatiza que,

a qualidade da oferta de leitura e, em parte, o sucesso da formação de leitores, baseiam-se na cooperação entre bibliotecas e professores, na convergência de suas atividades, na sua parceria. A força da rede de leitura pública nos parece um motor para a leitura escolar; inversamente, a qualidade da educação escolar é uma garantia de amplo funcionamento para a leitura pública nas bibliotecas.

Um modo de estímulo à leitura dentro das bibliotecas escolares é o planejamento de projetos que devem ser feitos não somente pelo bibliotecário, mas também pelo professor, pela direção e com o envolvimento da comunidade que fica no entorno da escola. Outra forte colaboração que auxilia no incentivo à leitura de livros nas bibliotecas escolares é o apoio dos pais, avós, tios e amigos dos alunos. Sabe-se que a formação de um futuro leitor está diretamente ligada às oportunidades, ao acesso, à informação e ao conhecimento.

Na realidade, algumas bibliotecas escolares ainda têm a preocupação excessiva com a guarda, com o armazenamento da informação e com a preservação do acervo. A esse respeito, Vieira (2012, p. 25) realça que

aos poucos estamos mudando essa concepção porque a atual biblioteca escolar está vendo que nada adianta ter um bom acervo se o mesmo não está sendo utilizado, pois, a nova concepção de biblioteca escolar é dinâmica, atual e principalmente mudou seu foco, que não é mais o acervo e sim o ser humano, no caso o usuário, porque o objetivo da unidade de informação é solucionar, sanar, resolver as dúvidas e necessidades informacionais do aluno.

Um aspecto fundamental da biblioteca escolar é que ela não pode ser vista como uma unidade separada do contexto escolar, até porque os alunos fazem parte desse contexto educacional, histórico, político, econômico e cultural em que está inserida. Para que a biblioteca escolar possa tirar proveito da interpretação, da interação, da inclusão social e da comunicação na estratégia de mediação da leitura, deve sempre levar em conta que tipo de linguagem é utilizado no processo de comunicação entre biblioteca e usuários.

O trabalho desenvolvido pela antropóloga Michèle Petit (2008) demonstra-nos funções úteis de mediação de leitura desempenhadas pelas bibliotecas públicas, bibliotecários e educadores, para um público leitor que vivenciou a exclusão ou dificuldades do acesso à leitura. Para a pesquisadora, “as bibliotecas também estão qualificadas para contribuir para uma mudança de atitude em relação à leitura” (PETIT, 2008, p. 11). As bibliotecas são, também, locais cuja frequência dos indivíduos em busca de leitura e auxílio é notória. Nesse

espaço é possível apreender a produção silenciosa dos leitores e os sentidos que criam conforme seu próprio interesse.

Arnold Hauser (1977) e Michèle Petit (2008) concordam com a premissa de que a familiaridade da leitura é concretizada pela mediação. O indivíduo pode ser convidado ou desestimulado à leitura, seja por meio da família e/ou de outros iniciadores ao livro, tais como professores, bibliotecários, contadores de história, amigos, entre outros. As bibliotecas também podem exercer uma função “útil de mediação” ao manterem-se apenas como repositório de livros. Isso pode ocorrer quando não há um profissional que auxilie os leitores na progressão de suas leituras, ou pelo fato de dela servir apenas de suporte aos trabalhos escolares, à informação e ao conhecimento, sem preocupações com a qualidade das obras que compõem seu acervo e com formação do leitor. Contudo, outras vezes, exerce uma função útil de mediação por meio do bibliotecário, o indivíduo que acompanha o leitor na difícil escolha de um livro e que consegue aguçar o desejo dos leitores por novas leituras, sem necessariamente ter de recorrer a uma mediação pedagógica, de imposição, mas sim de aproximação, de familiarização e de troca de conhecimento.

Desde a criação das primeiras bibliotecas, a figura do bibliotecário é vista como o “sábio” que salvaguardava o patrimônio produzido pelo homem. Com o decorrer do tempo, passou a atuar não mais como o homem dedicado às letras, mas como o profissional especializado em organizar o acervo e facilitar o acesso do público à obra desejada. A importância desse profissional deve-se ao fato dele servir de elo entre a obra e o público, que já não mais pode se limitar a proteger o acervo dos leitores ou organizar as obras nas prateleiras para que os leitores encontrem as obras de que necessitam.

O que melhor caracteriza uma biblioteca não é a beleza de sua decoração, mas a qualidade do seu acervo e a funcionalidade dos seus serviços. A qualidade do acervo da biblioteca é estabelecida pelo atendimento às necessidades reais de leitura dos usuários, voltadas à busca de conhecimento, recreação e fruição estética. A funcionalidade dos serviços é definida pela própria dinâmica interna da biblioteca, nos seus aspectos de seleção e aquisição de obras, agilização do processamento técnico, sistema de empréstimos e pela sua capacidade em atrair e aumentar o público leitor (SILVA 2009, p. 199).

O bibliotecário contemporâneo precisa, antes de tudo, ser leitor, assim como os intelectuais bibliotecários de antigamente, porém, deve ser crítico, reflexivo e informado. Deve também ter as competências de organização, catalogação, indexação e controle do acervo, mas, principalmente, buscar mudanças e ser comprometido com a sociedade, conhecer o público que dele carece e atuar como formador de leitores. O leitor que é conduzido por este

bibliotecário tem a oportunidade de percorrer as obras de várias estantes, e, não se limitando a um determinado tipo de assunto, suas leituras podem crescer progressivamente, tornarem-se subversivas, ampliar seus horizontes de expectativas e promover sua emancipação.

A biblioteca escolar é o setor da instituição de ensino que dedica cuidados especiais aos sujeitos além de serem um dos meios educativos, ou seja, um recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e formação do educando. Deve, portanto, ser um espaço aberto, de livre acesso e precisa desempenhar funções específicas dentro da estrutura escolar, como participar do planejamento pedagógico, das programações culturais e técnicas escolares.

Uma biblioteca escolar bem adaptada ao ambiente da escola, carregada de motivações, é o local, por excelência, onde a criança aprende a gostar de ler, a se interessar pela leitura e pelo livro, ou por qualquer coisa que represente uma interpretação, uma associação, uma história. A biblioteca escolar deve ser vista como um elemento integrador e indispensável entre o ambiente escolar e o desenvolvimento dos aprendizes – seus usuários – principalmente no que se refere à leitura, aos hábitos de ler e aos seus aspectos críticos, com relação à sociedade na qual estão inseridos. Desse modo, inserida no processo educativo, ela deverá servir de suporte a programas de educação, integrando-se à escola como parte dinamizadora de toda ação educacional.

No cenário atual da educação, é necessário ampliar a função pedagógica da biblioteca, construindo um novo paradigma educacional para ela, fazendo com que ela deixe de ser apenas um depósito de livros e passe a ser um espaço de expressão e adotando práticas de inovação organizacional. Além disso, deve ser um espaço com lápis e papel, para que um leitor inspirado tenha a chance de fazer os seus registros, copiar um poema que o fascinou, um título de romance para recomendar a um colega ou, simplesmente, para escrever algo de seu interesse.

A biblioteca, como qualquer outro equipamento escolar deve atuar em conjunto com o plano pedagógico da escola. Para isso, é imprescindível contar com a participação dos professores e fazer da biblioteca um recurso que apoie o trabalho destes, pois ela cria oportunidades para desenvolver o ensino e a aprendizagem. De acordo com Guedes e Farias (2007, p. 119), “como parte do sistema educacional, a biblioteca escolar tem o objetivo de mediar os processos de busca e uso da informação, levando o aluno a formar seu próprio significado a partir do acesso à informação”. Ela também auxilia os educadores na complexa tarefa de desenvolver, nos alunos, de maneira sistemática, habilidades para lidar com a

informação. Estimular os leitores ao uso da biblioteca, principalmente as crianças, contribui para uma melhor e mais adequada utilização desse espaço, visto que muitos usuários da biblioteca escolar são conquistados à medida que são convidados para auxiliarem na realização de alguns serviços.

De acordo com Santos (2016), a biblioteca escolar como instrumento de incentivo à leitura pode compor seu acervo com coletâneas de contos, trava-línguas, piadas, brincadeiras e jogos infantis, livros de narrativas ficcionais, dossiês sobre assuntos específicos, diários de viagens, revistas, jornais, etc. Nesse sentido, a biblioteca escolar deve ser o local, por excelência, para apresentar a leitura como uma atividade natural e prazerosa, já que para grande parte das crianças ela se configura como a única oportunidade de acesso aos livros. Ainda segundo Guedes e Farias (2007, p. 112-113),

as bibliotecas escolares, como agentes envolvidos nos processos de geração, gestão e disseminação da informação necessitam desempenhar habilidades de uso da informação, ou seja, ensinar os alunos a: definir suas necessidades, acessar, selecionar, avaliar, organizar, usar e gerar seu próprio conhecimento.

Os bibliotecários precisam desenvolver, em parceria com as escolas e os professores, projetos que transformem as bibliotecas em verdadeiros espaços de expressão, de construção de conhecimento e de aprendizado. A biblioteca escolar pode apoiar o trabalho do professor, mantendo em seu acervo certos títulos essenciais ao enriquecimento das aulas e possuindo um material organizado para pesquisas por parte dos alunos. A esse respeito, e conforme divulgado na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2015, p. 136), “o brasileiro vê a biblioteca como um espaço de estudo e pesquisa”. Assim, a biblioteca é um espaço de transformação e contribui fortemente para a expansão dos horizontes da leitura e da escrita.

No contexto escolar, o papel do bibliotecário é de grande responsabilidade, não só para o pequeno leitor em formação, como também para os professores, para os funcionários da biblioteca, para os pais e para a comunidade da qual faz parte. Afirmam Guedes e Farias (2007, p. 120) que “para a biblioteca escolar ser ativa e engajada no processo de ensino-aprendizagem, ela precisa do profissional bibliotecário, capaz de projetar um futuro superior para os ambientes informacionais da escola, tornando a biblioteca um importante agente de mudanças”. Assim sendo, o bibliotecário de uma biblioteca escolar, em parceria com os professores, pode planejar diferentes atividades para a promoção da leitura. No entanto, para que isso ocorra, é preciso envolver o público escolar (alunos e professores) no dia a dia da biblioteca, estabelecendo com ele uma relação de parceria, de forma a estimulá-lo cada vez

mais a utilizar os recursos oferecidos. Acrescentam, ainda, Guedes e Farias (2007, p. 121), que faz parte do trabalho dos bibliotecários criar, desenvolver e implantar programas sobre competências, visando à formação dos alunos, de forma que não baste apenas ensinar leitura e escrita, mas dar condições mínimas de ideias de acesso e de uso das informações, transformando a forma de pensar e de se relacionar com a realidade.

Para ser um bom bibliotecário, deve-se ser um bom leitor e conhecer os livros e as histórias que neles estão contidas, porque somente assim o bibliotecário poderá exercer o seu ofício da melhor forma possível, informando, orientando, sugerindo leituras variadas aos visitantes de seu espaço de trabalho. No espaço físico da biblioteca escolar, podem ser realizados diversos projetos de extensão que objetivem incentivar o hábito de leitura nos alunos, bem como a melhora das técnicas de pesquisa. A biblioteca possui uma grande importância no contexto escolar e no contexto do trabalho inovador, pois contribui para o crescimento pessoal e intelectual dos alunos, enriquece a prática docente e, nesse sentido, é uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem estudantes, professores e pesquisadores. Então, as escolas precisam ter uma biblioteca com livros de consulta e com livros de circulação, bem atualizada, dinâmica, onde seus usuários possam ter livre acesso ao manuseio dos livros e sentirem-se bem ao visitá-la.

No contexto escolar, a biblioteca não deve ser um local privado, em que sua visita é controlada, mas sim um local interessante e agradável para a construção do saber. Se assim for, a biblioteca escolar proporcionará ao aluno o acesso aos mais variados tipos de leitura, sejam elas literárias, técnicas ou científicas.

A convivência e a permanência do aluno numa biblioteca cujo ambiente favoreça a diversidade de oportunidades de leitura, o conhecimento de diferentes autores, sob a orientação de um profissional identificado e qualificado permite autonomia literária, assim como o desenvolvimento intelectual, integral do cidadão (RÖSING; FERRARI, 2016, p. 150-151).

Na biblioteca, o aluno amplia seus conhecimentos, enriquece seu saber construtivo, dado que, mesmo que ele comece lendo um simples livro infantil, adequado à sua faixa etária, com o passar do tempo ele vai descobrindo novos horizontes e inserindo-se em novos espaços de leitura. É na biblioteca que ele pode reconhecer a complexidade do mundo que o rodeia, descobrir seus próprios gostos, investigar aquilo que lhe interessa, adquirir conhecimentos novos, escolher livremente suas leituras preferidas e sonhar com mundos imaginários. Na biblioteca escolar, o sujeito pode interagir com o livro, adquirindo o conhecimento necessário

para solidificar seu processo de aprendizagem porque o livro condensa histórias, conhecimentos e saberes e, ao interagir com ele na biblioteca ou noutro espaço do contexto escolar, o aluno adquire conhecimentos, participa da história (re)construindo-a e vivenciando-a, produzindo e ampliando saberes que serão indispensáveis à sua vida diária.

A biblioteca é o local, por excelência, para apresentar a leitura como uma atividade natural e prazerosa, posto que, para muitas crianças, configura-se como a única oportunidade de ter acesso aos livros que não são didáticos. Uma vez que a escola, para muitos, é o único local onde se trabalha com a leitura e com a Literatura, cabe à instituição escolar oferecer aos educandos uma biblioteca adequada, organizar e executar projetos que tratem deste assunto, possibilitando sugestões de envolvimento de todos os participantes deste ambiente a fim de incentivar o gosto pela leitura. A biblioteca tem uma clara função socioeducativa quando integrada ao cotidiano escolar, por isso, deve-se reforçar os laços entre a biblioteca e a escola, de modo que haja integração – não somente elos compatíveis, mas reciprocamente coadjuvantes.

A visita coletiva à biblioteca é uma ocasião privilegiada para familiarizar a criança com o mundo do livro e tem um alto valor pedagógico. Para que a visita seja realmente significativa, o pequeno leitor deve receber a informação adequada à sua idade sobre a organização e o uso da biblioteca e de seus recursos. Por isso, cabe ao bibliotecário a missão de promover a produção de textos, incentivar o leitor a recriar o que vivencia e, nesse ambiente dinâmico, incorporar as novas tecnologias de informação e de comunicação. Logo, percebe-se que a biblioteca no ambiente educacional tem como função desenvolver também atividades de ensino, cultura e lazer, além de despertar o gosto pela leitura, preparando o indivíduo para assumir uma atitude crítica perante os problemas de uma sociedade mutante e interconectada à aldeia global.

2.4.1 A biblioteca escolar e a promoção da leitura

A relação da biblioteca escolar com a promoção da leitura é uma temática atual e pertinente. Uma de suas principais funções reside, precisamente, na motivação para a leitura e criação de hábitos regulares da prática leitora, promovendo, neste âmbito, atividades diversificadas, sistemáticas, articuladas e consistentes, dado que é incontestável o papel crucial e determinante que a leitura desempenha no desenvolvimento pessoal, social e escolar dos alunos. É urgente que a comunidade educativa e a sociedade pensem, seriamente, sobre a

importância da leitura na formação pessoal, social e escolar do aluno, uma vez que ela constitui uma prioridade educativa, dada a sua relevância. Naturalmente, nesse processo sublinha-se o papel do professor bibliotecário e da equipe da biblioteca escolar.

A sociedade tem se mostrado consciente desta realidade e, neste campo, temos de admitir que tenha tomado medidas no sentido da criação de condições que promovam esta atividade, demonstrando, assim, uma atitude consciente e convicta da importância da leitura no mundo atual. A implementação da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), em 1996, e, mais recentemente, a criação do Plano Nacional de Leitura (PNL), em 2006, são exemplos concretos desta preocupação e deste esforço para tornar os alunos melhores leitores. Assim, a biblioteca escolar deve ser valorizada e entendida como um recurso privilegiado a potenciar o contexto educativo, levando-se em conta as suas múltiplas funções no processo de ensino/aprendizagem e na formação integral dos nossos alunos.

Nesse enquadramento, torna-se cada vez mais premente que as escolas e as bibliotecas escolares partilhem experiências no âmbito da animação/promoção da leitura em diferentes níveis de ensino. Portanto, a biblioteca escolar, no âmbito da promoção da leitura, deve assumir um papel com um carácter integrador e transversal, desde o início da escolaridade, a começar desde a educação pré-escolar, estendendo-se por toda a escolaridade, fortalecendo-se a magnitude da leitura na formação e desenvolvimento pessoal, social e escolar dos nossos estudantes.

Para que os sujeitos se tornem, efetivamente, melhores leitores, é preciso ter consciência de que inculcar hábitos de leitura é uma responsabilidade que deve ser partilhada por todos: professor bibliotecário, docentes, família, bibliotecas municipais, escritores, ilustradores e sociedade em geral. Só dessa maneira crescerá, de fato, o número de leitores e se fomentará o crescimento pessoal deles, ajudando-os a tornarem-se cidadãos mais sensíveis, mais conscientes e mais responsáveis. Dessa forma, a ação da escola e da biblioteca escolar torna-se ainda mais significativa e determinante, devendo impulsionar e dinamizar o contato com o livro em vários suportes, criando condições e promovendo projetos diversificados, sistemáticos, articulados e consistentes de animação/promoção da leitura que fomentem o gosto e a criação de hábitos regulares da atividade, de modo a conduzir ao desenvolvimento da linguagem e da personalidade dos alunos e a criar, efetivamente, o hábito de ler, tornando o aluno um leitor ativo e reflexivo.

A biblioteca, para cumprir com seu papel como centro de aprendizagem integrado à escola, precisa do livro e da promoção da leitura para atingir seu objetivo: favorecer a aprendizagem dinâmica e participativa do aluno. Uma vez que leitura, escola e biblioteca

estão inevitavelmente interligadas, evidencia-se a necessidade de uma maior participação delas na vida do aluno. Esta é a função básica do espaço escolar: ensinar a gostar de aprender, o que significa gostar de ler, pois a leitura só passa a fazer parte da vida do estudante quando é, entre outras coisas, uma fonte de prazer. O aluno não pode apenas, através da literatura, estudar períodos e características de época, deve também ler o que aprecia, o assunto que prefere, o gênero que mais lhe agrada. A biblioteca escolar surge, neste contexto, como o elo entre leitura prazerosa e aluno, já que, em frequentes casos, o professor muito colabora para o crescimento da barreira entre estudante e texto. Como ressalta Scliar (1995, p. 172),

A sensação que tem o aluno colocado diante de um texto que ele não entende e que ele tem que entender, porque se ele não entender ele não vai passar no exame, não vai passar pelo vestibular, não vai entrar na faculdade, vai ser aquilo que os pais vão repetir constantemente enquanto ele estuda: um fracassado.

No entendimento de Letícia Strehl (s.d., p. 7), o maior desafio da biblioteca escolar consiste em fazer com que todas estas exigências concretizadas em um texto sejam desmistificadas por meio da disponibilização de materiais que façam o educando esquecer suas neuroses escolares, outorgando à leitura o sentido de fonte de enriquecimento interior e não de penalização e avaliação.

Assim, em classe, o acadêmico tem a oportunidade de ler os clássicos literários, mas, muitas vezes, lhe é suprimida a opção de entrar em contato com leituras que respeitam suas características e nível de maturidade como jovem/adolescente. O que não pode ocorrer é a desmotivação pela leitura em detrimento da manutenção de padrões preestabelecidos, o que significa perder o leitor para sempre. A biblioteca, desse modo, deve disponibilizar uma gama de possibilidades ao seu usuário, não se limitando ao atendimento das demandas. O estudante não pode ter apenas ao seu dispor os livros de leitura obrigatória, ele precisa de opções para escolher o que mais lhe agrada, seja um artigo de revista, uma notícia de jornal, uma crônica, um conto, um romance ou um clássico literário. A biblioteca realmente atuante e indispensável dentro da escola é aquela que satisfaz as necessidades de seus alunos, conhece seus gostos e preferências, disponibiliza e divulga um acervo em consonância com o perfil de seu usuário real ou potencial.

2.5 BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR DA LEITURA

No processo de formação de leitores o bibliotecário deve estar apto para agir diretamente na mediação de leitura. Ele é um mediador que está em uma posição privilegiada e a biblioteca, por menor que seja sua coleção, constitui uma diversidade de materiais de leitura que podem auxiliar no encantamento dos mais diferentes leitores. Além disso, o bibliotecário possui uma atuação livre de avaliações e padrões curriculares, podendo explorar livremente o prazer da leitura. Várias habilidades são indispensáveis ao profissional no desenvolvimento da mediação, pois se trata de um processo “delicado”, já que se for realizado de forma “precipitada” pode culminar em resultados opostos ao esperado, como antipatia pela biblioteca, pelos livros e pela leitura. Segundo Barros (2006, p. 27), “entre o gostar de ler e o estar habituado vai uma distância muito grande, que se atropela, muitas vezes, por uma mediação desastrada ou omissa, primeiro da escola, depois da biblioteca”. Segundo Frago (2002, p. 128), dentre as principais aptidões demandadas ao bibliotecário no processo de mediação de leitura é primordial que ele seja um leitor e tenha capacidade para promover atividades que avivem o interesse da comunidade escolar pela biblioteca tornando possível o desenvolvimento de métodos leitores.

O processo de mediação de leitura tem como principal objetivo a formação de leitores, no entanto, espera-se que tais leitores sejam formados de modo consciente e que sejam capazes de desenvolver o senso crítico não somente em relação às obras literárias, mas também em sua concepção de mundo. O que acontece, muitas vezes, é que, embora os alunos envolvidos no processo de mediação “pareçam ser leitores fluentes, podem não ter atingido o patamar da criticidade e seletividade suficientes para preferirem um texto esteticamente mais elaborado do que um livro de literatura de massa” (BARROS, 2006, p. 25).

Na concepção de Leahy, (2006, p. 37) “a biblioteca escolar pode desenvolver ações que busquem além do prazer de ler o desenvolvimento do indivíduo e cidadão, promovendo por meio da leitura uma autodescoberta consciente e comprometida com a realidade social, política e cultural”. Frago (2002, p. 127) corrobora essa ideia e salienta que,

[...] a biblioteca escolar envolve duas funções fundamentais, uma educativa e a outra cultural. A primeira é responsável por proporcionar ao aluno subsídios necessários para que ele desenvolva habilidades de estudo. Além de despertar interesse pela busca de conhecimento, auxilia na formação de hábitos de leitura, atua também auxiliando os educadores e a instituição, possibilitando o acesso a informações básicas, colaborando com o planejamento curricular, desenvolvendo habilidades de manuseio, consulta e utilização da biblioteca e da informação. A função cultural

consiste em subsidiar uma leitura individual e crítica acerca do mundo, da realidade contextual de cada um. Tal possibilidade efetiva-se com a diversidade e o acesso a diferentes tipos de materiais e conteúdos.

Portanto, é preciso estimular o interesse pela prática de leitura, já que ao manter essa prática constante, o indivíduo se torna conhecedor das potencialidades de transformação por meio da leitura e dos benefícios que ela proporciona ao ser humano.

2.5.1 O papel social do bibliotecário

Tendo em vista que o bibliotecário trabalha com um dos mais poderosos instrumentos de desenvolvimento das potencialidades humanas, que é a informação, é pertinente que ele se volte para desempenhar a sua função social como um agente democratizador dessa informação por meio da sua ação mediadora, agindo como um educador liberal que contribui com o processo de aprendizagem dos sujeitos através das mais diversas formas de leitura.

Consciente do fato de que a sala de aula não é o único local de aprendizagem, o bibliotecário pode e deve abrir o espaço da biblioteca, ou na falta desta, criar um espaço aberto a todos os cidadãos para, assim, em conjunto com o professor, fomentar o processo de aprendizagem significativa baseado na prática de leitura. Ribeiro (2005) afirma que “a leitura realizada para apreender ou informar deve ser tratada como parte do processo pedagógico em que não só o professor, mas também o bibliotecário é igualmente responsável”. Silveira (1997, p. 15) complementa:

Ajudando a criança a compreender seus próprios problemas, estimulando a imaginação, promovendo o desenvolvimento linguístico, suscitando o gosto pelas boas leituras e recreando, o bibliotecário escolar centra seu trabalho num aspecto essencialmente educativo, cumprindo sua função de importância relevante, a busca do leitor, pois é a biblioteca que mais vezes deve ir ao encontro dele.

O papel social do bibliotecário vai muito além de intermediar a informação e facilitar o acesso desta por meio da leitura. O bibliotecário deve atrair o leitor para dentro da biblioteca, colocando-o em contato direto com o livro e com a leitura ou, até mesmo, indo ao encontro do leitor, onde quer que ele esteja.

Na concepção de Oliveira (2008, s.p.) o bibliotecário como mediador de leitura deve ter plena consciência do seu papel, que é o de motivar a leitura, favorecendo a vinculação entre o leitor e o texto. Mas para tanto, esse mediador deve ter uma formação continuada, para estar alerta à multiplicidade cultural e instruído para lidar com a variância de contextos sociais que

mescla cada leitor, sem preconceitos e elitização. Assim, o mediador de leitura, na sua formação, necessita sugerir encaminhamentos enriquecedores na criação e manutenção de espaços de leituras e de formação de leitores que sejam aprazíveis, alegres e dinâmicos, para que, assim, haja de fato a mediação da prática leitora.

Uma atitude importante dos bibliotecários para o fomento da mediação da leitura entre os usuários de bibliotecas escolares é o planejamento de projetos como, por exemplo, a roda de leitura. Nela, os alunos trocam experiências entre si sobre suas últimas leituras. A organização da biblioteca através de áreas do conhecimento afins facilita a diversidade de livros que os alunos podem ler e o gerenciamento de bibliotecas escolares através de *softwares* livres auxilia a importação e exportação de dados entre as redes de bibliotecas escolares. Em conformidade com Campello (2002, p. 9), “a biblioteca escolar pode constituir-se num espaço adequado para desenvolver nos alunos o melhor entendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea”. Consequentemente, as bibliotecas devem atuar como centro de informações para as comunidades onde estão presentes. Para que tal atuação seja eficiente, é necessário que o bibliotecário se posicione como um mediador de leitura.

Outro aspecto da mediação da leitura entre livro e usuários feita pelos bibliotecários é a prática pedagógica da leitura, vista como fundamental para o aprendizado da leitura. Além disso, o prazer da leitura proporciona aos alunos de bibliotecas escolares os sonhos, a imaginação, a vivência momentânea dos desejos, das vontades e dos anseios reprimidos, o que possibilita uma grande interatividade entre leitor e autor do livro.

Para que a mediação pedagógica do bibliotecário alcance os resultados desejados, é preciso muito empenho do profissional da informação, construindo o ensino junto com o aluno, a empatia nos momentos de vitória ou derrota do indivíduo, o estímulo à corresponsabilidade nas ações das pessoas e a garantia de um ambiente de respeito mútuo dentro da biblioteca escolar entre educadores e educandos. Segundo Darci Rodrigo Mengue Vieira (2012, p. 21) “para que a mediação entre bibliotecário e o usuário ocorra com sucesso nas bibliotecas escolares não pode haver neutralidade na estratégia de busca da informação”. Neves, Moro e Estabel (2012, p. 54) reforçam que,

[...] embora não se possa negar que a conciliação entre a palavra livro como mediador nas relações humanas é ainda muito discutida nos meios educacionais e literários, a valorização da leitura como processo de educação já ocorre com muito mais frequência nos meios escolares e Acadêmicos, nos espaços da biblioteca em que estabelecem relações entre leitor e leitura e o bibliotecário atua como um mediador de leitura, propiciando a cidadania, a inclusão social, digital e o acesso à informação.

Outra forma de mediação de leitura que não é feita apenas pelo bibliotecário escolar é a democratização do incentivo à leitura. Essa democratização considera que os requisitos fundamentais para a biblioteca escolar são os seus próprios diagnósticos coletivos de problemas, a criação de redes de comunicação entre os atores que incentivam a leitura, a abertura das unidades escolares para a população usuária conforme a demanda de busca de informações pertinentes àquela comunidade em que está inserida a biblioteca escolar, o funcionamento efetivo do conselho da escola no que tange a projetos de incentivo à leitura dentro da biblioteca escolar, uma maior autonomia à unidade escolar, principalmente na contratação e gestão de pessoal, a elaboração e a aprovação coletiva do orçamento da escola. Uma parte deste valor deve ser destinada à compra de livros e de novas tecnologias que servirão para melhorar o incentivo à leitura e a elaboração coletiva de padrões de qualidade ligados à estratégia de aprendizagem da leitura.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia é a ciência compreendida por meio da sistematização dos processos a serem desenvolvidos no decorrer do estudo e/ou pesquisa acadêmica para gerar conhecimento. Uma pesquisa só existe através do levantamento de dúvidas referentes a algum tema, e as suas respostas buscam meios que levam o investigador ao seu propósito com o seu trabalho científico. Todas as grandes invenções e acontecimentos do homem foram concluídos sempre pelo pressuposto de uma pergunta, de uma dúvida inerente que gerou análises para se chegar a uma solução. Desse modo, a metodologia vai descrever quais são os métodos e instrumentos empregados para realização da pesquisa a fim de alcançar os objetivos propostos. É a escolha do pesquisador para abordar o objeto de estudo.

Nesse enquadramento, parte-se da contextualização do Município de Marau/RS, cenário dos sujeitos da pesquisa, e posteriormente a descrição minuciosa da trajetória da pesquisa.

3.1 CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE MARAU/RS

O Município localiza-se no norte do Estado do Rio Grande do Sul, dentro da região conhecida como Planalto Médio. Marau expressa a vitalidade na força dos empreendedores, das indústrias e dos cidadãos que contribuem para o crescimento da cidade.

3.1.1 Origem e emancipação

De acordo com Bernardi (1992), antes de 1827, o território de Marau fazia parte da província jesuítica chamada Missões Orientais do Uruguai, formada por índios guaranis e coroados. Em 1904, os descendentes dos imigrantes italianos iniciam a colonização de Marau. Já em 1908, o povoado do Tope, primeiro núcleo populacional de Marau, tinha 2.500 habitantes e em 03 de julho de 1920, o povoado de Marau é elevada à vila e passa a ser a sede do 5º Distrito.

Em 1923 surge o frigorífico Borella, marco da indústria marauense, que logo se tornaria fornecedor regional e nacional de salame, presunto, mortadela e banha. Em 1934, os Freis Capuchinhos assumem a assistência espiritual dos marauenses, integram a zona urbana e rural em forte comunidade e lideram seu desenvolvimento.

Dia 18 de dezembro de 1954, Marau emancipa-se com 1.055 km², desmembrados de Passo Fundo e Guaporé. Em 17 de fevereiro de 1959, com a anexação de Camargo, até então pertencente à Soledade, Marau chega a 1.192 km².

No dia 28 de fevereiro de 1955, o município é instalado oficialmente e esta se torna a data de seu aniversário. Seu nome deve-se à trágica história de um cacique bravio, de nome Marau, que, conforme a historiografia, percorria as vastas selvas da Serra Geral em busca de alimento frente a um bando de índios Coroados. Essas excursões nem sempre foram pacíficas e há registros de saques às lavouras e mortandade de brancos. Também não eram de paz aqueles tempos em que os gaúchos – tropeiros e soldados da fronteira – e os estancieiros mobilizavam-se em torno dos ideais farroupilhas, mantendo a República Rio-Grandense. Além disso, o perigo representado pela presença de índios na região era um empecilho à vinda de mão de obra europeia patrocinada pelo Império e já bem sucedida no caso dos alemães.

Nesse contexto, o extermínio do bando chefiado pelo temido cacique Marau era inevitável. Por volta de 1840, acusados de trucidar dois moradores da aldeia Passo Fundo das Missões, os índios foram perseguidos por uma escolta que atravessou o rio Capingui e, às margens de um arroio, depois chamado de Mortandade, travaram a primeira batalha. Ainda no encalço dos índios fugitivos, a expedição prosseguiu em direção ao sudeste, exterminando o bando às margens de um rio maior. Esse batismo de sangue nomeou-o de rio Marau e com o mesmo nome também passou a ser chamada a região adjacente, povoada por caboclos.

A colonização ganhou força a partir de 1912, com a criação da “Colônia de Marau”, que abriu o mercado de terras públicas para pequenos proprietários. Os colonizadores transformaram densas matas em lavouras férteis e o esparsa povoamento de caboclos em comunidades italianas de forte espírito gregário. Por muitos anos o cincerro guiou tropas de muares transportando colheitas abundantes em troca de sal, café, roupas, calçados e querosene. A madeira excedente era levada a Passo Fundo e, por via férrea, para o resto do país. Esses foram os primeiros movimentos rumo ao desenvolvimento de Marau. A cidade foi, durante muito tempo, apenas território para tropeio de gado. Depois, a Coroa distribuiu sesmarias para que os tropeiros e os militares se estabelecessem em estâncias. A vinda de alguns imigrantes das mais diversas pátrias fez surgir os primeiros núcleos populacionais, um denominado de Tope e o outro, de Marau. Este recebeu as primeiras famílias de imigrantes italianos por volta de 1904 e mais tarde tornou-se a sede do 5º Distrito de Passo Fundo, criado em 1916. A partir de um plebiscito e com base na lei que regulamentava a formação de novos municípios, os limites da área foram fixados em 1.055 km², desmembrados de Passo Fundo e Guaporé.

Em 1942, inaugurava-se a Igreja Matriz Cristo Redentor, que continua recebendo fiéis até os dias atuais, substituindo uma construção de madeira existente no mesmo lugar. A vila e a zona rural desenvolveram-se com o trabalho árduo dos colonizadores, descendentes dos imigrantes italianos oriundos das regiões do Vêneto, Lombardia e Trentino. Até a década de 1960, a agricultura de Marau manteve um caráter de subsistência, mas a criação de suínos já se transformara em atividade comercial desde a década de 20.

Na década de 1970, a instalação de agências bancárias, o cooperativismo agrícola e a mecanização da lavoura alteraram radicalmente o perfil da produção marauense, voltando-a maciçamente para a monocultura. Entretanto, a crise no setor, verificada na década de 80, provocou não somente um grande êxodo rural, mas uma nova mudança na atividade. Hoje, beneficiada pelo terraceamento do solo, a agricultura volta-se para a diversificação de produtos e na pecuária ganham relevo a produção de leite e a avicultura, atendendo à demanda das indústrias de alimentos instaladas em Marau e na região. Ao todo, a agropecuária reúne mais de 1.700 estabelecimentos e ocupa o segundo lugar em valor adicionado no município.

No aspecto educacional, Marau possui uma Secretaria Municipal de Educação que coordena os trabalhos de 12 estabelecimentos de Educação Infantil, 11 estabelecimentos de Ensino Fundamental e um estabelecimento de Serviço de Educação de Jovens e Adultos (Seja). O município possui também duas instituições de ensino superior: a Faculdade da Associação Brasiliense de Educação (Fabe) e o Centro de Ensino Superior Riograndense (Cesurg). Conta ainda com quatro instituições educacionais estaduais e duas instituições privadas. Cada instituição possui uma biblioteca com acervo que é utilizado por alunos e professores nas atividades escolares.

A Secretaria Municipal de Educação proporciona aos educadores Jornadas Pedagógicas e Fórum de Educação, ambos desenvolvidos de forma bianual, como forma de aperfeiçoamento profissional. O município conta com a Biblioteca Pública Municipal Professor Francisco Jatir Pastre, que atende a comunidade marauense oferecendo acervo adequado às necessidades dos sujeitos de pesquisa.

Marau tem a característica mais marcante de seu desenvolvimento, que é a diversidade em todas as áreas, oriunda da vocação empreendedora de seu povo. Marau preserva em seu nome o passado indígena do Brasil e a memória das batalhas humanas pela ocupação de espaços, batalhas muitas vezes cruéis e quase sempre condenadas ao esquecimento.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Pensar na adoção da metodologia de pesquisa para realização de um trabalho implica refletir nos procedimentos e no conjunto de técnicas que nortearão o caminho a ser percorrido pelo pesquisador. Na perspectiva de Minayo (2011), a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade e, ainda, que a definição da metodologia requer dedicação e cuidado do pesquisador. Mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetivos de estudo. Nesse contexto, a metodologia deve ser entendida como uma sequência de métodos e técnicas científicas a serem executadas ao longo da pesquisa, de forma que atenda aos objetivos inicialmente propostos e, ao mesmo tempo, atenda a critérios como rapidez, eficácia e confiabilidade de informação.

Uma pesquisa começa pela definição do tema e da questão norteadora, ou do problema que se quer estudar, juntamente com o estabelecimento dos objetivos. A partir disso, é preciso escolher a metodologia mais adequada para a realização do trabalho, tendo em vista os objetivos que se pretende alcançar. Como o objetivo geral desta pesquisa é analisar a prática de leitura na formação do professor leitor em duas gerações consecutivas, a fim de identificar as experiências vivenciadas nesse processo que delimitaram uma formação mais efetiva, o procedimento adotado foi uma pesquisa de campo, utilizada quando se pretendeu investigar um grupo, por meio de coleta de dados, diretamente no local da realidade em estudo.

Prodanov e Freitas (2009, p. 72-73) explicam que a pesquisa de campo “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. A pesquisa caracterizou-se como de campo, pois se buscou investigar a formação do professor leitor. A obtenção dos dados foi realizada junto a vinte professores que atuam da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental de escolas da rede de ensino municipal de Marau/RS. São indispensáveis para qualquer pesquisa de cunho científico pressupostos metodológicos que encaminhem as etapas a serem percorridas pelo trabalho, assegurando-lhe a finalidade proposta. Desse modo, o pesquisador deve eleger a metodologia mais adequada.

Portanto, este capítulo expõe as etapas necessárias para o trajeto e desenvolvimento desta dissertação, organizando-se em três subtópicos: o primeiro menciona as etapas e

instrumentos de pesquisa. O segundo descreve os procedimentos de coleta de dados. E o último dedica atenção para análise e interpretação de dados.

3.3 ETAPAS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Para a realização do trabalho, foi necessário, inicialmente, fazer um estudo bibliográfico a respeito da temática da leitura e formação do leitor. Após, foi-se a campo para a coleta dos dados, os quais, posteriormente, foram analisados e interpretados, com base na fundamentação teórica. Entretanto, a análise dos dados não se restringiu simplesmente à contagem de respostas do questionário, que foi o instrumento de coleta utilizado. Buscou-se, ao contrário, interpretá-las, relacioná-las entre si e com os aportes teóricos utilizados. Para tanto, realizou-se uma pesquisa quantitativa e também qualitativa. Quantitativa porque traduziu “em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 80), e qualitativa porque efetuou “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 81). No que diz respeito à busca bibliográfica, foram incluídos tanto o levantamento de informações dos conceitos teóricos quanto os dados do contexto social e histórico da rede de ensino municipal da cidade de Marau/RS.

O instrumento de investigação consistiu na aplicação de um questionário, que segue em anexo a este trabalho, por parecer ser o mais adequado e prático para a obtenção das informações pretendidas. Após uma nota introdutória, na qual se indica o objetivo do estudo e o contexto em que se insere, segue-se a apresentação de algumas instruções de preenchimento, a fim de facilitar as respostas. As perguntas foram redigidas de forma a manter a homogeneidade e compreensão.

Optou-se pela realização de questões fechadas, de múltipla escolha, e de questões abertas. As primeiras possibilitaram que as respostas fossem mais restritas e objetivas, facilitando a análise e com a probabilidade de levar a um tratamento quantitativo. As abertas, por sua vez, permitiram acesso a dados mais subjetivos. A escolha da utilização dos questionários revelou-se vantajosa por permitir manter o anonimato e exercer menos pressão sobre os participantes, a fim de que a resposta tendesse a ser mais imediata e verdadeira. Dessa maneira, foi mantida a possibilidade de uma valoração quantitativa das respostas dadas, mas, também, de uma valoração qualitativa sempre que assinalada a opinião dos participantes.

A pesquisa foi realizada em várias escolas pelo fato dos professores atuarem em mais de uma delas, conforme planejamento da rede de ensino municipal de Marau. A amostra abrangeu uma parcela representativa de vinte elementos que compõem o universo de professores. Ao selecioná-los, buscou-se uma representação da população (dez professores) em cada faixa, considerando o tempo de atuação na prática docente (até 5 anos e de 25 anos ou mais) que, por meio das respostas dos questionários, expressaram conceitos significativos sobre a formação leitora que foram analisados e inseridos no corpus da dissertação pelo investigador.

Previamente, conversou-se com os professores, sujeitos da pesquisa, com a intenção de explicar os motivos deste estudo e esclarecer alguns termos do questionário. Em seguida, procedeu-se ao agendamento da entrega dos questionários de acordo com a disponibilidade dos profissionais. As perguntas foram respondidas durante o mês de março de 2017 e as respostas aos questionamentos foram executadas de acordo com a disponibilidade de tempo de cada sujeito da pesquisa. Os professores participantes demonstraram interesse e motivação para responder as questões que embasaram a pesquisa. E, ao fazê-lo, expressaram seus conhecimentos, sentimentos, opiniões, dúvidas e aflições cotidianas que surgiram em sua formação leitora.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

A coleta de dados constitui uma etapa muito importante da pesquisa, mas não deve ser confundida com a pesquisa propriamente dita. Rudio (2007, p. 111) chama de “coleta de dados” a fase do método de pesquisa cujo objetivo é obter informações da realidade. Consequentemente, todas as suas etapas devem ser esquematizadas para facilitar seu desenvolvimento e assegurar uma ordem lógica na execução das atividades.

Para a coleta de dados, inicialmente, no mês de dezembro de 2016, contactou-se a secretária de Educação da rede de ensino municipal de Marau/RS para solicitar autorização para realizar a pesquisa. De posse da autorização, no mesmo mês, os professores foram procurados, via telefone e pessoalmente, e convidados a participar da pesquisa. Após a concordância dos professores, no mês de março de 2017, os questionários foram levados às escolas, dentro de um envelope individual, no qual também constava o Roteiro de Pesquisa, a Autorização da secretária de Educação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo, após a

apreciação do projeto de pesquisa. A obtenção dos dados para análise foi mediante a resposta à indagação: como se deu a formação do sujeito da pesquisa enquanto leitor? Depois de respondidos, os questionários foram recolhidos pelo pesquisador, que registrou e descreveu as informações, analisando e ordenando os dados coletados.

Estabeleceu-se um prazo de trinta dias para que os professores respondessem ao questionário. Após o prazo combinado, no mês de março de 2017, telefonou-se para as escolas para comunicar que os envelopes, com os questionários e os TCLEs assinados, seriam recolhidos. Obteve-se retorno dos vinte questionários respondidos e isso demonstra a disponibilidade dos pesquisados e o seu interesse em participar da pesquisa.

Nesta pesquisa, apesar de todo cuidado na elaboração do questionário, as perguntas não deixam de carregar a postura do pesquisador. Nas questões de múltipla escolha, em que podiam ser marcadas mais de uma alternativa, por exemplo, há um direcionamento na escolha das opções a serem marcadas pelos sujeitos da pesquisa. Relacionado a isso, pode ocorrer que algumas respostas não estejam previstas nas opções, por isso, foi disponibilizado um espaço para as manifestações dos pesquisados conforme suas vivências. Além disso, como as perguntas não são feitas e respondidas presencialmente, há a possibilidade de alguma pergunta não ser interpretada adequadamente.

Em relação à análise dos dados do trabalho, as respostas das perguntas fechadas, que podem ser somadas, foram classificadas e tabuladas seguindo o critério de frequência, verificando-se quais respostas foram mais e menos recorrentes. As respostas às perguntas abertas são mais difíceis de tabular. A fim de facilitar a análise, esses dados foram quantificados, no sentido de serem organizados e classificados de forma sistemática, do mesmo modo que os demais dados quantitativos fornecidos pelas questões fechadas. Para quantificar as respostas das perguntas abertas, transformá-las em números, porcentagem, foram observadas as recorrências, os aspectos semelhantes e divergentes, e foram estabelecidos critérios para categorizar as respostas. A categorização “consiste na organização dos dados para que o pesquisador consiga tirar conclusões a partir deles” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 126). Categorizadas as respostas das perguntas abertas, estas foram organizadas e classificadas da mesma forma que as respostas fechadas. Prodanov e Freitas (2009, p. 125-126) explicam que, “na pesquisa quantitativa, os dados são organizados e classificados de forma sistemática, passando pelas fases de seleção, codificação e tabulação”. As categorias de análise desta pesquisa foram definidas com a intenção de conhecer a formação leitora dos professores em duas gerações consecutivas.

Por meio da combinação de perguntas fechadas e abertas, consegue-se organizar melhor o questionário, de maneira a que os objetivos da investigação sejam alcançados. O uso do questionário possibilita dar voz a um número expressivo de professores em um período menor de tempo se comparado às pesquisas realizadas, tendo a entrevista como instrumento de coleta de dados, pois os professores podem responder aos questionários simultaneamente. Além disso, essa forma de coleta possibilita que os sujeitos leiam as questões mais de uma vez e reflitam sobre elas, para, então, fornecer suas respostas com maior precisão, sem a tensão de estar frente a frente com o pesquisador. Considera-se esse um aspecto positivo, embora alguns entendam que isso compromete a veracidade das respostas, justamente pelo fato de o sujeito pesquisado ter mais tempo para pensar sobre o que vai responder.

O questionário (Apêndice) elaborado para essa pesquisa abrangeu perguntas voltadas aos seguintes aspectos: material de leitura (pergunta 1); leitura na infância (perguntas 2 a 4); aquisição de livros (pergunta 5); incentivo da leitura na infância (pergunta 6); existência de biblioteca, bibliotecário capacitado, funcionamento da biblioteca, acervo, empréstimo de livros e espaço físico (perguntas 7 a 12); materiais de leitura disponibilizados pela escola (pergunta 13); formas de incentivo à leitura (pergunta 14); leituras no magistério (perguntas 15 a 17); leituras atuais e finalidade (perguntas 18 a 19); frequência na biblioteca (pergunta 20); uso da internet para leitura (pergunta 21); frequência e dedicação à leitura (pergunta 22); leituras marcantes (pergunta 23); motivações para leitura (pergunta 24); significado da leitura (pergunta 25); promoções de incentivo à leitura (pergunta 26); reflexões acerca de práticas leitoras (pergunta 27). A partir dessas questões, produziram-se elementos acerca da formação leitora dos participantes, evidenciando as influências que sofreram durante esse processo.

A pesquisa busca conhecer a realidade e, por isso, no Roteiro de Pesquisa entregue aos professores, assim como no convite feito (verbalmente) para participarem do trabalho, frisou-se a importância de responderem às questões com sinceridade. Por esse motivo, e também para preservar o sigilo e a confidencialidade das fontes, a identidade dos professores não foi revelada, tendo eles sido identificados como A1, A2...e B1, B2...para a tabulação e análise dos dados. Uma questão importante de que se precisa ter ciência é que, embora se busque a neutralidade na pesquisa, a subjetividade do pesquisador subjaz às suas escolhas. A subjetividade do pesquisador está presente desde a seleção do problema de pesquisa, até as escolhas metodológicas, passando pela seleção dos aportes teóricos utilizados.

3.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O instrumento selecionado para o registro dos dados foi o questionário, ferramenta importante que permite caracterizar e observar a prática de leitura e sua influência no processo de formação. A análise das informações será apenas uma descrição de dados, ordenados pelo pesquisador para que possam ser interpretados. Rudio (2007, p. 117-118), menciona:

Antes de começar a redigir o formulário é necessário estabelecer um *plano*, para que as perguntas sejam apresentadas de modo ordenado e numa sequência lógica, que dê unidade e eficácia às informações que se pretende obter: o formulário não é uma colcha de retalhos, mas um todo organizado, com o objetivo de conseguir determinadas informações. Assim é necessário, antes de construí-lo, definir exatamente quais as informações que precisam ser obtidas, a fim de que nele só sejam feitas indagações pertinentes e relevantes.

Quando os questionamentos são tanto de cunho dissertativo quanto objetivo, eles permitem ao pesquisador maior acesso ao ponto de vista dos participantes, além de um olhar mais panorâmico acerca desses indivíduos. Segundo Rudio (2007, p. 122-123), “obtidos os dados, o pesquisador terá diante de si um amontoado de respostas, que precisam ser ordenadas e organizadas, para que possam ser analisadas e interpretadas. Para isto, devem ser *codificadas* e *tabuladas*, começando-se o processo de *classificação*.”

Na ciência, o pesquisador precisa ter em mente os passos a serem seguidos, as fontes a serem pesquisadas, o campo de pesquisa a ser explorado, o tempo e o espaço necessários para que cada etapa seja cumprida. A análise dos dados coletados permitiu compreender melhor os contextos investigados, descrevê-los e compará-los, contribuindo, assim, para elucidar as questões centrais da pesquisa, respondendo ao problema com vistas a atingir os objetivos propostos. Os dados foram interpretados e comentados de forma descritiva, a partir dos resultados e das análises qualitativas.

A análise da trajetória do professor leitor foi efetivada com base em algumas categorias, como a formação leitora, o papel dos mediadores de leitura, as experiências e as preferências, a leitura da literatura, o acervo pessoal, a participação em atividades culturais leitoras e a conscientização, por parte do pesquisado, de sua relação com a leitura.

Na fase da pesquisa, analítica e descritiva, a interpretação e a análise das informações pesquisadas foram feitas a fim de atender aos objetivos da pesquisa e de comparar dados buscando respostas sobre a formação do professor leitor em duas gerações consecutivas. Essa etapa representa o momento em que o pesquisador obteve dados coletados por meio da

aplicação de técnicas de pesquisa, usando instrumentos específicos (questionário) para o tipo de informação que se desejava obter, de acordo com o objeto de pesquisa em análise e com relações feitas através do referencial teórico para fortalecer o posicionamento dos pesquisados.

Ressalta-se, entretanto, que a metodologia não consiste na simples escolha de métodos disponíveis que permitirão conduzir a pesquisa seguindo um conjunto de regras num determinado processo, apesar de que ela possa ser apresentada, na maioria das vezes, dessa forma. A metodologia reflete uma visão de mundo, além das crenças do pesquisador sobre a realidade experiencial ou não e, inevitavelmente, essa realidade pode ser influenciada pelo imaginário social da época em que está inserida.

4 PERFIL DAS DUAS GERAÇÕES DE LEITORES

A análise das informações dos pesquisados efetivou-se com base nas questões norteadoras mencionadas no roteiro de pesquisa, anexado à esta dissertação, que tem por tema *A formação do professor leitor em duas gerações consecutivas*.

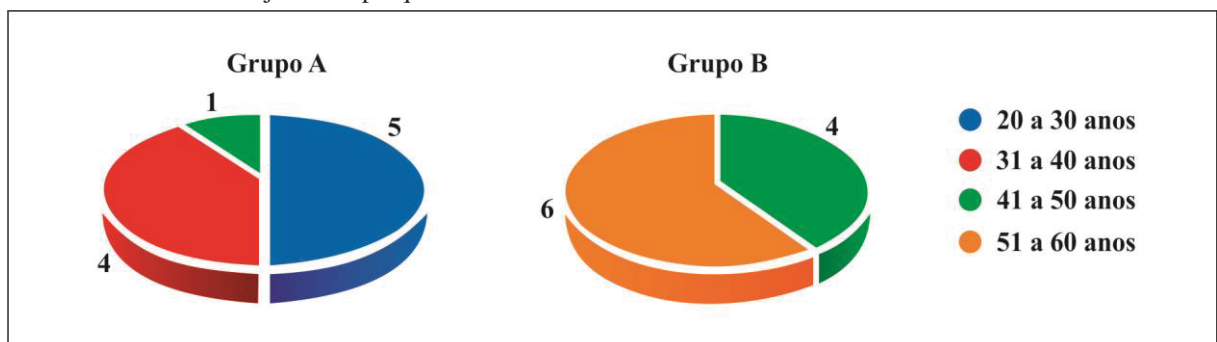
A coleta dos dados realizou-se num universo de vinte professores da rede de ensino municipal de Marau/RS, que atuam da Educação Infantil +ao 9º ano do Ensino Fundamental, considerando um grupo de dez professores com até 5 anos de magistério, e outro grupo com 25 anos ou mais de magistério.

4.1 IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Ao realizar a análise dos dados investigados, os sujeitos da geração de professores com até 5 anos de magistério serão identificados por grupo A e os respondentes por A1, A2, etc., e aqueles com 25 anos ou mais de docência por grupo B, e os respondentes serão identificados por B1, B2, etc.

Tendo em vista o tempo de magistério de cada grupo, é notória a diferença de idade dos pesquisados, conforme demonstrado no Gráfico 01, ou seja, do grupo A, de 20 a 30 anos (cinco); de 31 a 40 anos (quatro); e de 41 a 50 anos (um). Por outro lado, do grupo B, de 41 a 50 anos (quatro); e de 51 a 60 anos (seis). Essa diferença de idade se deve ao fato de o grupo A estar iniciando suas atividades no magistério e o grupo B estar em final de carreira na profissão de professor, conforme o direcionamento da pesquisa.

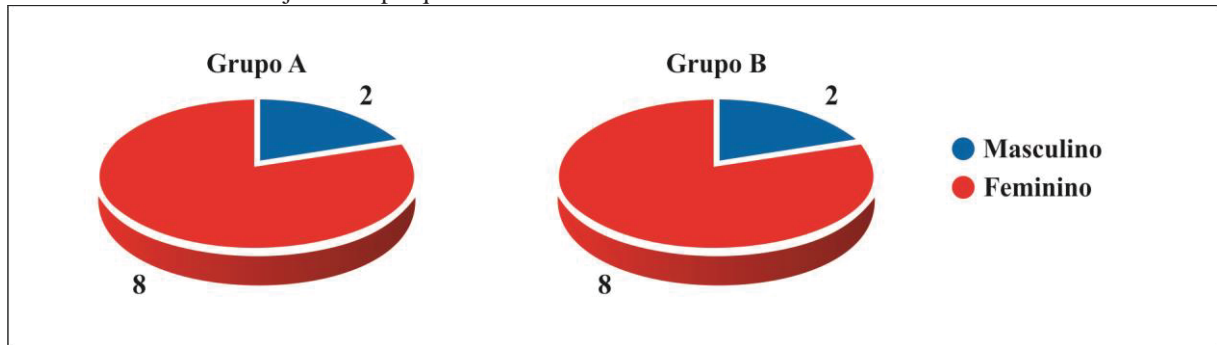
Gráfico 1 – Idade dos sujeitos da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

No que se refere ao gênero dos respondentes, nota-se que os dois grupos mantêm a mesma proporção, dois sujeitos do gênero masculino e oito do gênero feminino, de acordo com o Gráfico 2. No entanto, percebe-se que o destaque para ambos os grupos pelo magistério é do gênero feminino.

Gráfico 2 – Gênero dos sujeitos da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

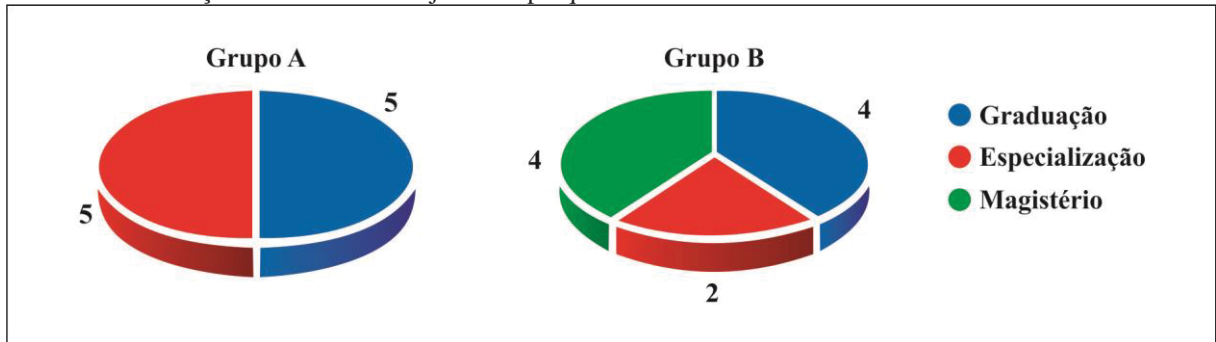
De acordo com dados da Sinopse do Professor da Educação Básica, divulgada pelo MEC no fim de 2010, as mulheres compõem 81,5% do total de professores da educação básica do país. Em todos os níveis de ensino dessa etapa, com exceção da educação profissional, elas são maioria lecionando. Existem quase 2 milhões de professores, dos quais mais de 1,6 milhão são do sexo feminino. Esse percentual pode ser explicado historicamente, como aponta a socióloga Magda de Almeida Neves⁵. Segundo ela, “a sociedade brasileira associa a função do professor a características geralmente consideradas femininas, como a atenção, a delicadeza e a meiguice”. As mulheres estão em maior proporção nos anos iniciais da educação de uma criança e conforme as etapas de ensino vão avançando, mais homens passam a lecionar. Isso acontece, segundo Magda, sobretudo porque, no decorrer do ensino formal, diminui a associação do magistério com uma função essencialmente feminina e os salários também se elevam. Ser educadora, na concepção das mulheres e da sociedade, trazia mais prestígio do que exercer outra profissão. A possibilidade de circularem pelo espaço público desacompanhadas e de adquirirem conhecimentos que iam além das prendas domésticas, como era usual, também foi grande atrativo.

Em relação à formação acadêmica dos sujeitos da pesquisa do grupo A, cinco têm graduação e cinco, além da graduação, cursaram uma especialização. Já entre os pesquisados

⁵ Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

do grupo B, quatro são graduados, dois especializaram-se em alguma área e quatro cursaram o magistério. Esses dados estão representados no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Formação acadêmica dos sujeitos da pesquisa.



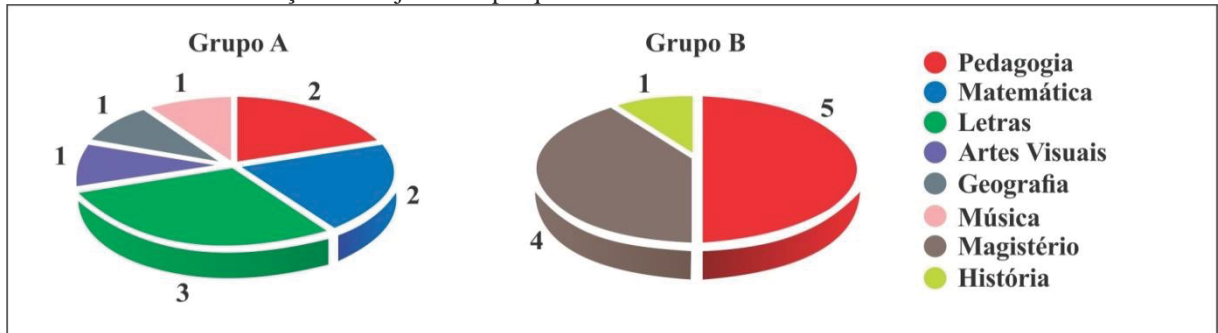
Fonte: Elaborado pelo autor.

Comparando os dois grupos, observa-se que o grupo A buscou mais formação acadêmica em graduação e em especialização em relação ao grupo B. O que chama atenção no grupo B é a constatação de quatro docentes que possuem apenas formação no magistério (equivalente ao ensino médio) porque na sua época essa formação era suficiente para ministrar aulas. Outro fator observado foi o baixo índice em cursos de especialização no grupo A (cinco professores) e, no grupo B, apenas dois docentes.

Diante da realidade que se apresenta, verifica-se que a motivação para frequentar um curso de especialização está mais presente na geração do Grupo A. Acredita-se que isso se deve ao fato de o professor mais jovem estar em início de carreira e, em comparação, os docentes do grupo B se encontram no final de carreira e acreditam não ser necessário buscar cursos de especialização.

Com respeito à área de formação acadêmica, os sujeitos pesquisados do grupo A buscaram cursos de diversas áreas do conhecimento, dentre elas: Pedagogia (2), Matemática (2), Letras (3), Artes Visuais (1), Geografia (1) e Música (1), e, no grupo B, os professores cursaram Pedagogia (5), Magistério (4) e História (1), de acordo com o Gráfico 4. Desse modo, percebe-se que os profissionais do grupo A obtiveram mais variedade de cursos (6) em relação ao grupo B (3).

Gráfico 4 – Área de formação dos sujeitos da pesquisa.

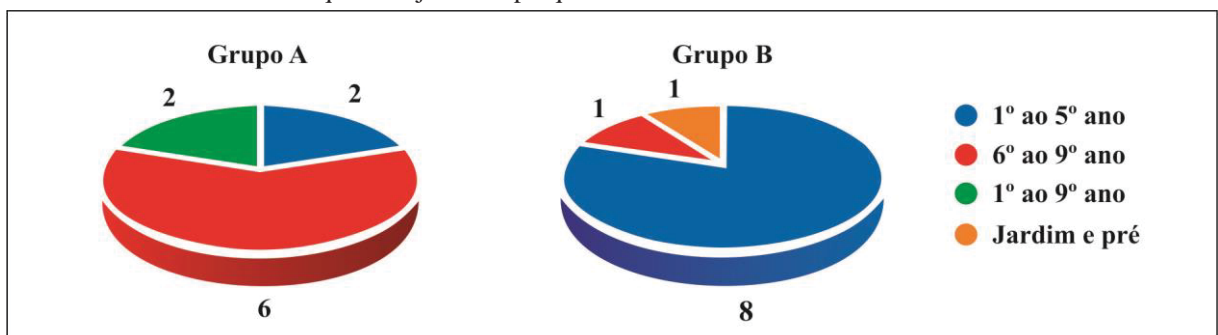


Fonte: Elaborado pelo autor.

Pondera-se que a diferença na diversidade dos cursos disponíveis dos dois grupos deve-se à realidade de cada época, pois os docentes do grupo A tinham mais opções de escolha do que os do grupo B.

Conforme sua opção de formação acadêmica, cada professor pesquisado atua em um nível escolar. No grupo A, seis docentes atuam do 6º ao 9º ano, dois do 1º ao 9º ano, dois do 1º ao 5º ano. No grupo B, oito professores atuam do 1º ao 5º ano, um do 6º ao 9º ano, um no Jardim e Pré. Para melhor elucidação, os dados estão demonstrados no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Nível escolar em que os sujeitos da pesquisa lecionam.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Contrapondo as duas gerações, observa-se que o grupo A concentra mais suas atividades do 6º ao 9º ano e o grupo B atua mais do 1º ao 5º ano. É importante salientar que dois professores do grupo B ministram aulas multisseriadas, ou seja, um educador desenvolve atividades com Jardim e Pré e outro com 2º e 3º anos. Isso ocorre pelo fato de algumas escolas nas quais os pesquisados atuam estarem localizadas no interior do município de Marau/RS e por terem poucos alunos em cada turma/série. Já no grupo A, tal situação não ocorre, pois os professores atuam em disciplinas e anos específicos.

4.2 TRAJETÓRIAS DE LEITURA

A formação do leitor se inicia na infância e se estende por toda a vida do sujeito, mediante um processo crescente e contínuo que se desenvolve por meio da prática incessante da leitura. Desse modo, o hábito da leitura deve ser incentivado desde os primeiros anos de vida do sujeito, em casa, deve ser aperfeiçoado na escola e continuado no meio em que se vive, e, nessa formação, existem diversas maneiras de motivar essa prática, dentre elas, o envolvimento de pais, professores e bibliotecários lerem para a criança, pois aquela que é estimulada e que tem contato com os livros, conseqüentemente, terá um vocabulário mais amplo, bem como habilidade para interpretar textos e compreender a realidade em que está inserida e chegar a importantes conclusões sobre o mundo e os aspectos que o compõem, também para dar suporte para o estudo de outras áreas do conhecimento. Segundo Solé (1998, p. 63), “o que mais motiva as crianças a ler é ver os adultos que tenham importância para elas lendo”. Assim, é importante ressaltar que um ambiente motivador e o uso de materiais adequados contribuem para desenvolver o prazer pela leitura.

4.2.1 Leituras na primeira infância

A análise das respostas da pesquisa teve como ponto de partida a questão sobre que tipo de materiais de leitura havia na casa dos pesquisados nos primeiros anos escolares (questão 1). A partir das respostas, observou-se que os respondentes dos grupos A e B apontam que viveram num ambiente em que a leitura, de uma forma ou de outra, estava presente.

Percebe-se, entretanto, que os professores do grupo A viveram experiências um pouco distintas em relação às vividas pelos professores do grupo B, quanto aos materiais disponíveis. Enquanto os docentes do grupo A (9) tinham à sua disposição livros de literatura infantil, livros didáticos, jornais, gibis, revistas e a Bíblia, os pesquisados do grupo B (8) tinham apenas revistas, livros velhos e livros didáticos porque o pai ou a mãe eram professores. Duas respondentes do grupo B não tinham nenhum tipo de material para leitura em sua casa e para essa prática dependiam exclusivamente do material disponibilizado pela escola. A professora A2 relata: “quando pequena, lembro que na minha casa era somente caderno de receitas de minha mãe, mas nós adorávamos ir à casa de minha tia que meu primo fazia coleção de gibis”. Desse modo, nota-se que, apesar de a formação leitora dessa professora ser mais recente, os materiais disponíveis no período de sua formação leitora eram escassos.

Analisando as duas gerações, percebe-se que os sujeitos do grupo A tinham mais diversidade de materiais de leitura disponíveis em relação ao grupo B, isso porque, com a evolução cultural, houve a necessidade de inovar os materiais de leitura nas escolas, proporcionando melhor formação. Por outro lado, os indivíduos do grupo B tiveram acesso a poucos materiais de leitura pela limitação de livros disponíveis e pelas dificuldades financeiras dos pais para adquirir livros. Dessa maneira, acredita-se que, apesar da diferença na diversidade de materiais para leitura entre os dois grupos, cada professor, dentro das condições existentes em cada época, buscou a sua melhor formação leitora.

O interesse pela leitura deve ser estimulado desde a mais tenra idade, com persistência e dedicação, para que se converta num hábito. Entretanto, para formar leitores críticos e ativos, acredita-se que é necessário criar situações prazerosas tanto na hora de ouvir uma história, quanto nos momentos relacionados à leitura ou ao contato com o próprio livro. No entendimento de Teresa Colomer (2007, s.p.), “o mestre pode contagiar os menores. Se ele lê bem e se entusiasma ao falar sobre os livros que leu, pode criar uma expectativa tal que a saída para o aluno é nenhuma além de ler. E ele fará isso porque quer, porque tem vontade de sentir o que o professor mostrou sentir”.

Nesse enquadramento, e tendo por base a questão 2, investigou-se a realidade vivida pelos pesquisados, a quem se perguntou: Alguém lia para você na infância? O que liam? Dentre os respondentes que afirmam a inexistência de alguém que lia para eles na infância (um do grupo A e seis do grupo B), há casos em que o contador de histórias fez parte da infância, antes mesmo de os sujeitos da pesquisa terem aprendido a ler. No entanto, constata-se que nove docentes do grupo A e dois do grupo B tinham uma pessoa da família que liam para si, porém, no primeiro grupo, os materiais disponíveis eram revistas, gibis, a Bíblia e histórias em quadrinhos, e, no segundo grupo, havia apenas livros didáticos e histórias em quadrinhos. Duas respondentes (A9 e B10) comentam: “a contação de histórias sem o livro impresso era mais presente”.

Comparando as vivências dos sujeitos da pesquisa, percebe-se que, no grupo A, os respondentes tiveram acesso a materiais mais diversificados, enquanto para os do grupo B os materiais de leitura eram limitados. Essa proporção é significativa e reflete a realidade de cada época em relação ao hábito e aos materiais disponíveis para essa prática.

Se as crianças são educadas em um ambiente onde a leitura é privilegiada pelos pais, possivelmente se terá, no futuro, um leitor que continuará a ter o prazer pela leitura. Porém, se nos deparamos com pais e familiares que não apreciam a leitura, é necessário encontrar

alternativas para desenvolver o hábito pela leitura nas crianças. O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em compreender melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver mais cedo um senso crítico. Portanto, são pequenas ações que criam o hábito da leitura, ajudando a criança no desenvolvimento da escola, aumentando criatividade, linguagem, vocabulário e escrita, pois uma criança adepta à leitura terá um futuro com muito mais perspectivas profissionais.

Assim, se os pais não podem ajudar concretamente seus filhos em suas leituras, manifestam regularmente, com palavras, gestos, seu desejo de que se apropriem dessa instrução, dessa cultura da qual eles foram privados. A esse respeito, Michèle Petit (2008, p. 173) enfatiza que

[...] quando os pais não eram leitores ou não encorajavam seus filhos a ler, outras pessoas cumpriram esse papel de "iniciadores" ao livro, seja na infância ou mais tarde: algumas vezes um outro membro da família, uma irmã ou irmão mais velho, os avós, os filhos. E também professores que "empurraram" a criança a partir do momento em que perceberam sua vontade de ler. Porque, ainda que alguns professores desencorajem as crianças a abrir um livro, há outros que, ao contrário, apoiam com afinco seu desejo de se aventurar na leitura.

A criança, para se tornar leitora, tem um caminho muito difícil a percorrer. Ela precisa, ao longo desse percurso, ser incentivada, pois a relação com os livros e o convívio com a literatura facilita o hábito, o fascínio e a curiosidade, porém, tudo o que se possa fazer dentro da escola ou na família é de grande utilidade. Dessa forma, a família e a escola, como mediadores de leitura, devem trabalhar juntas no processo de aquisição do hábito de leitura dos alunos.

No percurso da formação leitora, a criança necessita do auxílio de mediadores para que desenvolva o hábito e o prazer da leitura, além de materiais disponíveis para essa prática. Com o intento de investigar como ocorreu esse processo, os pesquisados foram interpelados, por meio da questão 3, sobre o início da sua formação leitora, ou seja: como foi que começaram a ler? Considerando essa proposição, os pesquisados dos dois grupos mencionam: “comecei a ler na escola na primeira série, porque morava no interior e não tinha pré-escola” (A6); “comecei a ler muito cedo, incentivado pelos irmãos e depois pela professora do primeiro ano” (B3); “aprendi a ler na escola e com ajuda da mãe em casa, quando à noite ela reunia os filhos para fazer os temas e ensinava a ler e cada um lia em voz alta” (B4).

Com base nos relatos dos professores (seis) do grupo B, fica claro que a leitura praticamente não fazia parte de suas vidas antes de frequentarem a escola, e tal fato pode ter

interferido na formação leitora dos sujeitos da pesquisa. A esse respeito, salienta-se que o contato com a leitura antecede o ingresso no ambiente escolar e que a família tem um papel fundamental no desenvolvimento desse hábito. Nesse sentido, Rösing e Ferrari (2016, p.215) salientam que “família e escola encontram-se cada vez mais distantes, sem possibilidades de entenderem que agir coletivamente, compartilhar materiais, construir projetos em conjunto é garantia de melhoria social”. Assim, embora o papel da família seja essencial, é para a escola que convergem as maiores expectativas em relação à leitura.

Um respondente guarda lembranças que tinha de casa, em uma realidade na qual havia poucos materiais de leitura: “de início, minha irmã mais velha foi ensinando as letrinhas e logo ingressei na escola do interior, sendo que havia quatro séries na mesma sala e aos poucos fui aprendendo e construindo a minha leitura” (B9). Dessa maneira, cabe à escola, enquanto instituição responsável pelo ensino sistemático, a tarefa de formar um leitor, principalmente aquele originário das camadas populares, que têm na escola sua única via de acesso à leitura do texto escrito.

Uma parcela dos sujeitos pesquisados relatou experiências que marcaram o início da sua vida leitora, lembranças que talvez tenham dado sentido a essa formação: “comecei a ler tentando atribuir sentido a letreiros e às palavras que eventualmente via em revistas em quadrinhos, questionando os adultos a respeito delas, porém, aprendia ler na escola” (A5); “quando aprendi a ler, lembro que estava sempre com livros em mãos e lia às pessoas que vinham em minha casa, que ficavam admiradas por eu ler tão bem, apesar de ser ainda muito pequeno” (B2); “aprendi a ler na terceira série, quando percebi que uma colega lia e então me despertou interesse pela leitura e vi que também seria capaz e aí comecei a ler e sentir o prazer pela leitura” (B8).

Pelos relatos dos pesquisados, nota-se que, para muitas famílias, a leitura era algo a ser incentivado pela escola, ou seja, até a idade escolar, a família não assumia a responsabilidade quanto à formação leitora. Isso se observa no grupo A, no qual os dez respondentes aprenderam a ler na escola, na primeira, segunda e terceira séries. De outro lado, sete respondentes do grupo B começaram a ler na escola e os outros três do mesmo grupo iniciaram o processo de leitura em casa.

O prazer pela leitura é construído gradativamente. Não nascemos adorando ou detestando ler, essa é uma habilidade adquirida. Desde pequenos, ainda não alfabetizados, já somos capazes de ler, porém não da maneira que o fazemos depois de alfabetizados. Nesta fase lemos imagens e objetos, posteriormente formas. Na compreensão de Lajolo (1997, p. 7),

“ninguém nasce sabendo ler: aprende-se à medida que se vive”. Portanto, para que a leitura se torne um hábito, ela deve ser prazerosa, e, por essa razão, existem livros para todas as idades. Logo, podemos inferir que o hábito é uma disposição adquirida pelo costume e pela repetição.

Com a finalidade de investigar mais profundamente sobre as preferências de leitura, os professores foram interrogados, de acordo com a questão 4, a respeito do que gostavam de ler na infância e por que. Os respondentes do grupo A enfatizam a leitura de histórias em quadrinhos, porque acreditam que a relação palavra-imagem exercia um fascínio para elas (cinco respondentes); “contos de fadas me chamavam atenção, acho que na verdade eram as opções que minha mãe me dava” (A4).

Os professores do grupo B apresentam preferências diversificadas de leitura: “líamos livros didáticos, porque eram os únicos que tinham disponíveis na época” (três respondentes); “livros de contos porque estimulava a imaginação” (dois respondentes); “gostava de ler livros de histórias infantis, talvez por eles serem mais atraentes e coloridos” (B3); “lia materiais de catequese” (B7); “lia revistas de fotonovelas” (B8).

Contrapondo a narrativa dos sujeitos pesquisados dos dois grupos, nota-se uma diversidade quanto às preferências pela leitura, porém, independente dessa diversidade, os educadores liam aquilo que estava disponível no período de formação leitora e, mesmo com essas diferenças, todos se tornaram leitores.

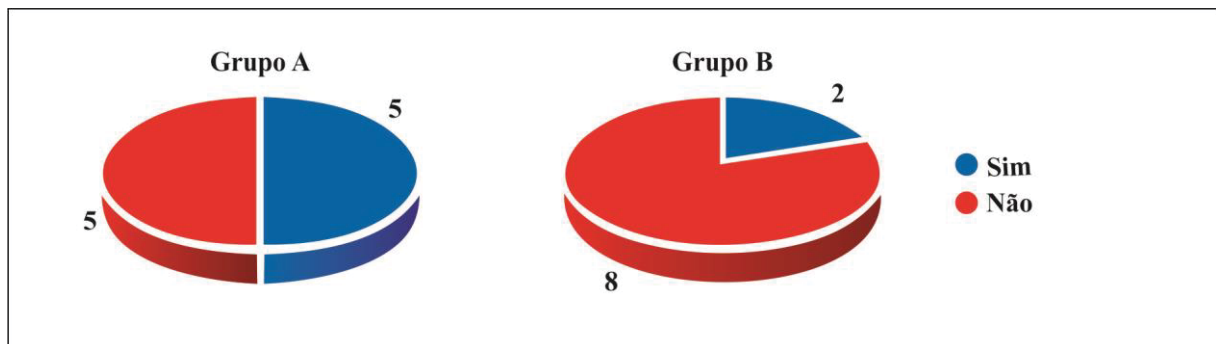
Ao indagar os professores quanto aos livros adquiridos pelos pais como forma de incentivo à leitura (segundo a questão 5), observa-se que cinco pesquisados do grupo A e oito do grupo B não tinham acesso a livros adquiridos pelos pais. Além disso, cinco do grupo A e dois do grupo B ganhavam livros adquiridos pelos pais, conforme elucidado no Gráfico 6.

Os professores do grupo A relatam que os pais adquiriam livros de histórias em quadrinhos (quatro respondentes); ainda, “os livros adquiridos eram contos de fadas” (A4); “minha tia comprava livros de história em quadrinhos e, posteriormente, em feiras de livros frequentadas pela escola, passei eventualmente a comprar eu mesmo livros” (A5); “os pais não tinham o hábito de comprar, eu retirava-os na biblioteca da escola” (A10).

Os pesquisados do grupo B mencionam outras experiências: “eu ganhava livros adquiridos pelos pais” (B3); “os pais não compravam livros porque na época de minha formação leitora não existiam tantos livros infantis quanto hoje e valorizávamos muito os livros didáticos, líamos tanto que até decorávamos e as mesmas ficaram gravadas em nossa memória” (B4); “meus pais não compravam livros a não ser se a escola pedisse algum didático ou clássico da literatura” (B8); “nunca ganhei qualquer livro ou algo parecido” (B9).

Duas professoras do grupo A e uma do grupo B manifestam que os pais não tinham condições financeiras para adquirir livros e a prática de leitura se restringia aos materiais disponibilizados pela escola. Os professores com até 5 anos de magistério tiveram acesso a outros recursos, tais como as redes sociais, que não existiam na época da formação leitora dos professores com 25 anos ou mais de magistério.

Gráfico 6 – Aquisição de livros pelos pais.



Fonte: Elaborado pelo autor.

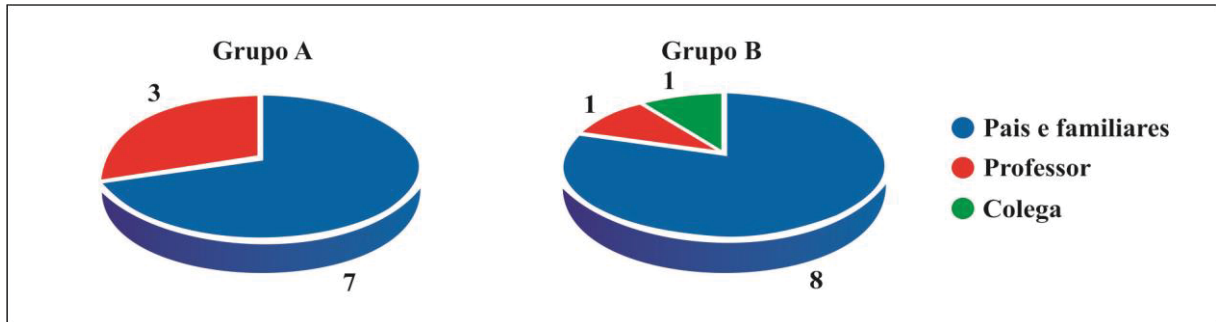
Diante das respostas dos pesquisados, percebe-se que, no grupo A, apesar de ser uma geração mais recente, a aquisição de livros pelos pais apresenta baixo índice, embora superior ao do grupo B, caracterizado por condições financeiras que não permitiam a compra de livros e pela precariedade de materiais disponíveis na época.

No processo de formação leitora, o incentivo é uma forma eficiente de conduzir o indivíduo à prática de leitura e refletir sobre os benefícios dela para sua vida, mas, para que o sujeito tenha êxito, é relevante que uma pessoa – seja da escola ou da família – faça o papel de motivador nesse universo de leitores. De acordo com José Luís Jobim (2009, p.123), “cabe ao professor estimular a percepção da multiplicidade, a partir da interação entre o texto e o aluno, bem como entre ambos e a situação de aula. Este estímulo frequentemente tem de começar com a superação da resistência oferecida ao aluno à atividade de leitura”.

Nesse sentido, buscou-se mais elementos para aprofundar o estudo, inquirindo os pesquisados sobre quem eles consideram ter sido seus maiores incentivadores para se tornarem leitores na sua infância e como foram incentivados(questão 6). Dos pesquisados do grupo A, sete relatam que os maiores incentivadores da leitura foram os pais ou outros membros da família e três respondentes realçam que foram os professores. De outro modo, os sujeitos da pesquisa do grupo B mencionam que os maiores incentivadores foram os pais ou

outros familiares (oito respondentes), ou que “foi a professora” (B1); “foi uma colega” (B8). O Gráfico 7 ilustra os dados relatados.

Gráfico 7 – Incentivadores de leitura.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Tendo por base as respostas dos pesquisados dos dois grupos, constatou-se que os maiores incentivadores da leitura foram os pais e familiares, apesar das suas limitações em cada época e isso foi efetivado através de diversos modos: “quem incentivava era a tia, que me presenteava com livros de história em quadrinhos” (A5); “os pais não tinham o hábito de ler, porém sempre incentivaram a ler e a estudar e sempre que necessário compravam materiais de leitura” (A8). Por outro lado, os respondentes do grupo B anotam sobre o incentivo para se tornar leitores: “a incentivadora foi minha mãe, porque sempre que ela ficava preparando as aulas, eu ficava junto, e ela fazia os temas e a leitura” (B2); “minha irmã, porque ela estava estudando e dizia que era bom e importante aprender a ler e a escrever” (B6); “aprendi a ler incentivada pela colega” (B8). De outra forma, mas em menor proporção (três pesquisados do grupo A e um do grupo B), realçam que os incentivadores foram os professores. Considerando o baixo índice de professores incentivadores de leitura em cada época, acredita-se que a atuação dos educadores no processo de formação leitora seguiu conforme as condições, os materiais disponíveis e o nível de conhecimento dos sujeitos responsáveis por essa formação.

De acordo com Christine Fontelles⁶, o quadro geral é que não temos uma cultura de leitura consolidada no Brasil. Segunda ela, a leitura é um hábito cultural, social, que surge do convívio e do contato com os livros. Christine aponta dados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, de 2009, realizada pelo *Instituto Pró-Livro* em parceria com a *ABRELIVROS*,

⁶ Diretora de Educação e Cultura do Instituto Ecofuturo.

Câmara Brasileira do Livro e Sindicato Nacional dos Editores de Livros, que mostra a influência da mãe, ou da responsável mulher pela família, nos hábitos de leitura das crianças.

O estudo indica que 73% das crianças têm as mães como maior influenciadora. Na resposta estimulada, em que se podiam escolher duas alternativas, a figura da mãe alcançou 49%, seguida pela professora, com 33%, e pelo pai, com 30%. “A pesquisa mostra que a família pode influenciar contra ou a favor na formação de não leitores, quando os membros da família não oferecem o exemplo de ler ou quando não têm livros que circulam em suas casas”.

Sabe-se que a aprendizagem da leitura ocorre, inicialmente, no ambiente familiar e continua na escola durante a alfabetização, quando a criança é motivada a ler, atribuindo sentido ao texto escrito. Após a fase de alfabetização, o desenvolvimento da habilidade de ler ocorre mediante a prática constante da leitura de textos que atendam aos interesses e necessidades das crianças. Marisa Lajolo (2005, p. 12) enfatiza que

[...] a escola é fundamental para aproximar dos livros a criança e o jovem. É na escola que os alunos precisam viver as experiências necessárias para, ao longo da vida, poder recorrer aos livros e à leitura como fonte de informações, como instrumento de aprendizagem e como forma de lazer.

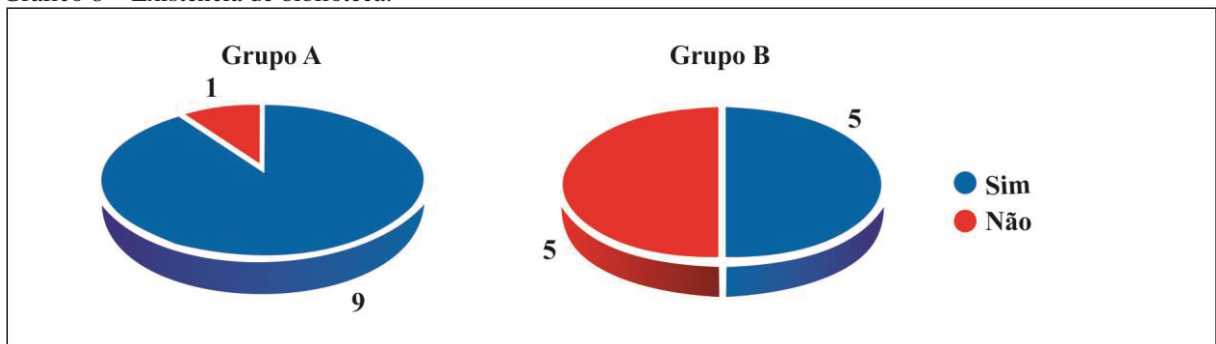
Nesse sentido, é fundamental que o indivíduo tenha oportunidade de ler criticamente diferentes tipos de textos, a fim de que se instrumentalize para compreendê-los e participar ativamente da sociedade, pois a formação do sujeito leitor se efetiva a partir das experiências de vida individual, de forma contínua e gradativa, no universo em que está inserido.

4.3 BIBLIOTECAS NO CONTEXTO ESCOLAR

A biblioteca integra a escola, disponibiliza informação e auxilia os professores nas ações pedagógicas e no processo de ensino-aprendizagem. No entendimento de Rösing e Ferrari (2016, p. 222-223), “há que se considerar o trabalho desenvolvido no interior das bibliotecas com o um processo importante e permanente no contexto do desenvolvimento educacional e cultural de seus usuários”. Além disso, a biblioteca escolar deve proporcionar ao aluno suporte para adquirir conhecimento e informação atualizada de acordo com as necessidades exigidas pelas diferentes áreas do conhecimento, bem como deve constituir-se como apoio informacional ao professor para incluir o aluno de forma ativa no processo de aprendizagem.

Nesse contexto, investigou-se a existência de bibliotecas nas escolas em que os sujeitos da pesquisa estudaram, em conformidade com a questão 7. Entre os professores do grupo A, a maioria (nove) respondeu que havia bibliotecas, e apenas um docente menciona que não existia biblioteca na escola em que estudara. Porém, os sujeitos da pesquisa do grupo B apontam respostas em igualdade, uma vez que cinco professores responderam afirmativamente e cinco disseram que não havia biblioteca. O Gráfico 8 elucida os dados dos dois grupos.

Gráfico 8 – Existência de biblioteca.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O fato de que uma escola do grupo A não possui biblioteca é preocupante e merece reflexão por parte dos responsáveis pela instituição escolar por ser de uma geração recente, na qual a biblioteca é imprescindível e faz parte do processo de formação leitora.

Pelas manifestações dos professores com 25 anos ou mais de magistério, nota-se que devido aos espaços físicos das escolas serem reduzidos e as condições financeiras exíguas, a organização das bibliotecas ficou comprometida. Analisando as informações coletadas, percebe-se uma evolução significativa da geração do grupo B para o grupo A na estruturação das bibliotecas escolares, pois ocorreu de forma a atender às necessidades dos leitores em suas respectivas áreas de formação e com variedades de materiais disponíveis para leitura. Além disso, tem destaque a consciência das pessoas sobre o significado da biblioteca no contexto escolar e sua contribuição na formação leitora dos indivíduos.

As bibliotecas são necessárias e importantes nas escolas, pois são ferramentas que contribuem no processo de formação leitora. No entanto, para que tenham sentido e sejam úteis, é preciso que exista bibliotecário para mediar as atividades de leitura. Nesse contexto, na questão 8, os professores pesquisados foram indagados sobre a disponibilidade de bibliotecário capacitado. A esse respeito, tanto os pesquisados do grupo A quanto os do grupo B mencionam a inexistência de um responsável capacitado: existia uma educadora que

coordenava os trabalhos na biblioteca, mas não era capacitada (respondentes A4 e B3); “havia bibliotecário, geralmente era um licenciado em Língua Portuguesa ou de História” (A8); “havia um bibliotecário não capacitado, porém, somente da quinta série em diante” (B8).

Pelas exposições dos dois grupos, verifica-se que não havia bibliotecário específico e capacitado para essa função, o que prejudica a formação leitora dos educandos, já que essa função era exercida por profissional não qualificado. Diante da realidade que se apresenta, é evidente a necessidade de bibliotecários capacitados para intermediar as atividades de leitura nas escolas de forma a proporcionar um melhor desempenho.

O sucesso de uma biblioteca depende de sua organização, da qualidade do seu acervo e de um bibliotecário capacitado para conduzir os trabalhos. Nesse sentido, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* recomendam que

[...] cada escola disponha de uma boa biblioteca e que cada classe dos ciclos iniciais tenha um canto de leitura. Também destacam a importância do professor ser um leitor, pois, vendo o seu professor envolvido com a leitura, os alunos se sentirão estimulados a usufruírem desse espaço e tornar-se-ão leitores. Sendo assim: O papel da escola (e principalmente do professor) é fundamental, tanto no que se refere à biblioteca escolar quanto à de classe, para a organização de critérios de seleção de material impresso de qualidade e para a orientação dos alunos, de forma a promover a leitura autônoma, a aprendizagem de procedimentos de utilização de bibliotecas (empréstimo, seleção de repertório, utilização de índices, consulta a diferentes fontes de informação, seleção de textos adequados às suas necessidades, etc.), e a constituição de atitudes de cuidado e conservação do material disponível para consulta (BRASIL, 1997, p. 92).

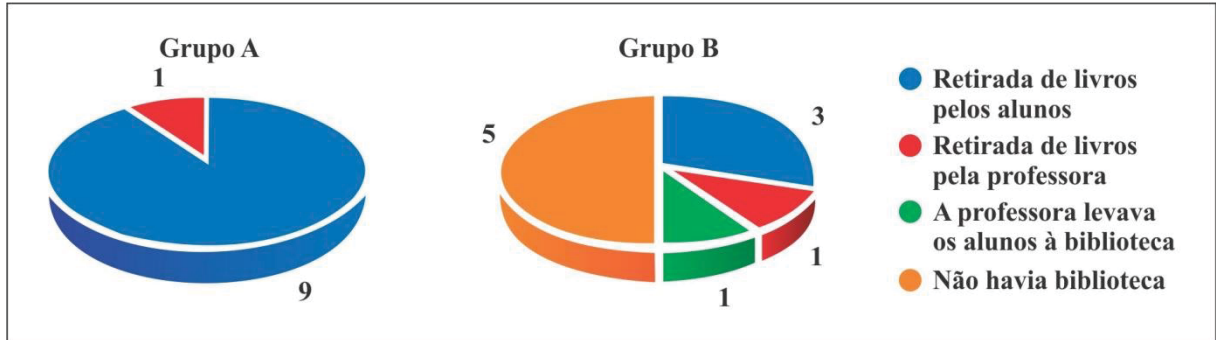
Para entender melhor esse processo, buscou-se informações no contexto dos pesquisados, os quais foram interrogados através da questão 9 sobre como funcionava a biblioteca nas escolas em que estudaram.

Observa-se que os professores do grupo A obtiveram experiências mais inovadoras relatadas ao responder o questionário. Nove pesquisados destacam que frequentavam a biblioteca semanalmente para retirar e devolver livros que eram levados para casa para leitura e o empréstimo do livro podia ser renovado por mais uma semana e que a biblioteca era também um local para pesquisas; “na infância, nós não íamos muito à biblioteca, mas a professora retirava os livros e trazia na sala de aula para lermos” (A2).

No caso dos professores do grupo B, a realidade foi diferente, pois os livros eram retirados pelos alunos para leitura na escola (três respondentes); “agente tinha pouco acesso à biblioteca porque a professora levava os livros para a sala de aula” (B1); “a professora levava os alunos à biblioteca” (B10). De outro lado, cinco pesquisados não responderam porque não

havia biblioteca na escola, conforme mencionam na questão 7. No Gráfico 9, é possível analisar as informações.

Gráfico 9 – Funcionamento da biblioteca.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Contrastando as respostas dos dois grupos sobre o funcionamento da biblioteca, repara-se que a geração de professores com 25 anos ou mais de magistério tinha pouco acesso à biblioteca; os livros eram retirados para serem lidos somente na escola ou quem os retirava era a professora, que os levava para a sala de aula e parte dos livros disponíveis eram velhos. No entanto, os professores com até 5 anos de magistério vivenciaram uma realidade um pouco diferenciada. “Quando o aluno retirava o livro, uma professora registrava em um caderno” (A1), porém essa ação não ocorria no grupo B. Apesar da evolução quanto ao funcionamento da biblioteca, observa-se que, no grupo A, conforme relata um respondente, a professora retirava e levava livros para a sala de aula, o que também ocorria no grupo B.

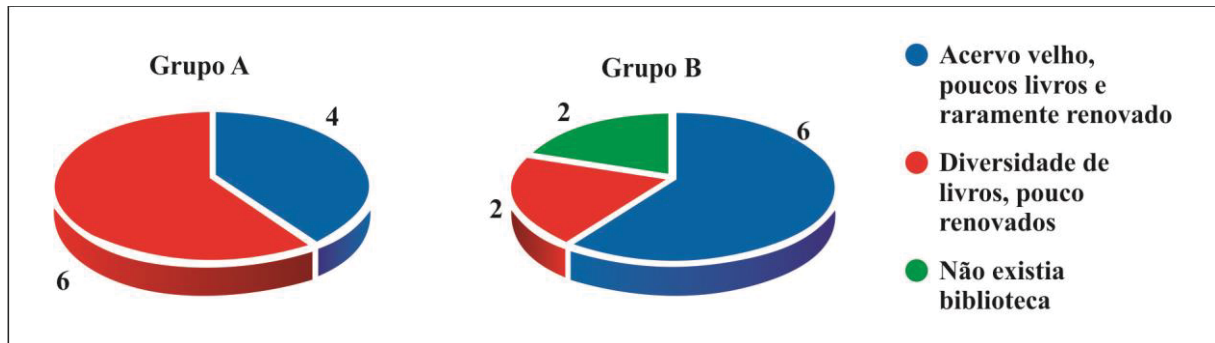
Destarte, analisando a realidade de cada geração quanto ao funcionamento das bibliotecas, observa-se que elas evoluíram, tanto nas questões estruturais quanto na disponibilidade de materiais de leitura, e, com isso, proporcionaram uma formação leitora mais qualificada para a geração mais nova.

A qualidade de um acervo e sua renovação periódica são elementos primordiais de uma biblioteca, pois possibilitam aos indivíduos a busca por conteúdos mais atualizados. Assim, visando investigar o assunto com mais profundidade, os educadores pesquisados foram interpelados, na questão 10, sobre como era o acervo das bibliotecas e se esse era renovado.

Os professores do grupo A relatam: “Eram poucos livros e raramente vinham livros novos” (quatro respondentes); “o acervo era diversificado, porém pouco renovado” (seis respondentes). Por outro lado, os professores do grupo B salientam: “O acervo era velho, pouco diversificado e raramente renovado” (seis respondentes); “havia diversidade de livros, mas pouco

renovados (dois respondentes); os pesquisados (B2 e B9) não responderam à questão porque não havia biblioteca em sua escola. No Gráfico 10, demonstram-se esses dados.

Gráfico 10 – Acervo da biblioteca.



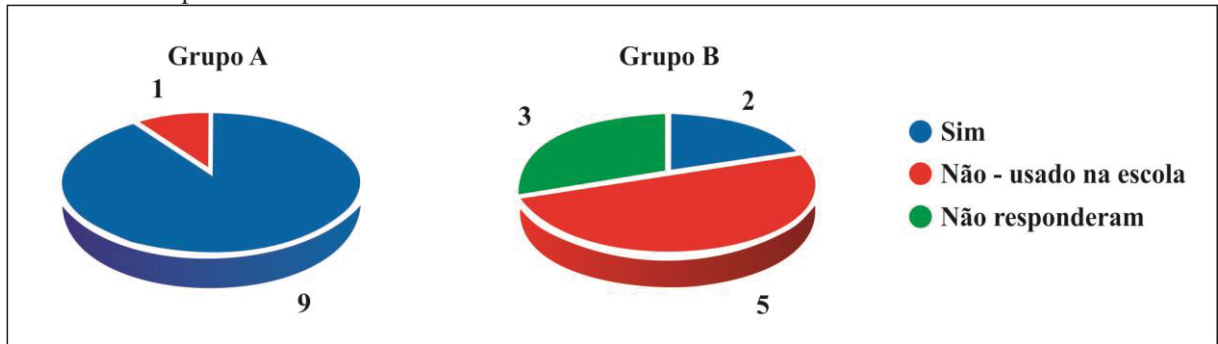
Fonte: Elaborado pelo autor.

Pelas respostas dos dois grupos, verifica-se que a realidade das bibliotecas em relação ao acervo disponível não apresenta grande disparidade, pois, no grupo A, percebe-se que, apesar da diversidade, os livros eram velhos e havia pouca renovação, e, no grupo B, os relatos são que o acervo também era velho, no entanto, pouco diversificados e pouco renovados.

Diante dos relatos, observa-se a necessidade de ampliar, diversificar e renovar periodicamente o acervo das bibliotecas, possibilitando o acesso a uma maior variedade de materiais de leitura e permitir uma formação leitora mais significativa.

Livros são cruciais em uma biblioteca, contudo, devem ser explorados pelos alunos de forma a colaborar no aperfeiçoamento da leitura, para efetuar pesquisa e desenvolver atividades no próprio local, como também serem emprestados aos alunos com posterior devolução. Ao serem questionados se havia empréstimo de livros (de acordo com a questão 11), os professores do grupo A responderam que sim (nove); e apenas um respondeu que “não havia empréstimo e o livro era usado somente na escola” (A2). Por outro lado, os professores do grupo B responderam que havia empréstimo de livros (dois); não havia empréstimo de livros e também eram usados somente em sala de aula (cinco); não se manifestaram sobre a questão (três respondentes). No que se refere ao empréstimo de livros, o docente B5 menciona que “não havia empréstimo, pois tinha pouca oferta de livros”. Para melhor clareza, os dados são ilustrados no Gráfico 11.

Gráfico 11 – Empréstimo de livros.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisando as informações coletadas no universo de pesquisados, observou-se que houve uma evolução no que se refere ao empréstimo de livros e entende-se que isso ocorreu devido à necessidade de buscar o aperfeiçoamento cultural com materiais de leitura inovadores e pela consciência das pessoas de que a sociedade exige profissionais cada vez mais capacitados.

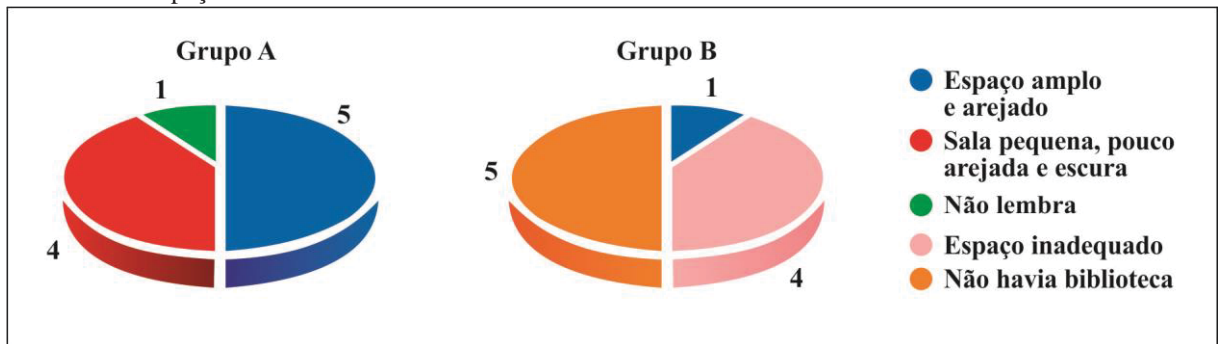
Um espaço físico adequado para as bibliotecas é imprescindível, pois permite melhor funcionalidade dos seus serviços. Portanto,

[...] a organização do espaço físico – iluminação, estantes e disposição dos livros, agrupamentos dos livros no espaço disponível, mobiliário, etc. – deve garantir que todos os alunos tenham acesso ao material disponível. Mais do que isso: deve possibilitar ao aluno o gosto por frequentar aquele espaço e, dessa forma, o gosto pela leitura (BRASIL, 1997, p. 92).

Nesse âmbito, os sujeitos da pesquisa foram indagados, por intermédio da questão 12, se o espaço físico da biblioteca era adequado. Como resposta do grupo A, destaca-se: “o espaço físico era amplo e arejado” (cinco); era uma sala pequena, pouco arejada e escura (quatro); “não lembro direito onde os livros eram guardados” (A6).

De outra parte, os professores do grupo B responderam: “havia uma sala ampla e bem arejada” (um); “o espaço físico era inadequado” (quatro); não responderam à questão, pois na escola não havia biblioteca (cinco). Os dados estão representados no Gráfico 12.

Gráfico 12 – Espaço físico da biblioteca.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Baseado nas informações dos respondentes dos dois grupos, constata-se que uma parcela significativa de professores (nove) vivenciou situações de desconforto no que se refere ao espaço físico das bibliotecas, porque os ambientes destinados a elas eram reduzidos e não permitam uma organização eficiente, porém, com a reestruturação das escolas, foram criadas áreas mais apropriadas para o funcionamento das bibliotecas.

Apesar de o espaço físico das bibliotecas apresentar limitações em parte das escolas de formação dos sujeitos da pesquisa, e apesar das dificuldades de acesso a elas, os educadores buscaram motivar a leitura dos alunos com o uso dos livros em sala de aula.

4.4 INCENTIVOS À LEITURA

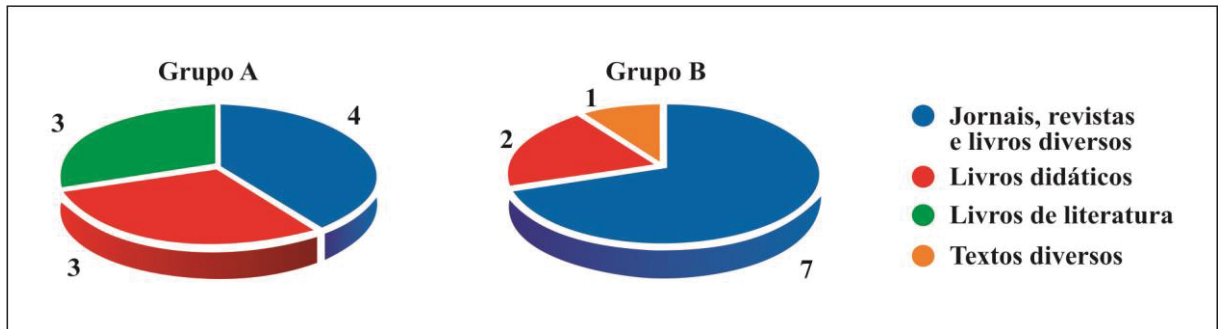
Tendo em vista que a leitura é capaz de transformar a vida do indivíduo, cabe ao professor, principal mediador do conhecimento, instigar o aluno na prática da leitura, levando o estudante a atribuir significados aos textos lidos para que venha a tornar-se um adulto leitor. De acordo com Betencourt (2000, p. 53), “a formação de um leitor somente acontece mediante certas condições de acesso aos textos e estímulos à leitura, presentes na família ou na escola”. Assim, a escola deve incentivar a leitura, de forma que esta colabore para o bom desempenho em todas as áreas do conhecimento.

No que se refere aos materiais de leitura disponibilizados pela escola à formação leitora no Ensino Fundamental, conforme a questão 13, os respondentes do grupo A expõem: jornais, revistas, livros diversos (quatro respondentes); livros didáticos (três respondentes); e livros de literatura (três respondentes).

Contudo, os professores do grupo B citam: jornais, revistas e livros diversos (sete); e livros didáticos (dois); “lembro que a professora tinha folhas com recortes de textos de livros

didáticos que líamos na escola, em casa e depois preenchíamos uma ficha com questões relacionadas à leitura” (B2). Os dados relacionados nos dois grupos estão explicitados no Gráfico 13.

Gráfico 13 – Materiais de leitura disponibilizados pela escola.



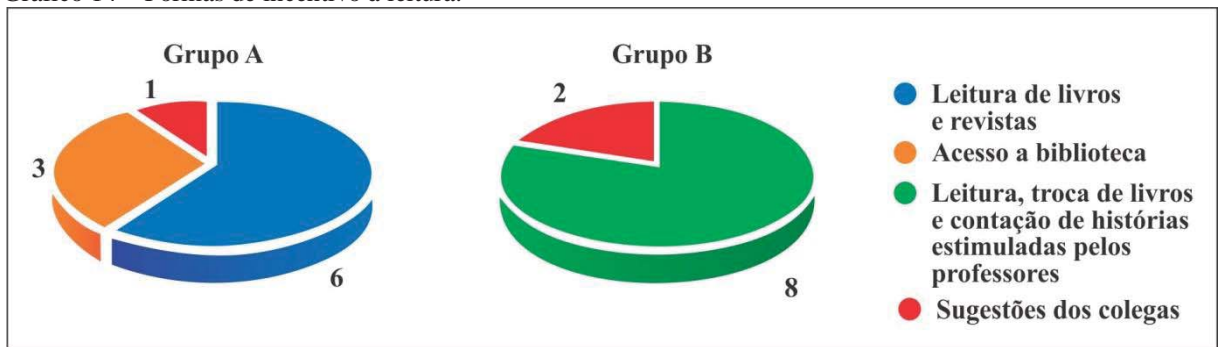
Fonte: Elaborado pelo autor.

Comparando a realidade dos dois grupos, repara-se que os materiais de leitura disponíveis eram praticamente os mesmos. Esse fato mostra que as ferramentas usadas na prática leitora evoluíram pouco do grupo B para o grupo A com respeito à inovação.

Quando questionados sobre o incentivo recebido por seus professores, bibliotecários, amigos, colegas de aula e equipe diretiva, na sua formação leitora, em conformidade com a questão 14, os sujeitos pesquisados do grupo A respondem conforme suas vivências: A professora orientava sobre as formas e os caminhos a serem seguidos para essa formação, ou seja, por meio do acesso aos materiais de leitura como, livros, revistas com desenhos, visitas à biblioteca, fichamento de livros e pela indicação de livros pelos bibliotecários (seis respondentes); houve pouco incentivo pela equipe de professores da escola, porém, tinha a oportunidade de acesso à biblioteca para leitura e retirada de livros (três respondentes); “os colegas sugeriam livros que já tinham lido” (A6).

De outro modo, uma parcela dos pesquisados do grupo B realça que os maiores incentivadores da leitura foram os professores (oito respondentes), que se utilizaram de diversas metodologias: “mostravam que nos livros tinha muita informação” (B1); “através da leitura individual e em grupo” (B2); “troca de livros com os colegas” (B4); “leitura e posterior contação da história” (B5); “elaboração de fichas de leitura” (B7); os colegas de escola comentavam que os livros eram bons e interessantes (dois respondentes). No Gráfico 14, ilustram-se os dados.

Gráfico 14 – Formas de incentivo à leitura.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisando as informações, nota-se que os dois grupos apresentam dados semelhantes no que diz respeito aos modos de incentivo à leitura e os maiores incentivadores foram os professores, no entanto, no grupo B, esse fato ocorre de forma mais efetiva. E, no grupo A, considerando as transformações ocorridas no processo educativo, percebe-se que a evolução quanto à formação leitora não ocorreu de modo significativo. Um fato que é motivo de preocupação na atualidade é a menção de três respondentes do grupo A sobre o pouco incentivo à leitura no processo de sua formação leitora. Isso demonstra que a geração mais jovem de educadores necessita intensificar o incentivo à leitura e com materiais renovados e atraentes.

4.5 LEITURAS PRATICADAS NO MAGISTÉRIO

Quando cursaram o magistério, o hábito de ler tornou-se uma rotina para os professores pesquisados, pois, na medida em que os estudos avançavam e que surgiam novos temas, a busca por materiais de leitura foi inevitável, passando a ser uma atividade constante. Vale salientar que, para efeito da pesquisa, os professores foram orientados de que magistério e graduação seriam equivalentes e isso se justifica porque os pesquisados do grupo A não cursaram magistério e responderam à questão 15 e às questões seguintes referentes ao tema.

Dessa maneira, e por intermédio da questão 15, os sujeitos da pesquisa foram inquiridos sobre as leituras praticadas durante o curso de magistério. Os respondentes do grupo A mencionam: Livros didáticos (oito respondentes); livros literários (sete respondentes); livros infantis (quatro respondentes); livros de autoajuda (dois respondentes); livros de humor (três respondentes); crônicas (quatro respondentes); textos teóricos (sete

respondentes); gibis (quatro respondentes); textos religiosos (dois respondentes); romances (um respondente).

De outro modo, os pesquisados do grupo B relatam suas leituras: Livros didáticos (oito respondentes); livros literários (sete respondentes); livros infantis (sete respondentes); livros de autoajuda (cinco respondentes); livros de humor (dois respondentes); crônicas (dois respondentes); textos teóricos (quatro respondentes); gibis (três respondentes); textos religiosos (cinco respondentes); jornais e revistas (um respondente).

Contrapondo os relatos, observa-se que os sujeitos da pesquisa dos dois grupos liam praticamente os mesmos materiais no magistério, com a diferença na leitura de romances pelo grupo A e de jornais, revistas e textos informativos, pelo grupo B. Porém, a prioridade de leitura do livro didático esteve mais presente nos dois grupos. Os livros religiosos são mais marcantes no grupo B, pois os professores viveram em um ambiente e época em que a religiosidade era mantida com mais intensidade no núcleo familiar e comunitário.

Apesar das diferentes épocas de formação dos grupos pesquisados, constata-se que os professores do grupo A seguiram o mesmo padrão de leitura do grupo B, o que reflete na qualidade da formação leitora, pois, por ser uma geração mais jovem e com mais variedades de materiais disponíveis, a busca por eles foi limitada. Já os educadores do grupo B liam os materiais de leitura acessíveis no período em que cursaram o magistério.

Ao questionar os professores sobre o que gostavam de ler no magistério e por que, (conforme questão 16), percebe-se uma diversidade considerável de materiais lidos que contribuíram para sua formação acadêmica.

No grupo A, os pesquisados destacam: livros literários (três respondentes); livros relacionados à educação (três respondentes); livros relacionados à arte e à música (dois respondentes); “crônicas” (um respondente); “revistas e jornais” (um respondente); “textos teóricos” (um respondente). Quanto aos professores do grupo B, as respostas também foram diversificadas: livros literários (três respondentes); crônicas (um respondente); livros infantis (quatro respondentes); livros didáticos (dois respondentes); livros de autoajuda (dois respondentes); textos teóricos (dois respondentes); e outros livros (cinco respondentes).

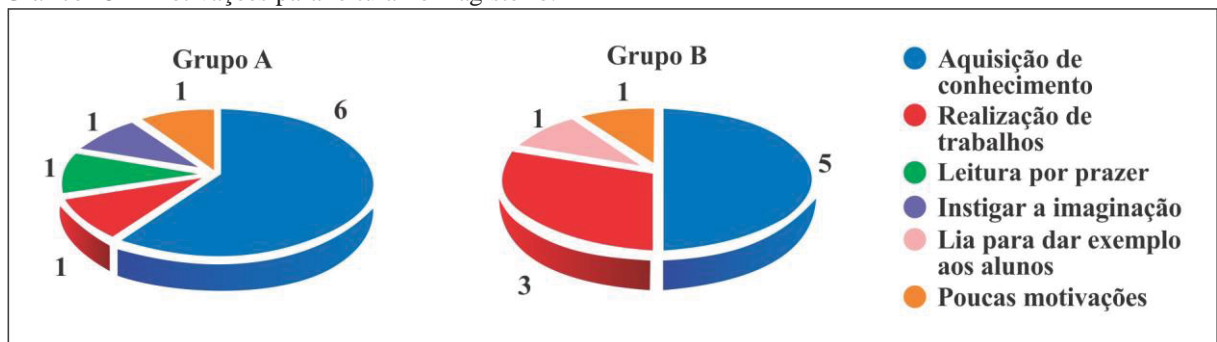
No que se refere às leituras que gostavam de ler e os motivos da escolha, os sujeitos da pesquisa citam que a leitura proporcionava aquisição de mais conhecimento e aperfeiçoamento, além de ajudar no desenvolvimento dos trabalhos solicitados pelos professores.

Os dois grupos, de alguma forma, gostavam de praticar a leitura durante o curso de magistério, entretanto, os indivíduos do grupo B liam materiais mais variados, mesmo com pouca disponibilidade deles. O que se observa no grupo A é que a procura por leituras inovadoras, como as feitas na internet, sobre temas das mais diversas áreas do conhecimento não teve destaque maior.

Na pergunta 17, os docentes foram inquiridos a respeito das motivações que tinham para ler no magistério e como resposta os pesquisados do grupo A declaram: lia para adquirir conhecimento (seis respondentes); “lia para realizar os trabalhos” (A8); “lia por prazer” (A5); “lia para instigar a imaginação” (A4); “tive poucas motivações para ler e, quando acontecia, a maior frequência era por meio do teatro” (A3).

Por outro lado, os sujeitos da pesquisa do grupo B expõem: lia para adquirir conhecimento (cinco respondentes); lia para realizar trabalhos (três respondentes); “eu era motivado a ler porque o professor precisava dar exemplo aos alunos” (B1); “tive poucas motivações para ler” (B8). No Gráfico 15, esses dados são demonstrados com mais clareza.

Gráfico 15 – Motivações para leitura no magistério.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Confrontando as respostas dos dois grupos, repara-se que a maioria (onze) dos pesquisados salienta que lia para ampliar conhecimentos e quatro para realizar trabalhos acadêmicos, e isso se justifica pela relevância da leitura na formação leitora e na prática docente. Outro dado que se observa é o pouco incentivo recebido pelos pesquisados nas atividades que envolvem a leitura, o que reflete na construção de saberes mais expressivos. De alguma forma, os respondentes buscaram motivações para ler, conforme disponibilidade de materiais em cada geração dos pesquisados e também pela necessidade de leitura que o curso de magistério exige para a formação acadêmica.

4.6 LEITURAS E FINALIDADE

A leitura é uma atividade extremamente importante e pode atender a finalidades diferentes. É uma preciosa fonte de informações e uma excelente atividade de lazer, seja qual for o assunto sobre o qual o indivíduo deseja informar-se – desde que já tenha sido estudado e haja algo escrito a respeito – e é também uma atividade básica na formação cultural da pessoa.

Nesse contexto, e por intermédio da questão 18, buscou-se identificar quais as leituras praticadas pelos pesquisados na atualidade. Sendo assim, os pesquisados do grupo A destacam: Livros didáticos (oito respondentes); livros literários (seis respondentes); livros infantis (três respondentes); textos teóricos (sete respondentes); livros de autoajuda (dois respondentes); livros de humor (quatro respondentes); crônicas (quatro respondentes); jornais e revistas (quatro respondentes); gibis (quatro respondentes); textos religiosos (um respondente); romances (um respondente); textos diversos na internet (dois respondentes).

De outro modo, os pesquisados do grupo B evidenciam: Livros didáticos (oito respondentes); livros literários (quatro respondentes); livros infantis (nove respondentes); textos teóricos (três respondentes); livros de autoajuda (oito respondentes); livros de humor (quatro respondentes); crônicas (três respondentes); jornais e revistas (quatro respondentes); gibis (dois respondentes); textos religiosos (sete respondentes); livros de poesias (um respondente).

Contrastando as informações dos dois grupos, verifica-se que o maior destaque é pela leitura de livros didáticos, livros infantis, livros de autoajuda, textos religiosos, livros literários e textos teóricos. Observa-se ainda uma variedade significativa de leituras praticadas na atualidade, pois os professores buscam referências que contribuem para o aperfeiçoamento cultural e, por conseguinte para a melhoria da prática docente.

Um fato relevante a ser enfatizado é a leitura de textos na internet, mencionado por duas professoras do Grupo A, o que não ocorre com os profissionais do Grupo B que se dedicam mais a leituras de materiais no meio físico. A consulta em jornais e revistas também foi uma forma de obter informações atualizadas e que certamente auxilia no momento de ministrar as aulas.

A leitura é uma forma de buscar respostas a um objetivo, a uma necessidade pessoal, assim, diferentes objetivos exigem diferentes textos e cada qual, por sua vez, uma modalidade de leitura. A leitura pode ter como finalidade a informação, sobre fatos ou notícias, com ou

sem o objetivo da aquisição de conhecimentos ou também, não menos importante, a distração e o entretenimento.

Com o propósito de buscar elementos que possam aprofundar o entendimento sobre essa realidade, os professores foram inquiridos, de acordo com a questão 19, a respeito da finalidade com que praticam a leitura. No grupo A, os indivíduos apontam as finalidades com que liam: Formação profissional (nove respondentes); para entender a realidade (seis respondentes); estimular a imaginação (cinco respondentes); aperfeiçoamento (seis respondentes); aprimorar a comunicação (cinco respondentes); por prazer (oito respondentes); melhorar o vocabulário (quatro respondentes); obter informações atualizadas (dois respondentes).

De outro modo, os respondentes do grupo B expõem as finalidades com que praticavam a leitura: formação profissional (oito respondentes); para entender a realidade (sete respondentes); estimular a imaginação (quatro respondentes); aperfeiçoamento (cinco respondentes); aprimorar a comunicação (cinco respondentes); por prazer (seis respondentes); melhorar o vocabulário (cinco respondentes); obter informações atualizadas (três respondentes).

Conforme relatos, os profissionais dos dois grupos apresentam elementos semelhantes quanto à finalidade de leitura. Evidencia-se que o objetivo maior dos respondentes é a leitura para formação profissional, pois na atual conjuntura o educador necessita buscar novas fontes de conhecimento que o tornem um profissional mais capacitado para ministrar aulas mais atraentes e inovadoras.

Comparando as manifestações de ambos os grupos, entende-se que diante das exigências quanto à busca de informações atualizadas, há a necessidade de ter objetivos mais ousados no que se refere à leitura. Assim, entende-se que, para os profissionais pesquisados, a leitura é essencial à formação pessoal e profissional.

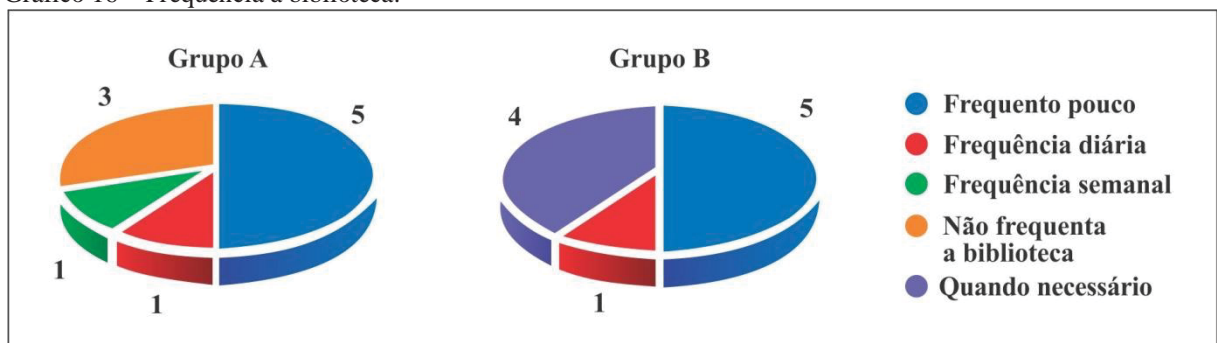
A existência e o funcionamento das bibliotecas devem-se à preservação, à organização e à mediação dos documentos de informação pelo homem no decorrer da história, como locais de referência para os leitores de todos os tipos, e servindo de suporte e orientação ao serviço acadêmico e escolar, tanto para lazer quanto para recreação da leitura. Atualmente, as bibliotecas públicas e escolares vivem a necessidade de reforçar o compromisso de incentivar as manifestações culturais, oferecendo um panorama de leituras variadas, estimulando reflexões e divulgando iniciativas de grande relevância para professores, alunos e leitores.

Destarte, além da escola, a biblioteca é a instituição que tem a responsabilidade de formar leitores e abrir espaços para a apropriação da leitura, cumprindo com seu papel social.

Ao serem interrogados sobre a frequência com que os sujeitos da pesquisa vão à biblioteca e o que os faria frequentá-la mais, de acordo com a questão 20, os respondentes do grupo A mencionam: frequento pouco a biblioteca (cinco pesquisados); “frequência diária” (um respondente); “frequência semanal” (um respondente); não frequento a biblioteca (três professores).

Já os pesquisados do Grupo B referem: frequento pouco a biblioteca (cinco respondentes); frequência diária (um respondente); quando necessário (quatro respondentes). O Gráfico 16 reflete essa realidade.

Gráfico 16 – Frequência à biblioteca.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Complementando a análise da questão 20, os pesquisados foram inquiridos ainda sobre os motivos que os fariam frequentar mais a biblioteca. Entre as manifestações do grupo A, tem-se: “Uma biblioteca alternativa” (A4); “um acervo melhor e espaços/estruturas mais apropriados para a leitura em seu ambiente” (A5); “certamente se cursasse outra graduação ou especialização iria mais para buscar informações em livros, pois penso que é mais fácil do que a consulta na internet” (A6); “o que mais impede minha frequência à biblioteca é a falta de tempo e pela facilidade de acesso à internet” (A8); “devido à minha carga horária de trabalho, nem sempre frequento a biblioteca” (A9); “normalmente compro os livros que leio” (A10).

Os investigados do grupo B não manifestam motivos para frequentar mais a biblioteca, porém, trazem elementos interessantes como: “leio livros que compro ou peço emprestado de amigos” (B1); “tenho consciência de que precisa dar mais prioridade à leitura” (B4).

Na realidade, a visita à biblioteca é fundamental que ocorra com frequência, pois é um ambiente em que se pode acessar diversos materiais de leitura. No entanto, pelos relatos dos grupos pesquisados, constata-se que esse hábito não é frequente e isso pode interferir no processo de ensino da leitura nas escolas pelo fato de os docentes possuírem recursos limitados para proporcionar uma formação mais considerável. O que se percebe também é que os educadores não têm uma rotina razoável de acesso à biblioteca e acredita-se que isso não é prioridade para eles e essa situação se observa quando os pesquisados mencionam que frequentam a biblioteca somente quando necessário ou não a frequentam. Desse modo, analisando as respostas, compreende-se que os professores que frequentam as bibliotecas com assiduidade e mantêm esse hábito, estão mais propícios a melhorar sua formação leitora.

4.6.1 Leituras na internet

A internet faz parte do cotidiano das pessoas e abre janelas para um mundo de informações e de comunicação, usando-se da leitura e da escrita. Com a internet, há a possibilidade para livre acesso a novas formas de leituras e construções de ideias e esse canal pode ser aproveitado para desenvolver habilidade de leitura abrangendo textos de diversos gêneros. A esse respeito, Rösing e Zilberman (2016, p. 38) realçam que “para um grande número de pessoas, os textos escritos, muitas vezes são considerados companheiros em diversos momentos da vida, mas agora, além dos livros, jornais e revistas, os instrumentos eletrônicos são ferramentas que também nos permitem acessar textos”. Assim, com o uso da internet, surge um desafio no processo de ensino-aprendizagem, já que ela, produzindo mudanças sociais e culturais, abre espaço para novas formas de comunicação que requerem leitura diferenciada para uma melhor clareza nos atos comunicativos, e, com isso, o saber se renova em ritmo acelerado, acompanhando a evolução sociocultural.

Nesse contexto, os sujeitos da pesquisa foram interpelados, conforme a questão 21, acerca do uso da internet para leitura e sobre qual tipo de leitura realiza. Então, nove sujeitos da pesquisa do grupo A respondem que utilizam a internet; um informa que não utiliza. No grupo B, oito utilizam a internet e dois não utilizam.

Com relação ao tipo de leitura que realizam na internet, os respondentes do grupo A ressaltam: para pesquisa sobre diversos assuntos (dois respondentes); “notícias, frases e outros textos” (A2); “textos teóricos” (A3); “artigos diversos e notícias” (A5); “textos sobre saúde e educação” (A6); “materiais da língua inglesa” (A9); “jornais, revistas e curiosidades” (A10).

Por outro lado, os pesquisados do grupo B respondem: aquisição de conhecimentos em várias áreas (dois respondentes); “informações gerais, pesquisa e notícias” (B2); “textos teóricos” (B3); “notícias sobre temas da atualidade” (B4); “notícias, textos bíblicos, revistas, jornais e livros” (B6); “notícias, documentários e curiosidades” (B7); “textos informativos” (B9).

O uso da internet para leitura é uma forma de buscar informações atualizadas e, a esse respeito, a professora A8 enfatiza: “Uso a internet e costumo realizar leituras de conteúdos que utilizo para preparar minhas aulas ou para me aperfeiçoar”. Então, constata-se que a maior parte dos pesquisados dos dois grupos (17) se utiliza da internet porque considera que há variedade de materiais disponíveis, mas apesar de essa ferramenta estar ao alcance dos educadores, uma pequena parcela dos sujeitos pesquisados menciona que não utiliza a internet para leitura (uma do grupo A e duas do grupo B). Essa realidade nos remete a uma reflexão, pois diante da necessidade de acompanhar as transformações sociais, e a internet está inserida nesse contexto, ainda há profissionais que não acompanham essas mudanças.

O que se percebe é que os grupos dão prioridade a leituras que tragam informações recentes e que possam contribuir de alguma maneira para o aperfeiçoamento cultural tão necessário na contemporaneidade. Os sujeitos da pesquisa parecem ter consciência de que a internet é um instrumento atual, eficiente e disponível para ser acessado a qualquer momento.

No que se refere ao uso da internet, o Observatório do Livro e da Leitura lançou, em 2014, a pesquisa *Bibliotecas e Leitura Digital no Brasil*, que dá o tom sobre a realidade dos estabelecimentos de leitura e empréstimos de livros no país. Feita com 503 instituições distribuídas entre as cinco regiões brasileiras, os dados mostram um cenário preocupante sobre as instituições que, salvo exceções, necessitam de infraestrutura, tecnologia e mais visitantes.

Um dos dados que chama a atenção é o da frequência de usuários das bibliotecas pelo país. Na média, o número é de 420 visitantes por mês. Levando-se em conta apenas os dias de semana (cerca de 22 em um mês), a média nacional de visitantes é de 19 pessoas por dia. Se já não fosse esse número inquietante, vale ressaltar que uma porcentagem expressiva (22%) dos estabelecimentos mantém uma média ínfima de visitas mensais, não chegando a 50 pessoas por mês. Em contrapartida, bibliotecas de grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Salvador puxam essa média para cima, já que suas frequências de acesso variam entre 400 e cinco mil usuários mensais.

Com relação aos equipamentos, a situação também não é animadora. Cerca de 20% dos estabelecimentos pesquisados não possuem nenhum computador com acesso à internet.

Na média geral, o número de máquinas para uso interno é de 3,2 equipamentos por unidade, e de 6,39 no caso de aparelhos destinados a pesquisas e ao uso dos leitores.

A pesquisa traz dados animadores sobre as bibliotecas que estão inclinadas a experimentar outras formas de acesso aos livros para atrair mais público. Com a utilização de *ebooks*, para cerca de 57,64% dos entrevistados – bibliotecários, coordenadores, chefes e diretores das unidades –, os usuários vão aderir e talvez ler mais. Apenas 5,3% dos entrevistados acham que os leitores vão deixar de usar os livros de papel, enquanto 82,08% acham que os dois tipos vão conviver.

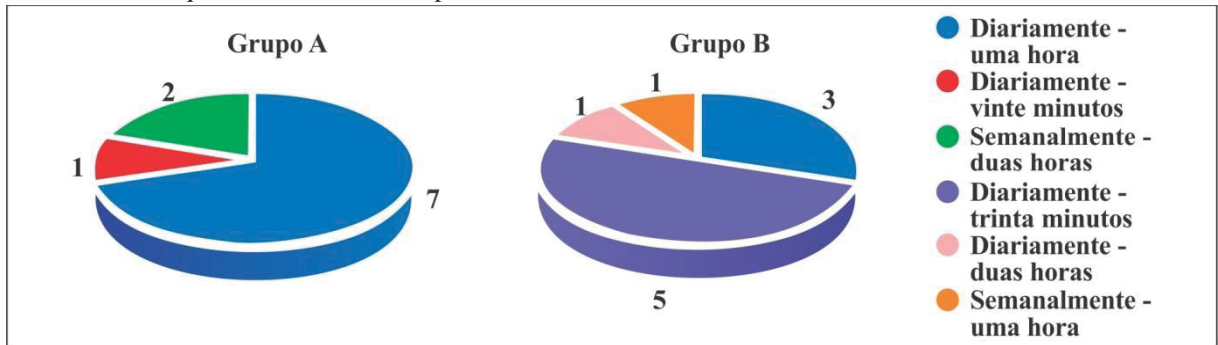
Portanto, torna-se evidente que o educador precisa conhecer os novos direcionamentos para o trabalho com a leitura e muitas vezes as soluções estão próximas. Por meio da internet, é possível trocar ideias com outros profissionais e buscar informações que possam auxiliar na formação leitora dos indivíduos.

4.6.2 Frequência de leitura e tempo dedicado

A leitura traz benefícios à vida das pessoas, que, por terem “contato” com mais palavras, conseguirão se expressar melhor de forma escrita e até falada. O indivíduo leitor fica bem informado e, assim, terá mais opções de assuntos ao conversar com outras pessoas do meio em que vive. Segundo Teresa Colomer (2007, s.p.), “a criança e o jovem devem estar, desde muito cedo, ‘circulando entre livros’, fazendo do universo letrado o seu universo. O acesso à literatura faz com que possam compreender o mundo que os cerca”. Com o objetivo de compreender melhor esse processo, os pesquisados foram questionados a respeito da frequência com que praticam a leitura e sobre qual o tempo dedicado a ela, de acordo com a pergunta 22.

Pelas respostas dos professores do grupo A, observou-se que leem diariamente, durante uma hora (sete respondentes); “lê diariamente, por vinte minutos” (A7); leem semanalmente e por um período de duas horas (dois respondentes). Por outro lado, os pesquisados do grupo B leem diariamente, durante uma hora (três respondentes); leem diariamente, por trinta minutos (cinco respondentes); “diariamente, por duas horas” (B5); “semanalmente pelo período de uma hora” (B9). No Gráfico 17, demonstram-se esses dados com mais clareza.

Gráfico 17 – Frequência de leitura e tempo dedicado a ela.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dois grupos mantêm o hábito de leitura diário ou semanal, porém, o tempo dedicado a ela varia de vinte minutos a duas horas. Pelos relatos, observa-se que a leitura está presente na vida dos respondentes, porém, por serem educadores, acredita-se que a leitura precisa ser diária, o que não acontece com as professoras A2, A3 e B4, que leem mais nos finais de semana. Outro dado constatado na pesquisa é o pouco tempo dedicado à leitura, conforme comprovam as respostas de A1, A3, B8 e B10. Chama-se atenção, nesse sentido, para um número expressivo de pesquisados que leem por um período de apenas trinta minutos diários, tempo considerado curto para um formador de leitores (cinco respondentes do grupo B).

Um ponto que merece destaque é a leitura diária, durante uma hora, realizada por sete respondentes do grupo A e três do grupo B, assim, se percebe que esses profissionais valorizam a prática de leitura com assiduidade. Dessa maneira, diante da realidade pesquisada, enfatiza-se que o professor carece de maior frequência e um tempo maior de dedicação à leitura, porque o aperfeiçoamento cultural na contemporaneidade exige profissionais atualizados e capacitados para desempenhar seu papel de formador de leitores de forma mais efetiva.

4.6.3 Leituras marcantes

A leitura marcante é a que remete ao entendimento de conhecimentos que façam sentido para quem lê, pois ela é um instrumento indispensável na realização de novas aprendizagens. Nesse quadro, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997, p.54) enfatizam que a leitura tem sido fundamentalmente um objeto de ensino e “para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, os objetivos de realização imediata”.

Sabe-se que, desde muito cedo, temos contato com o ato de ler, seja por meio da leitura que os pais fazem aos filhos, da própria leitura do mundo ou quando aprendemos realmente a ler, pela alfabetização e letramento. Nesse processo de formação, realizam-se leituras de diversos gêneros, porém, algumas deixam marcas inesquecíveis que de certo modo identificam o indivíduo ao longo da vida.

Nesse cenário, na questão 23, buscaram-se respostas sobre a leitura mais marcante na vida dos sujeitos da pesquisa e os motivos que justificam essa escolha. Cada um dos pesquisados do grupo A mencionou uma leitura diferente: “Foi um livro infantil quando comecei a ler, e o nome era *O Galo e a Raposa*, porque eu ia contar para os animais que tínhamos” (A1); “a leitura que mais me marcou foi livros de romance, porque eu era sonhadora, queria o príncipe” (A2); “foi o livro *A árvore que dava dinheiro*, chamou a minha atenção, e porque foi o primeiro livro ‘grande’ que li” (A3); “a leitura dos contos de Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle, porque com essas leituras foi quando comecei a realmente me sentir um leitor” (A5); “*Vidas Secas* me marcou porque chorava todas as vezes que pegava o livro na mão” (A6); “Biografia de Kurt Cobain, *Mais pesado que o céu*, *O conde de Monte Cristo* e Shakespeare” (A7).

Como leitura mais marcante a pesquisada A8 realça:

[...] li o livro *Vida de Droga* quando adolescente, pois contava uma história baseada em fatos reais sobre uma adolescente rica que se envolveu com drogas. Esse livro me chamou muito a atenção, pois me mostrou que o dinheiro muitas vezes não é sinônimo de felicidade, afinal, esta adolescente tinha de tudo materialmente, contudo não tinha a atenção dos pais que estavam sempre muito ocupados com seu trabalho, e talvez devido a isso se envolvera com drogas, de modo a suprir esta falta da presença dos pais.

Outros relatos são mencionados pelos sujeitos da pesquisa: “Na adolescência, foi *Luana adolescente, lua crescente* – de Sylvia Orthof, pois se aproximou da minha realidade, naquela época e também foi o primeiro livro que eu me lembro de ter ganhado” (A9); “foram várias leituras marcantes, comecei lendo Paulo Coelho na adolescência e tornei-me grande admirador de sua obra e com o amadurecimento das leituras comecei a interessar-me por outros escritores, como Marta Medeiros, Veríssimo, entre outros escritores brasileiros e estrangeiros” (A10).

No grupo B, os pesquisados também apresentam uma diversidade significativa quanto às leituras marcantes: “Foi um livro infantil chamado *No país das formigas*, porque a história do livro tinha a ver com a realidade que eu vivia” (B1); “o que mais marcou foi a leitura de

livros religiosos espirituais, os quais lia diariamente quinze minutos na época de seminário e essas leituras levavam a pensar sobre a vida e a forma de conviver em grupo” (B2); “leituras de autoajuda, pois precisamos de ânimo, força de vontade, otimismo, etc.” (B4); “um livro com o nome *A paciência*, era um livro de autoajuda” (B5); “a leitura que fiz do livro *Marina Marina* de Carlos Heitor Cony, pois me identifiquei com a personagem” (B6); “Augusto Cury, *Pais brilhantes, professores fascinantes*” (B7); “foram na verdade os clássicos *Moreninha* e *Iracema*, no Ensino Médio, e quando descobri que conseguia ler, então lia várias vezes a mesma coisa, me dava prazer” (B8); “*Verônica decide morrer*, obra de Paulo Coelho, porque ele me mostrou e me fez repensar o conceito de viver a vida” (B9); “livros de autoajuda que me fortaleceu quanto estive com depressão” (B10).

Pelo que se observa dos relatos dos dois grupos, as leituras marcantes despertaram o interesse por outras leituras e oportunizaram a reflexão sobre a realidade. O relato mais pontual foi a leitura de livros religiosos que levavam o leitor a pensar sobre a vida e a forma de viver em coletividade. Os livros de autoajuda também se destacam nas leituras marcantes, pois, segundo os sujeitos pesquisados, trazem ensinamentos que incitam a pensar e agir em benefício próprio.

4.7 MOTIVAÇÕES PARA LEITURA

Ler é atribuir sentido ao que se está lendo, compreender o texto e ser capaz de refletir sobre ele. Nesse sentido, a leitura deve ser motivada, permitindo que o educando estabeleça uma visão prazerosa sobre a mesma e esta venha fazer parte de seu cotidiano. A leitura passa, então, a ser considerada como um instrumento precioso e essencial no sujeito que quer ser útil e participativo na sociedade. Segundo Solé (1998, p. 32),

[...] um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente, isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem.

Nem sempre é fácil motivar para a leitura, pois a sociedade atual oferece outros produtos para ocupação dos tempos livres que requerem menos esforço do que a leitura de um livro. Diante dessa realidade, os sujeitos da pesquisa foram interrogados sobre suas motivações para ler, conforme questão 24. Pelos relatos dos docentes do grupo A, as motivações de leitura são para aquisição do conhecimento (três respondentes); leem por

prazer (três respondentes). Outros relatos merecem destaque: “Leio por prazer, aquisição de conhecimento, para melhorar a escrita e o diálogo” (A2); “minhas leituras são pautadas em sua maioria pela necessidade profissional, mas de qualquer forma encontro nelas prazer” (A5); “me motiva a ler coisas da atualidade e assuntos que eu possa conversar com meus alunos e conteúdos que interessem a eles e os motivem a aprender cada vez mais” (A6); “leio por prazer e para melhorar minha formação profissional” (A7).

De outra forma, os professores do grupo B têm como motivação a leitura para aquisição de conhecimento (dois respondentes); por prazer (quatro respondentes), seguido de outros relatos: “não sou tão leitora como eu era quando criança” (B3); “não me dedico à leitura de livros ou muito pouco, porém, leio textos na internet ou algo por necessidade e gosto da leitura de jornais” (B9); “quando estou triste e por necessidade, leio revistas e jornais ou outros materiais para preparar o assunto e contar histórias aos meus alunos” (B10). Já o professor B2 não respondeu à questão e não apresentou justificativa.

Ao analisar as informações, constata-se que os educadores do grupo A têm como principal foco leituras que possam ampliar conhecimentos e/ou que lhes deem prazer. Por outro lado, os professores do grupo B leem mais por prazer, ficando a aquisição de conhecimento em segundo plano. Diante das observações, acredita-se que os profissionais do grupo A estão mais cientes em relação à busca de subsídios para aperfeiçoamento profissional e melhorar seu desempenho, enquanto o grupo B já não apresenta a mesma motivação para leitura como no início da carreira e isso pode interferir em seu desempenho na escola. Assim, salienta-se que o educador necessita motivar-se para manter o hábito de leitura constantemente, pois as transformações sociais ocorrem de modo acelerado e o professor necessita acompanhar essa evolução para atribuir mais significado ao seu trabalho.

4.8 SIGNIFICADO DA LEITURA

A leitura é a porta para a descoberta de novos conhecimentos e desde a infância o homem desenvolve a mente por intermédio da leitura, pois, com a continuação do hábito de ler, os sujeitos se transformam em uma verdadeira fonte de informações, que devem ser colocadas em prática ao longo da vida, seja no nosso dia a dia ou na vida profissional. Nessa direção, Claudia Toldo (2009, p. 49) salienta que “aprender a ler significa dominar progressivamente textos cada vez mais complexos, construindo seu sentido, ou seja, significa

ler textos e compreendê-los”. Assim, a leitura é uma constante na vida das pessoas e tem significados conforme a realidade de cada indivíduo.

Com o propósito de aprofundar este estudo, buscaram-se respostas no universo de professores pesquisados sobre o que a leitura significa para eles, em conformidade com a questão 25. Na concepção dos professores do grupo A, a leitura significa conhecimento (seis respondentes) e, além disso, são atribuídos outros significados: “significa conhecimento, educação, respeito e sucesso profissional, porque uma pessoa que lê consegue se comunicar melhor” (A1); “com certeza, ler é muito importante, pois além de trazer mais conhecimento em diversas áreas, proporcionando mais qualificação profissional, estimula a imaginação, a criatividade, além de ser um meio de se obter informações dos mais diversos tipos, deixando-nos sempre atualizados” (A8); “a leitura para mim é como um vício porque leio tudo o que vejo e, infelizmente, hoje não disponibilizo de muito tempo para fazer leituras de diferentes gêneros em virtude de continuar fazendo cursinho na língua estrangeira e dedico a maior parte do meu tempo a leitura de textos na língua alvo” (A9); “a leitura proporciona reflexão e também é um momento no qual faço algo prazeroso e dependendo da leitura também complementa meu conhecimento e faz com que eu repense minha própria vida” (A10).

Os representantes do grupo B, em sua maioria, mencionam que a leitura significa conhecimento e prazer (sete). Entre outras manifestações, destaca-se: “Leitura significa aprender e nos proporciona maior senso crítico, maior habilidade na forma de comunicação e de interpretação” (B2); “a leitura é muito importante e todo o ser humano deveria dedicar um tempo para a leitura, pois o prazer pela leitura começa na infância e a pessoa que lê tem mais facilidade em tudo: na expressão, na dicção, etc.” (B3); “a leitura ajuda a pensar melhor, ocupar a mente com coisas boas e positivas” (B10).

Pela narrativa da maioria dos pesquisados (treze) dos dois grupos, nota-se que eles buscam na leitura uma forma de aperfeiçoamento cultural e uma fonte de prazer, além de outros benefícios, como: estimula a imaginação, melhora a qualificação profissional, proporciona a aquisição de informações e contribui para uma aprendizagem mais significativa. O que se percebe é que os grupos possuem praticamente a mesma concepção sobre o significado da leitura e isso demonstra que eles estão cientes de sua responsabilidade como formadores de leitores e que necessitam de formação continuada. Porém, apesar de os educadores pesquisados estarem conscientes de sua responsabilidade e do significado da leitura no processo educativo e para a vida, por vezes, não a praticam de forma constante nem buscam a leitura de materiais variados devido a limitações de tempo ou à falta de motivação.

4.9 PROMOÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA

A questão da leitura não pode ser tratada apenas para os que vão à escola, se não para todos que circulam em seu entorno. O incentivo e a promoção de momentos de interação em torno da leitura podem funcionar para instigar a curiosidade, estimular a pesquisa, o estudo e a busca por respostas em diferentes meios de informação, acessíveis até então, ou alcançáveis, a partir da intervenção pedagógica realizada na escola. Dessa maneira, “é possível ensinar a ler na escola, quando ambos, professor e aluno, se movimentam no debruçar sobre os textos, a partir de um processo de interação” (EVANGELISTA; BRANDÃO; MACHADO, 1999, p. 267).

Nesse universo, os professores foram inquiridos, por intermédio da questão 26, sobre como eles percebem as promoções de incentivo à leitura. Os professores do grupo A acreditam que ela deveria ser mais incentivada pelo governo e instituições escolares, pois contribuem para desenvolver o hábito da leitura no processo de formação leitora (cinco respondentes). Outras informações relevantes também se destacam: “Hoje há muitas promoções de leitura, mas os alunos não estão preocupados com isto, eles querem somente celular, computador, ler e ver um conteúdo dentro de um livro está se perdendo, fazem leitura por obrigações” (A2); “acho significativas as promoções de incentivo a leitura, pois uma parcela representativa das pessoas não lê e vê a leitura com algo sem importância” (A4); “percebo como fundamentais e necessárias, principalmente para atingir um público que não tem acesso à cultura letrada e para criar um ambiente social favorável e propício às práticas de leitura” (A5); “a escola com certeza é a maior incentivadora da leitura, porém acredito que os pais têm importante papel na formação da leitura na criança, por isso estes devem incentivar dar exemplo e proporcionar momentos de leitura às crianças, desde a infância” (A8).

Os docentes do grupo B afirmam que, atualmente, há muitas promoções de incentivo à leitura, tanto para professores quanto para as crianças (quatro respondentes); há poucas promoções de incentivo à leitura (três respondentes). Ainda, destaca-se: “Na atualidade, as crianças têm incentivo à leitura e as escolas oferecem grande quantidade de livros, além de oferecer um período para que eles possam ficar na biblioteca, lerem seu livro preferido, retirarem e levarem para casa semanalmente” (B2); “procura-se incentivar a leitura, porém, muitas vezes, não se consegue formar leitores. Existem materiais e livros maravilhosos nas escolas e talvez falte uma obrigatoriedade na escola como na família para formar o hábito de leitura e maior persistência tanto do professor como do aluno” (B8); “os meios de comunicação, TV e internet, divulgam e incentivam, mas me parecem não atingir o público” (B9).

Os grupos comungam da mesma ideia quando frisam que as promoções de incentivo à leitura são imprescindíveis na vida dos indivíduos. Por outro lado, as tecnologias estão inseridas na sociedade e por vezes as pessoas usufruem desse meio, e, apesar de poder praticar a leitura nesses instrumentos, deixam a leitura em outros gêneros em segundo plano. Logo, supõe-se ser necessário aliar os livros às mídias, a fim de motivar as pessoas à leitura. Uma forma passível de ajuda no incentivo à leitura é a disponibilidade de materiais atraentes, diversificados e com metodologias de ensino inovadoras.

Dessa maneira, acredita-se que o professor desempenha um papel essencial na promoção e no fomento dos hábitos de leitura e, portanto, ele deve ser um interlocutor competente e deve ousar na escolha e na aproximação dos livros ao sujeito leitor. Assim, as instituições escolares possuem a responsabilidade de propor materiais de leitura cativantes aos seus alunos, contribuindo não só para a manutenção de hábitos de leitura, mas também propiciando condições para que se possam motivar mais pessoas a praticar a leitura.

De acordo com o Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional (Inaf), a população brasileira adulta que declara gostar muito de ler permanece estagnada em 30% há uma década. Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2009) mostra que nosso gasto médio mensal com livros é de apenas R\$10,00. Por fim, uma pesquisa do Instituto Pró-Livro de 2011 aponta que 40% dos adolescentes brasileiros têm, no máximo, 10 livros em casa. Esse cenário mostra que ainda somos uma nação de poucos leitores.

Por outro lado, o mesmo Inaf sugere que temos alcançado avanços significativos nos níveis básicos de alfabetização. O país já conseguiu alcançar a meta de ao menos uma biblioteca pública em cada município e a indústria literária mostra sinais de aquecimento. Em meio a esse momento, repleto de desafios e oportunidades, a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, em parceria com o Instituto Ecofuturo e com a Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), promoveu, em 2013, a oficina “Leitura e escrita de qualidade para todos”, em Brasília (DF).

O encontro, que reuniu 36 especialistas – representando a academia, órgãos públicos e organizações da sociedade civil –, teve como objetivo discutir a importância da leitura de qualidade, identificar oportunidades e planejar iniciativas públicas e privadas dirigidas à promoção da leitura. O resultado das diversas mesas, oficinas e plenárias, fora sistematizado no relatório do evento. O documento destaca reflexões sobre temas fundamentais para a promoção da leitura, como o cenário da produção literária nacional, o acesso a bibliotecas públicas, a qualidade de acervos e o desafio de engajar famílias e escolas no estímulo e no

aprimoramento do hábito de ler e escrever. Portanto, ressalta-se que a construção de um amplo sistema capaz de monitorar os progressos da leitura é viável, pois setores governamentais e sociedade devem agir de maneira integrada, para criar e assegurar a sustentabilidade de uma política que contribua para a promoção leitora.

4.10 CONSCIENTIZAÇÕES DA PRÁTICA DE LEITURA

A leitura se constitui como prática social de diferentes funções, pelas quais os indivíduos podem perceber que carecem ler não somente para entender, mas também para se comunicarem, ampliar horizontes em relação ao mundo e as questões inerentes ao seu bem-estar social. Na concepção de Vera Teixeira de Aguiar (1999, p. 242), “ler é ampliar horizontes e a literatura será tanto melhor quanto mais provocar o seu leitor”. Ler está relacionado à forma como os sujeitos se apropriam do conhecimento, de como agem em contextos em que a interpretação é requerida e abre espaço para uma nova forma de conceber e representar o mundo e a si mesmo. Logo, ler não é um mero ato de decodificação ou mesmo adivinhação de sentido, é, sobretudo, uma prática social. Então, para ser um bom leitor, deve-se ler constantemente, pois a leitura é, dentre outros, uma forma identificar assuntos dos quais se gosta e o tipo de leitura que satisfaz, pois ler deve ser prazeroso.

Para complementar a investigação referente ao tema da pesquisa, na questão 27, perguntou-se aos educadores: você se considera um leitor? Por quê? Os educadores do grupo A salientam que se consideram leitores (sete respondentes); e não se consideram leitores (três respondentes). Dentre os pesquisados que se consideram leitores, salienta-se: “a leitura, de modo geral, está inserida em minhas práticas cotidianas de forma intensa, seja para fins profissionais ou pessoais” (A5); “sei que poderia me dedicar mais à leitura porque ela faz parte do meu dia a dia” (A6); “me considero leitor, porém não assíduo, mas geralmente leio com o intuito de preparar aulas e me qualificar na minha área do conhecimento” (A8); “considero-me uma leitora, pois leio livros, revistas, etc, e costumo ler várias obras durante o ano” (A10). De outro modo, as docentes que não se consideram leitoras, apontam: “leio pouco, preciso despertar em mim o prazer pela leitura” (A1); “gostaria de ser uma leitora, mas por ter pouco tempo, não tenho o hábito de ler e leio quando necessário ou se alguém incentiva” (A2); “leio pouco por falta de tempo” (A3).

De outra parte, os pesquisados do grupo B se consideram leitores (três); e não leitores (sete). Os respondentes que se consideram leitores, justificam: “leio praticamente todos os dias”

(B1); “procuro sabedoria nos livros” (B5); “leitora de livros não me considero, porém, leio artigos, comentários, notícias, curiosidades” (B9). Já os respondentes que não se consideram leitores, mencionam: “não me considero um bom leitor porque geralmente vou em busca da leitura por necessidade, sem que haja tanto interesse e prazer por isso” (B2); “acho que precisaria ler mais” (B3); “não foi despertado muito o prazer pela leitura na infância” (B4); “não sou uma boa leitora, pois pela correria do dia a dia e muito trabalho, tenho pouco tempo para leitura, e há tempos atrás eu lia muito mais” (B6); “apesar de ler diariamente, não sei se posso me considerar uma leitora, porque acredito que ainda preciso mais” (B7); “não sou uma leitora assídua, pois para mim leitor é aquele que lê todos os dias como se fosse um hábito e eu não leio todos os dias” (B8); “não me considero uma leitora, pois leio pouco” (B10).

Contrapondo as exposições dos dois grupos, verifica-se que os membros do grupo A se consideram mais leitores do que os do grupo B. Essa diferença talvez se justifique pelo fato de o grupo A ser composto por um público mais jovem na profissão e por estar mais motivado no aperfeiçoamento cultural, no entanto, os docentes do grupo B leem diariamente, porém, com fins de adquirir conhecimentos mais gerais. Em relação aos professores do grupo A que não são leitores assíduos, observa-se que eles não têm o hábito e o prazer da leitura, o que também é motivado pela falta de tempo. Já os educadores do grupo B leem mais por necessidade, pois assumem outros afazeres no ambiente familiar, por não sentirem prazer ou ainda por não ter sido despertado o interesse pela leitura, mas os dois grupos estão cientes de que precisariam motivar-se para praticá-la mais frequentemente. O que se observa também no grupo B é que os profissionais tinham o hábito de ler mais no início de carreira do que na atualidade, fator que se torna preocupante, pois num universo em que a leitura é ponto fundamental na vida das pessoas, essa prática não é efetiva. Assim, ler compreensivamente é utilizar de uma prática que precisa ganhar cada vez mais espaço dentro e fora das escolas, pois, por meio da leitura, o indivíduo compreende o mundo e torna-se capaz de atuar como cidadão, consciente de seus direitos e deveres. Nesse sentido, é importante que se compreenda que a leitura constitui uma prática social e que é por meio dela que se efetiva o acesso aos conhecimentos acumulados pela humanidade. Sua prática amplia nossa comunicação, nossa visão de mundo e nosso senso crítico. A leitura é, portanto, fonte de saber pelo qual transformamos a nós mesmos e a realidade que nos cerca. Logo, o ato de ler é imprescindível para que o sujeito exerça sua cidadania, compreenda criticamente as realidades sociais e nela atue efetivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, constatou-se que ler é uma prática motivada pela vontade do ser humano de descobrir, aprender e trocar experiências. A convivência com pessoas que têm uma relação de amor com a leitura induz à imitação e à absorção desse prazer de buscar leituras que estimulem a socialização, a interação e a sensibilidade, pois a formação de um leitor também envolve as relações de afetividade que interferem nos sentidos e transformam as pessoas, individualizando-as. Assim, a busca da leitura pelo sujeito possui grande relação com as mediações que se vivencia no convívio cultural. Portanto, a leitura é uma das responsáveis pela formação dos cidadãos.

A qualidade do que se escolhe para ler ou indicar como leitura delimita como será atribuído significado ao mundo em que se vive, pois a leitura pode ser considerada como instrumento de poder político, desde que seja positiva, permitindo que o indivíduo seja capaz de construir suas próprias ideias. A escola não deve ignorar as múltiplas possibilidades da leitura, por isso, propõe-se que essa multiplicidade seja explorada, utilizando a criatividade dos educadores e dos próprios alunos, na tarefa tão importante de formar leitores críticos e conscientes. E, para isso, é necessário que se faça um trabalho conjunto que se inicie precocemente no seio da família, com os pais, e que tenha continuidade na escola, com a participação ativa de todos os envolvidos no processo educacional de forma espontânea e prazerosa para que se estenda por toda a existência.

Ao pesquisar os processos de formação leitora, partiu-se do pressuposto de que os professores pesquisados vivenciaram experiências distintas, de acordo com sua época de formação. Assim, no decorrer deste estudo, buscou-se investigar a prática de leitura na formação do professor leitor em duas gerações consecutivas, identificando as experiências vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa nesse processo. A pesquisa foi desenvolvida tendo por base fundamentos sobre a leitura e sua relevância no processo de formação do indivíduo, segundo diferentes teóricos e pesquisadores.

Definidos os objetivos, traçou-se o percurso metodológico da pesquisa que se caracterizou como de campo, pois foi desenvolvida num universo de vinte professores que atuam do Jardim ao nono ano do Ensino Fundamental em escolas da rede de ensino municipal de Marau/RS. Após estudo bibliográfico a respeito da temática da leitura e formação do leitor, procedeu-se à interpretação e à análise dos dados, desenvolvidas de forma qualitativa e quantitativa.

Determinada a metodologia de pesquisa e definido o *corpus* de estudo, fez-se necessário dar a conhecer as escolas de atuação dos professores pesquisados. Passou-se, então, à coleta de dados para compreender a realidade das escolas, como se comportam seus sujeitos da pesquisa, refletindo sobre práticas, apropriações e representações de leitura. Para isso, o estudo contou com um instrumento: um questionário com perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha que vão desde dados pessoais até a opinião sobre versões do *corpus* do trabalho.

Ao analisar as respostas da pesquisa e considerando a questão norteadora, bem como a hipótese de pesquisa, observa-se que houve alterações significativas na formação de professores leitores, da geração de professores que estão em final de carreira em relação àqueles que ingressaram recentemente no magistério. Dentre elas, destaca-se a maior variedade de materiais de leitura disponíveis, acesso à internet, reestruturação das bibliotecas no que se refere ao espaço físico e à renovação do acervo, mais acesso à biblioteca, disponibilidade de uma bibliotecária, apesar de esta não estar capacitada para tal função. Com respeito à motivação para leitura, percebe-se que os professores da geração passada não praticam a leitura com tanta frequência como o faziam no início da carreira, pois leem mais por necessidade ou por prazer e por um tempo menor. Por outro lado, os pesquisados da geração mais recente leem com mais frequência, por um tempo maior e buscam materiais mais atualizados. Tendo em vista a maior disponibilidade de recursos na formação acadêmica, os educadores que estão ingressando no magistério são mais preparados no que se refere a construção do conhecimento em relação àqueles que estão em final de carreira.

A partir dos dados coletados, percebeu-se que as práticas de fomento à leitura, de modo geral, estiveram presentes no período de formação leitora. A influência e a constância de experiências vivenciadas pelos professores pesquisados, em relação à leitura, desde a infância, é o que parece ter um grande peso em sua formação como leitor.

Durante a análise dos dados, reparou-se que os professores conseguem, a partir de suas próprias ações pedagógicas, construir suas práticas de ensino de leitura num esforço diário de aquisição, fora do espaço escolar, de materiais diversificados. Embora os pesquisados pratiquem leituras essenciais ao ofício de educadores, nota-se que essa prática não é assídua como a função exige.

O maior desafio dos mediadores de leitura é atuar como formadores de leitores. Desse modo, constatou-se que os respondentes deste estudo buscaram desenvolver suas práticas de maneira a proporcionar uma melhor formação leitora, uma vez que vivenciam uma série de fatores que dificultam o trabalho de preparação e mediação de atividades de leitura: os

profissionais bibliotecários não possuem formação específica para atuarem nas bibliotecas; uma parcela das bibliotecas não dispõem de salas estruturadas, mobiliários, acervo atualizado; vivenciam uma complexidade nas relações com usuários, pois atendem a diversas idades e camadas sociais; não são amparados por políticas públicas contínuas de leitura e não possuem condições financeiras e autonomia para realizarem um trabalho de qualidade.

Para que o indivíduo desenvolva sua capacidade de pensar e sentir, é necessário que tenha acesso ao conhecimento. Porém, a ausência de serviços especializados tanto na escola quanto na biblioteca é uma realidade, visto que um espaço adequado para práticas de leitura e o perfil do profissional para atuar nele são parciais nas escolas dos sujeitos pesquisados.

No decorrer da pesquisa, destacou-se que o ato de ler, o prazer pela leitura e o desenvolvimento crítico são passíveis da intervenção do professor e da escola como elementos desencadeadores do processo. Partindo dessa premissa, percebeu-se que a escola e o professor, com a utilização de uma metodologia adequada, oportunizam situações para o desenvolvimento do prazer pela leitura.

A opção metodológica de ensino, seja ela qual for, deve estar comprometida com a formação de leitores competentes para lidar com a complexidade do mundo contemporâneo. Para isso, se aposta numa perspectiva dialógica como meio de orientar nossas ações pedagógicas. Diante das informações dos pesquisados, seus gostos e seus hábitos de leitura, constatou-se a importância e a responsabilidade da escola e dos professores na formação literária.

A leitura, ou melhor, a falta dela, constitui-se em algo que aflige diversos setores da sociedade: governo, mídia, editoras, educação, pais, professores, escritores, pesquisadores, entre outros. Aflige e angustia porque não é uma questão que poderá ser resolvida com um simples decreto, uma propaganda televisiva criativa, ou por conselhos paternos ou pesquisas que analisem o processo de formação do leitor dentro de ambiente escolar. Talvez o problema da falta da leitura possa começar a ser resolvido com a colaboração organizada de todos aqueles setores mencionados acima, pois ler é, antes de uma opção, uma atividade que precisa de mediação. Apesar de perceber a importância da sociedade em geral no incentivo à leitura, entende-se que é da escola o papel principal na formação de um leitor que possa se colocar de forma ativa (interativa) frente a um texto, em especial, o texto literário, uma vez que é entre seus muros que uma grande parte das pessoas entra em contato pela primeira vez com os livros. Assim, o papel de mediação na leitura fica nas mãos, principalmente, dos professores, pois nem todas as escolas populares de nosso país contam com a presença de um bibliotecário.

A prática da leitura deve fazer parte de todas as atividades da escola, possibilitando a interação entre o autor-texto-leitor e o professor, o sujeito mediador, dessa ação. Os professores de Língua Portuguesa são os sujeitos importantes nesse processo da leitura, mas não são os únicos. A escola deve formar cidadãos críticos e participantes, então, precisamos de todos os professores, principalmente daqueles que gostam de ler para motivar os alunos a vislumbrarem outras formas de saírem da sua condição de alienação e da exclusão social a que estão expostos em relação ao poder das classes dominantes.

Os estudantes do Ensino Fundamental necessitam de um direcionamento maior do professor, sua mediação é importante no processo de aprendizagem discente, pois para o educando, o professor é a maior referência que há na escola. Nesse sentido, colocando-se como exemplo o professor deve aproximar o aluno ao hábito da leitura. Dessa maneira, trabalhar a prática da leitura em sala de aula é estar em constante interação com a realidade e a ficção. Para que isso se torne uma prática, como mostrou nossa pesquisa, o professor mediador deve deixar de ser apenas um transmissor do conhecimento, e passar a caminhar junto e ao lado de seu aluno na interpretação de cada informação do mundo. Nessa relação com o conhecimento o acesso aos livros ou às outras fontes de informação, não é suficiente, mas é preciso o professor permanecer junto nesse caminho e, nesse trajeto, trazer os alunos sempre com ele. Percebe-se, assim, a complexidade do trabalho do mediador de leitura, que precisa, antes de tudo, ser leitor, conquistar a confiança, trocar experiências, ouvir as necessidades dos leitores e provocar novos interesses.

Para que se possa assegurar ao leitor o direito humano ao conhecimento e à democratização da leitura nas bibliotecas, é necessário reconhecer, primeiramente, quais são os principais desafios vivenciados pelos mediadores de leitura e pelas bibliotecas, por meio de mais pesquisas científicas que auxiliem na criação e atuação de políticas públicas consistentes e contínuas de apoio à leitura.

Os resultados deste estudo revelam-se importantes por reconhecerem a realidade vivenciada pelos sujeitos da pesquisa, pois se acredita ser relevante investigar como é realizada a mediação de leitura nas escolas, verificando a articulação das ações dos pesquisados com outras práticas de fomento à leitura literária e não literária, buscando reconhecer o impacto dessas ações no modo de recepção da leitura no espaço escolar por parte dos leitores ainda vinculados à Educação Básica. Também reconhecer como é efetivado o trabalho desempenhado pelos mediadores de leitura nas bibliotecas, e a sua importância para a formação de leitores, tendo em vista que esses profissionais atuam em locais cuja exclusão e segregação se faz presente. Embora os mediadores das bibliotecas muitas vezes atuem de maneira intuitiva,

também buscam compreender as necessidades das comunidades em que vivem, agindo não apenas como mediadores, mas como formadores de leitores.

Para aprender a gostar de ler, os alunos precisam ser expostos à leitura e esta deve ser estimulada cotidianamente e no âmbito da escola. Quando se fala em biblioteca escolar, é inevitável pensar nos hábitos de leitura dos alunos, pois formar bons leitores significa encantar as crianças, enfeitiçá-las com o poder que vem dos livros. É conquistando o leitor que as bibliotecas escolares se tornam um local onde a educação, o ensino, o lazer poderá encontrar-se, permitindo o acesso às informações a todos os sujeitos.

A biblioteca escolar está cada vez mais presente simultaneamente em todas as modalidades de ensino e as escolas buscam a racionalização dos ambientes e, dessa maneira, cabe ao bibliotecário organizar e administrar as fontes de informação utilizadas. No contexto educacional, a biblioteca escolar justifica sua própria existência no desempenho das atividades de ensino, cultura e lazer desenvolvidas dentro da escola.

Uma biblioteca escolar visa facilitar o processo ensino-aprendizagem, e, por isso, deve ter horário adequado e flexível aos usuários; seleção adequada do acervo ao seu usuário; organização e estruturas definidas; acesso livre, com empréstimo domiciliar; políticas desenvolvidas entre o bibliotecário e outros profissionais da escola para incentivar a leitura; conhecimento dos motivos que levam o aluno à biblioteca; investimento na atualização do acervo e torná-lo cada vez mais adequado à clientela escolar; investimento na constante atualização do profissional habilitado; atividades de integração entre professores e bibliotecários. Assim, não basta que a biblioteca escolar execute somente as tarefas técnicas de difusão da informação, é necessário que ela exerça influência ativa e dinâmica no ambiente escolar, preocupando-se com a qualidade do seu acervo e dos seus serviços, com a origem e necessidades dos usuários, com a democratização do seu espaço.

Em síntese, para a formação de leitores, não basta que as bibliotecas escolares tenham acervos atualizados. É necessário também que exista material nas escolas, profissionais da área em seus devidos espaços de trabalho, seja professor ou bibliotecário, incentivando os discentes para o hábito e o prazer pela leitura individual e coletiva, orientando a leitura com análise e reflexão dos conteúdos. Para que se construa uma política cultural, muito deve ser feito, ainda, no sentido de desenvolver uma ação eficaz de valorização da leitura e do livro como elementos indispensáveis ao desenvolvimento integral do indivíduo, pois é ele que intermedeia a aquisição da cultura, permitindo a ampliação desta a partir do que já é conhecido. É no livro que o indivíduo busca informações e apesar do progresso dos meios eletrônicos, o conhecimento

depende majoritariamente do livro e das habilidades do leitor, seja ele criança ou adulto. Portanto, garantir a todos o acesso à leitura deve ser uma política de Estado, mas cabe a nós dedicarmos um tempo do nosso dia a um bom livro, incentivar nossos amigos, filhos ou irmãos a se apegarem à leitura e, acima de tudo, utilizar nosso conhecimento para fazer de nossa cidade, estado ou país, um lugar melhor para se viver.

Nesse contexto, as escolas de atuação dos pesquisados estão desenvolvendo trabalhos no sentido de despertar e manter o prazer pela leitura, às vezes, envolvendo as famílias e a comunidade em geral nos projetos relacionadas a ela. As famílias, por sua vez, investem em livros e em experiências familiares de leitura. Da mesma forma, as editoras veem nas crianças os clientes do futuro e investem em feiras e projetos que os envolvam.

Reitera-se que não somente a escola, mas também a família tem papel decisivo na formação do leitor, uma vez que as práticas de leitura dos pais refletem na vida dos filhos, visto que casas nas quais os pais são leitores geralmente têm filhos leitores. Quando falta esse modelo em casa, há a possibilidade da formação de leitores, mas os indivíduos parecem precisar de algum referencial; seja um professor, um amigo, sites ou livros, esse modelo tem sua relevância para a formação dos sujeitos leitores. Tanto que os professores pesquisados atribuem sua formação enquanto leitores, principalmente, a algum professor ou a familiares. Sabe-se que muitos são os desafios, mas deve-se considerar a escola como espaço propício à formação de diversos leitores, visto que uma parcela significativa de cidadãos depende somente dela, não tendo suporte em casa.

Ao concluir o processo de pesquisa, estou ciente de ter estabelecido um vínculo com os professores, sujeitos deste estudo, os quais possibilitaram uma melhor percepção da realidade vivida por eles durante sua formação leitora. Destarte, com este trabalho, não se pretendeu criar uma fórmula para que aconteça a formação leitora, mas tentou-se trazer contribuições sobre a relevância das práticas de leitura no contexto escolar e familiar. Não se esgotou aqui o estudo, todavia, abriram-se oportunidades para futuros diálogos e estudos, pois é fundamental que estejamos de espírito aberto para as exigências e os desafios que se nos colocam num mundo em permanente mudança, levando a cabo ações que permitam aos indivíduos descobrir, de forma autônoma e livre, os vários caminhos na leitura.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura Literária e Escola. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Org.). *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 272 p. (Linguagem e educação).

ALVES, Silvanio. *O poder transformador da leitura*. 2008. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/957123>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

BARROS, Maria Helena T. C. de. A biblioteca pública e a leitura do adolescente. In: BARROS, Maria Helena T. C. de et al. *Leitura: mediação e mediador*. São Paulo: Ed. FA, 2006. p. 23-28.

BATISTA, Rafael. Importância da leitura. *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/ferias/a-importancia-leitura.htm>>. Acesso em: 7 set. 2017.

BERNARDI, Francisco. *História de Marau: uma comunidade laboriosa*. Porto Alegre: Ed. Pallotti, 1992.

BETENCOURT, Maria Fátima Ávila. *A leitura na vida do professor / Maria Fátima Ávila Betencourt*. Passo Fundo: UPF, 2000. 136 p. (Série Dissertações. Letras: 3).

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Formação do Leitor*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BORTOLIN, Sueli. A leitura literária em suportes eletrônicos na biblioteca infanto-juvenil. In: BARROS, Maria Helena T. C de et al. *Leitura: mediação e mediador*. São Paulo: Ed. FA, 2006. p.49-64.

_____. *Mediador de leitura*. 2007. Disponível em:<http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302>. Acesso em: 29 jul. 2016.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhias das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 231-248.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BUTLEN, Max. Para novas cooperações entre escolas e bibliotecas: retorno aos objetivos e missões. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, SP, v. 21, n. 22, p. 32-41, jan./abr. 2012.

CAMPELLO, Bernardete dos Santos. A competência informacional na educação para o século XXI. In: CAMPELLO, Bernardete dos Santos et al. *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CARRENHO, Silvanira Migliorini et al. Contribuições da leitura na formação do cidadão: exemplos que incentivam. *Revista científica eletrônica de pedagogia*, ano 11, n. 21, jan. 2013. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/AQ67dIvg7YDn3E0_2013-7-10-17-43-36.pdf>. Acesso em: 5 set. 2017.

CHARTIER, Anne Marie. *Ler e Escrever: entrando no mundo da escrita*. Tradução Carla Valduga. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COLOMER, Teresa. *Prazer em ler: Andar entre livros*. Disponível em: <<http://www.blogdogaleno.com.br/2007/08/23/prazer-em-ler-andar-entre-livros>>. Acesso em 8 set. 2017.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Org.). *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 272 p. (Linguagem e educação).

FERREIRO, Emília; TEBEROSKI, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1991.

FISCHER, Roger Steven. *História da Leitura*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2006.

FONTELLES, Christine. *A cultura da leitura no Brasil*. 2014. Disponível em: <<https://gife.org.br/desafios-e-oportunidades-para-a-promocao-da-leitura-e-da-escrita-de-qualidade-no-brasil/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

FORTESKI, Eliane; OLIVEIRA, Sueli Terezinha de; VALÉRIO, Raquel Weber. O professor como mediador de leitores. *Ágora: Revista de divulgação científica*, v.18, n. 2, p. 120-127, dez. 2011. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/60247/o-professor-como-mediador-de-leitores>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 48 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, n. 24, v. 4, p. 34, nov./dez. 1998.

GOMES, Solange. *A importância da leitura na vida humana*. 2011. Disponível em: <<http://poetasocio-solangegomes.blogspot.com.br/2011/07/importancia-da-leitura-na-vida-humana.html>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

GUEDES, Clediane de Araújo; FARIAS, Gabriela Belmont de. Informationliteracy: uma análise nas bibliotecas escolares da rede privada em Natal / RN. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 4, n. 2, p. 110-133, jan./jun. 2007.

HAUSER, Arnold. *Sociologia del arte*. Barcelona: Labor, 1977.v. 4.

HINGEL, Murilo Avellar. Série Lições de Minas. *Tempo Escolar: Hora de Refletir e Organizar*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, nov. 1999.v. 3.

INDICADOR NACIONAL DE ANALFABETISMO FUNCIONAL (INAF). *Desafios e oportunidades para a promoção da leitura e da escrita de qualidade no Brasil*. 2014. Disponível em: <<https://gife.org.br/desafios-e-oportunidades-para-a-promocao-da-leitura-e-da-escrita-de-qualidade-no-brasil/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*. 4. ed. 2015. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2016.

JOBIM, José Luís. A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. (Coleção Leitura e Formação).

KLEIMAN, A. B. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Educação em ação).

_____. *Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?* 2005. Disponível em: <http://www.peif.ufms.br/downloads/meus-alunos-nao-gostam-de-ler_lajolo.pdf>. Acesso em: 2 maio 2017.

LEAHY, Cyana. *A leitura e o leitor integral: lendo na biblioteca da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura? *Periódico de Divulgação Científica da FALS*, ano 4, n. 8, jun. 2010.

MAUÉS, Flamarion. A exclusão da leitura. *Revista Teoria e Debate*, São Paulo: USP, ed. 50, 2002. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/cultura/exclusao-da-leitura?page=full>>. Acesso em: 5 set. 2017.

MELLO, Ana Carolina de Azevedo. *Bibliotecas públicas e escolares da cidade de Cornélio Procópio, PR: desafios dos mediadores de leitura para a formação de leitores*. 2016.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2016. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/acamello.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Sinopse estatística da Educação Básica*. 2010. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 15 out. 2017.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt; MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (Org.). *Mediadores de leitura na bibliodiversidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

NEVES, Magda de Almeida. *Mulheres são 81,5% do Magistério da Educação Básica no Brasil*. 2011. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/13784/mulheres-sao-815-do-magisterio-da-educacao-basica-no-brasil>>. Acesso em: 15 out. 2017.

OBSERVATÓRIO DO LIVRO E DA LEITURA. *Pesquisa Bibliotecas e Leitura Digital no Brasil*. 2014. Disponível em: <<http://gaiabrasil.com.br/2014/04/as-moscas-pesquisa-bibliotecas-e-leitura-digital-no-brasil/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

OLIVEIRA, Anne. *A biblioteca escolar e a leitura: um estudo sobre a atuação dos profissionais como mediadores*. 2008. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4332/2/TCCG%20-%20BIBLIOTECONOMIA-%20ANNE%20OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

OLIVEIRA, Malton de. *A mediação da leitura na aprendizagem*. 2014. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/56495/a-mediacao-da-leitura-na-aprendizagem>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

ORLANDI, E. P. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E.T. (Org.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Ed. da Feevale, 2009.

REYES, Yolanda. *Mediadores de leitura*. 2010. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

RIBEIRO, Ruth Leuda da Silva. *Leitura: um processo interdisciplinar de prazer, interesse e interação*. Fortaleza: Ed. da UFC, 2005.

RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker. *A formação do professor e a questão da leitura*. 2. ed. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2001.

RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker; FERRARI, Ariana Cybele (Org.). *Biblioteca, inovação e comunidades leitoras*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2016. (Jornadas literárias).

RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura: história e ensino*. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

RUSSO, Mariza. Resgate dos bibliotecários. *Revista Educação*, ano 13, n. 150, 2009. Disponível em: <<http://www.ibim.org.br/noticia.php?cod=34>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

SANTOS, Segundo et al. A biblioteca escolar como instrumento de incentivo à leitura. *Revista FAMA de Educação, Tecnologia e Informação*, v. 2, n. 1, p. 1-6, 2016.

SCLIAR, Moacyr. A Função Educativa da Leitura Literária. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 19º COLE*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 161-177.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. (Coleção Leitura e Formação).

SILVA, Ezequiel Teodoro. *Elementos da pedagogia da leitura*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA, Rosa Amélia P. *Leitura, necessidade; literatura, prazer*. 2014. Disponível em <<http://www.2014.revistainterambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/279/235.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. “Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida”: representações da professora na literatura infantil. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: FAGED-UFRGS, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Diógenes de; ALMEIDA, Raquel. *Hábito da leitura é prejudicado por falta de incentivo*. 2010. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/noticias/cultura//ler.asp?id=102435>>. Acesso em: 8 set. 2017.

STREHL, Leticia. *O bibliotecário e a promoção da leitura no contexto social brasileiro*. (s.d). Disponível em: <https://chasqueweb.ufrgs.br/~leticiastrehl/promocao_leitura.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

TOLDO, Claudia. O trabalho com a leitura e a escrita na escola. *Revista Desenredo*, v. 5, n. 1, p. 48-59, 2009. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/921/551>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

VIEIRA, Darci Rodrigo Mengue. *O bibliotecário como mediador da leitura: entre o livro e os usuários de três bibliotecas escolares públicas estaduais de Porto Alegre*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/69733/000872493.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22dez. 2016.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série Literatura em Foco).

_____. *Leitura Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.

APÊNDICE A – Roteiro de Pesquisa

ROTEIRO DE PESQUISA

Prezado professor (a), você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa sobre o tema “**A formação do professor leitor em duas gerações consecutivas**”, ou seja, até 05 anos e de 25 anos ou mais de magistério de responsabilidade do pesquisador Ademar Berghetti. Este questionário é parte da pesquisa à elaboração da Dissertação como requisito à obtenção do grau de Mestre em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo/RS. Para tanto, suas respostas são muito importantes para que a fase exploratória deste estudo se concretize. Destarte, peço sua cooperação para responder as questões norteadoras conforme roteiro. Desde já, agradeço a sua colaboração!

OBS: Caso as linhas não sejam suficientes para as respostas, favor utilizar o verso da folha identificando a questão correspondente com o seu referido número.

Dados de identificação do sujeito da pesquisa:

Nome: _____ Data: ____/____/____

(Não será identificado, só para organização da pesquisa)

Idade: _____ Gênero: _____

Instituição de ensino em que leciona: _____

Local: _____

Em relação à sua formação:

() Graduação;

() Especialização;

() Mestrado;

() Doutorado.

Área de formação: _____

Nível escolar em que leciona (ano): _____

Em relação ao seu tempo de docência:

- () Até 05 anos;
 () De 25 anos ou mais.

As respostas deste questionário correspondem à seguinte indagação: **Como se deu a formação do sujeito da pesquisa enquanto leitor?**

1. Que tipo de materiais de leitura havia na sua casa nos primeiros anos escolares?
2. Alguém lia para você na infância? O que liam?
3. Como foi que você começou a ler?
4. O que você gostava de ler na infância? Por quê?
5. Seus pais compravam livros para você? Quais?
6. Em sua infância, quem você considera ter sido seu maior incentivador (a) para se tornar leitor (a)? Como esta pessoa o (a) incentivou?
7. Na sua escola existia biblioteca? () Sim () Não.
8. Havia bibliotecário (a) capacitado (a)?
9. Como funcionava a biblioteca?
10. Como era o acervo? O acervo era renovado?
11. Havia empréstimo de livros?
12. O espaço físico era adequado?
13. Que materiais de leitura eram disponibilizados pela escola à sua formação leitora no Ensino Fundamental?
14. Como você foi incentivado (a) por seus professores, bibliotecário (a), amigos, colegas de aula e equipe diretiva, na sua formação leitora?
15. O que você lia durante o curso de magistério?

(Nesta questão assinale todas as alternativas que julgares pertinente).

- () Livros didáticos;
 () Livros infantis;
 () Livros de autoajuda;
 () Livros literários;
 () Livros de humor;
 () Crônicas;
 () Textos teóricos;
 () Gibis;
 () Textos religiosos;

- () Outros. Quais?
16. O que você gostava de ler no magistério? Por quê?
17. Que motivações você tinha para ler no magistério?
18. Quais são suas leituras atualmente?
- (Nesta questão assinale todas as alternativas que julgares pertinente).**
- () Livros didáticos;
- () Livros infantis;
- () Livros de autoajuda;
- () Livros literários;
- () Livros de humor;
- () Crônicas;
- () Textos teóricos;
- () Gibis;
- () Textos religiosos;
- () Outros: Quais
19. Com qual finalidade você lê?
- (Nesta questão assinale todas as alternativas que julgares pertinente).**
- () Por prazer;
- () Formação profissional;
- () Aperfeiçoamento;
- () Para entender a realidade;
- () Estimular a imaginação;
- () Para aprimorar a habilidade comunicativa;
- () Melhorar o vocabulário;
- () Outros: Quais?
20. Frequência com que vai à biblioteca? O que o (a) faria frequentar mais a biblioteca?
21. Você usa a internet para leitura? Qual você realiza?
22. Com que frequência você lê? E qual o tempo dedicado à leitura?
23. Qual a leitura que mais o (a) marcou na sua vida? Por quê?
24. Quais suas motivações para ler?
25. O que a leitura significa para você?
26. Como você percebe as promoções de incentivo à leitura?
27. Você se considera um leitor? Por quê?